

Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas

SAÚDE ALAGOAS

Análise da Situação de Saúde

2014

10ª REGIÃO

Maceió - AL
2014

Governo de Alagoas
Secretaria de Estado da Saúde
Superintendência de Vigilância em Saúde
Diretoria de Análise da Situação de Saúde

Saúde Alagoas
Análise da Situação de Saúde

Maceió – AL
2014

GOVERNADOR DO ESTADO
Teotônio Brandão Vilela Filho

VICE-GOVERNADOR
José Thomaz Nonô

SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE
Jorge de Souza Villas Bôas

SECRETÁRIA ADJUNTA DE ESTADO DA SAÚDE
Julia Maria Fernandes Tenório Levino

CHEFE DE GABINETE
Antônio de Pádua Cavalcante

SUPERINTENDÊNCIA DE VIGILÂNCIA À SAÚDE
Sandra Tenório Accioly Canuto

DIRETORIA DE ANÁLISE DA SITUAÇÃO DE SAÚDE
Herbert Charles Silva Barros

DIRETORIA DE LABORATÓRIO DE SAÚDE PÚBLICA
Telma Machado Lisboa Pinheiro

DIRETORIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE
Eliana Cavalcante Padilha

DIRETORIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE AMBIENTAL
Maria Elisabeth Vieira da Rocha

DIRETORIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR
Gardênia Souza Freitas de Santana

DIRETORIA DE VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA
Cleide Maria da Silva Moreira

DIRETORIA DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA
Paulo Bezerra Nunes

2014 – Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas

Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou para qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é de seus autores e suas respectivas Áreas Técnicas.

Este editorial pode ser acessado na íntegra no site da Secretaria de Estado da Saúde:
<http://www.saude.al.gov.br>

1ª Tiragem: Ano V (Vol. V) – 300 exemplares

Elaboração, edição e distribuição:

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE ALAGOAS - SESAU
Superintendência de Vigilância em Saúde - SUVISA
Diretoria de Análise da Situação de Saúde - DIASS
Coordenação Técnica, Produção e Organização: DIASS
Avenida da Paz, nº 1068. Salas: 201, 202 e 203 – Jaraguá
CEP: 57022-050 – Maceió/ Alagoas

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação:

David Silva de Lima – DIASS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
PERFIL DEMOGRÁFICO, DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE.....	9
ASPECTOS DEMOGRÁFICOS.....	10
População Residente	10
População residente segundo sexo	11
Pirâmides etárias	11
Taxa específica de fecundidade.....	12
Taxa de Fecundidade Total.....	15
Índice de envelhecimento	16
Razão de dependência.....	17
DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE	18
Aspectos Socioeconômicos	18
Índice de GINI	19
Taxa de Analfabetismo	19
Taxa de Desemprego	20
Taxa de Trabalho Infantil	21
População com baixa renda	21
Situação de saneamento e moradia	22
Aglomerados Subnormais.....	22
NATALIDADE	23
TIPO DE PARTO	25
BAIXO PESO AO NASCER.....	27
PREMATURIDADE	29
MÃES ADOLESCENTES	33
CONSULTA PRÉ-NATAL	35
ESCOLARIDADE	37
ANOMALIAS CONGÊNITAS.....	38
APGAR.....	39

MORBIDADE.....	41
DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS	42
Áreas endêmicas.....	42
Dengue.....	42
Esquistossomose	45
Doença de Chagas, Leishmaniose Tegumentar Americana e Leishmaniose Visceral	46
Hanseníase.....	46
Tuberculose	49
Sífilis congênita/gestante	54
AIDS	56
Tétano Acidental.....	58
Meningites.....	59
Hepatites virais.....	60
AGRAVOS A SAÚDE.....	61
Escorpionismo	61
Ofidismo	62
DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO	63
Acidente de trabalho com exposição à material biológico	63
Acidente de trabalho grave	65
Demais doenças e agravos relacionados ao trabalho	66
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, SEXUAL E OUTRAS VIOLÊNCIAS	66
VACINAÇÃO	68
MORBIDADE HOSPITALAR	71
INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA (ICSAP).....	74
DOENÇAS RELACIONADAS AO SANEAMENTO AMBIENTAL INADEQUADO (DRSAI).....	78
DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO (DART)	80
DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS (DCNT).....	83
MORTALIDADE.....	93

ELABORADORES

Saúde Alagoas: Análise da Situação de Saúde

Capítulo 1 – Perfil demográfico, determinantes e condicionantes de saúde

Rívia Rose da Silva Machado

Capítulo 2 – Natalidade

Merielle de Souza Almeida

Capítulo 3 – Morbidade

Bruno Souza Lopes

Capítulo 4 – Morbidade Hospitalar

Herbert Charles Silva Barros

Capítulo 5 – Mortalidade

Anderson Brandão Leite

APRESENTAÇÃO

A Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas apresenta o livro **Saúde Alagoas 2014, ano 5º: Análise da Situação de Saúde**, publicação preparada e organizada com muito carinho pela Superintendência de Vigilância em Saúde, através da Diretoria de Análise da Situação de Saúde, abordando indicadores relevantes, que irão servir de subsídio para o planejamento baseado em evidências.

A vigilância em saúde tem por objetivo a observação e análise permanentes da situação de saúde da população, conjunto de ações destinadas a controlar determinantes, riscos e danos à saúde de populações que vivem em determinados territórios, garantindo a integralidade da atenção.

A situação atual não nos permite mais propor ações e metas sem demonstrarmos as reais necessidades, pois, se permanecermos nessa prática arcaica, estaremos replicando formas errôneas que deixarão o planejamento fadado ao fracasso e a população cada vez mais vulnerável.

Com isso, espera-se que técnicos e gestores utilizem este instrumento como um dos balizadores de suas programações plurianuais e anuais, refletindo com maior fidedignidade a realidade local e regional.

Que estes livros não se tornem a única fonte de análise de indicadores, mas um indutor para a busca, aprimoramento e utilização de todas as fontes de dados disponibilizadas pelas diversas esferas de gestão.

Jorge de Souza Villas Bôas
Secretário de Estado da Saúde de Alagoas

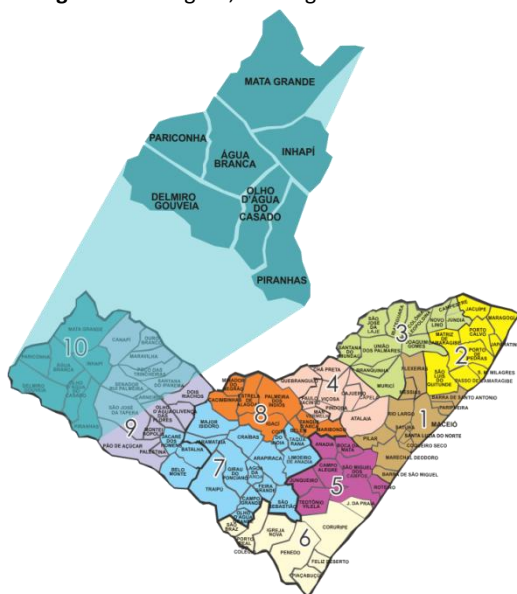


**PERFIL DEMOGRÁFICO, DETERMINANTES E
CONDICIONANTES DE SAÚDE**

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

Os Municípios que compõem a 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas localizam-se na mesorregião do Sertão Alagoano. Possui um clima semi-árido, com precipitação irregular de chuvas. A temperatura média pode variar, com a máxima chegando até 34,6°C, e a mínima, a 20,7°C. Na figura abaixo é possível visualizar o mapa de Alagoas, com destaque para a 10ª RS.

Figura 01 – Alagoas, 10ª Região de Saúde. 2014.



Fonte: DIASS/SUVISA/SESAU-AL.

População Residente

Ao analisar a população residente na 10ª RS, verifica-se que esta região apresenta uma população de 160.800 habitantes, que corresponde a 4,8% da população do estado. Ao analisar os municípios pertencentes a esta RS, observa-se que Delmiro Gouveia possui o maior percentual de população residente (31,9%), seguido de Mata Grande (15,4%). A menor população está no Município de Olho d'Água do Casado (5,7%) (tabela 01).

Tabela 01 - População residente na 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2014.

LOCALIDADE	POPULAÇÃO	%
10ª RS	160.800	---
Água Branca	20.601	12,8
Delmiro Gouveia	51.349	31,9
Inhapi	18.535	11,5
Mata Grande	25.659	16,0
Olho d'Água do Casado	9.209	5,7
Pariconha	10.688	6,6
Piranhas	24.759	15,4

Fonte: DATASUS/IBGE/2014.

*Dados obtidos com base na projeção do IBGE/2014.

População residente segundo sexo

Observando a população segundo sexo, verifica-se que o percentual da população feminina é maior que a masculina na maioria dos municípios, com exceção de Olho d'Água do Casado, onde observa-se que a população masculina é maior que a feminina, expressa também pela razão de sexos, com 101,7 homens para cada 100 mulheres (tabela 02).

Tabela 02 - População residente em Alagoas por Municípios da 10ª Região de Saúde, segundo sexo. 2012.

LOCALIDADE	SEXO				RAZÃO DE SEXOS
	MASCULINO (%)		FEMININO (%)		
10ª RS	75.284	49,1	78.137	50,9	96,3
Água Branca	9.848	49,8	9.915	50,2	99,3
Delmiro Gouveia	23.427	47,9	25.449	52,1	92,1
Inhapi	8.774	49,2	9.065	50,8	96,8
Mata Grande	12.209	49,9	12.240	50,1	99,7
Olho d'Água do Casado	4.390	50,4	4.318	49,6	101,7
Pariconha	5.119	49,8	5.163	50,2	99,1
Piranhas	11.517	49,0	11.987	51,0	96,1

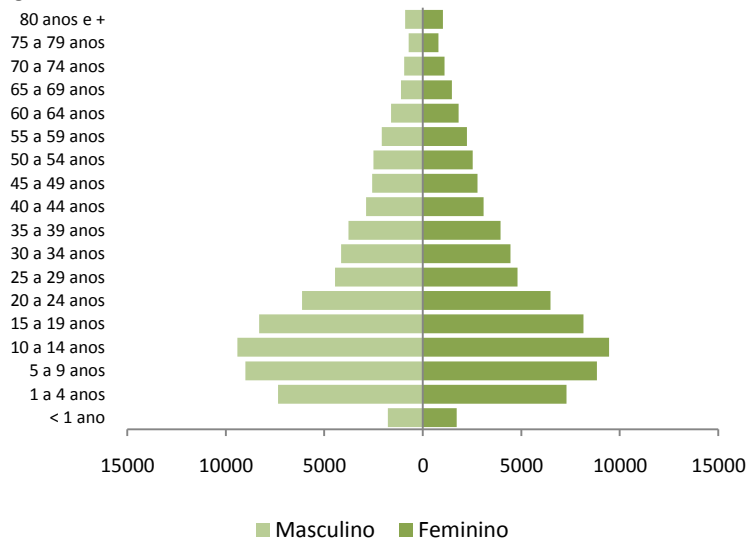
FONTE: DATASUS/IBGE/2012.

Pirâmides etárias

A distribuição da população por grupos etários é demonstrada e comparada, com dados do censo do IBGE de 2000 e projeção para 2012, respectivamente, nas figuras 02 e 03, e evidenciam um leve crescimento da população de 60 anos e mais (a proporção de idosos na 10ª RS aumentou, neste período, de 8,11% para 9,85%), além de uma redução proporcional na população acima de 20 anos. Chama à atenção a redução da população nos grupos etários menores de 15 anos, em especial a faixa etária de 1 a 4 anos que obteve uma redução de 10,34% para 7,83%.

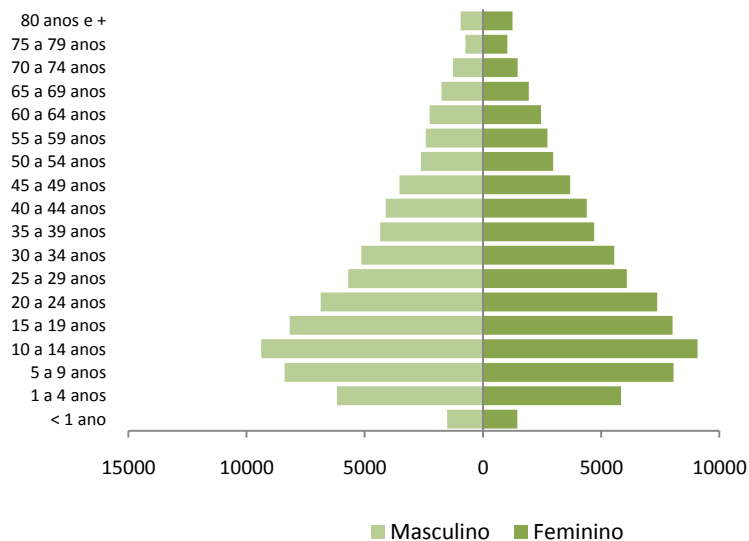
Em 2012, a pirâmide etária da 10ª Região de Saúde, demonstra que o maior número de pessoas, de ambos os sexos, encontra-se na faixa etária de 10 a 14 anos (Figura 03).

Figura 02 – Pirâmide etária da população da 10ª Região de Saúde, Alagoas, segundo censo 2000.



FONTE: DATASUS/IBGE/2000

Figura 03 – Pirâmide etária da população residente na 10ª Região de Saúde, 2012.



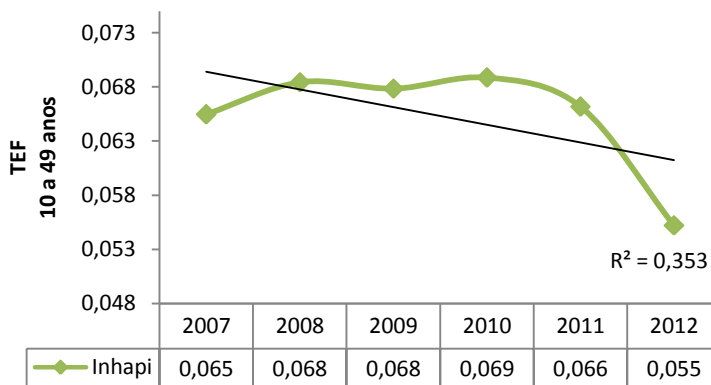
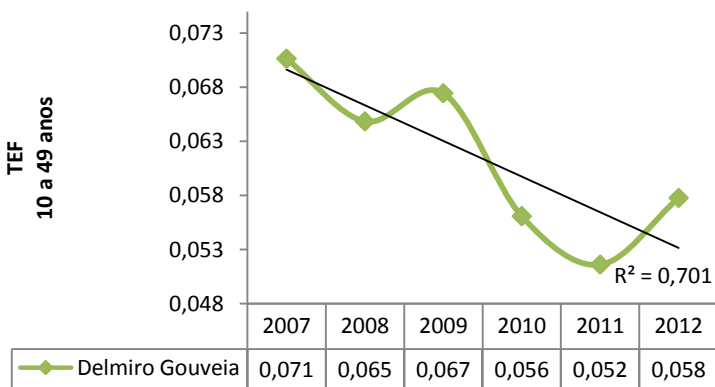
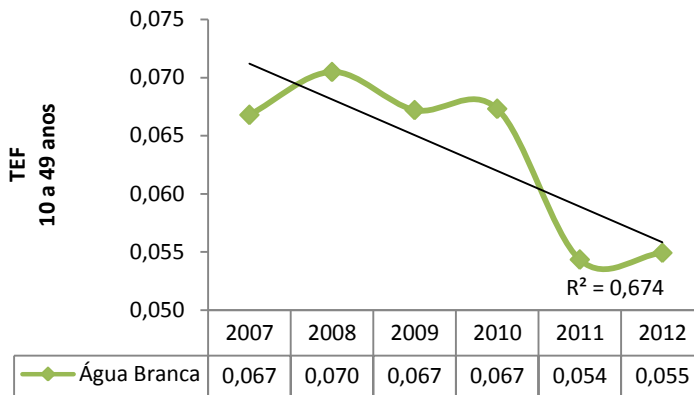
FONTE: DATASUS/IBGE/2012

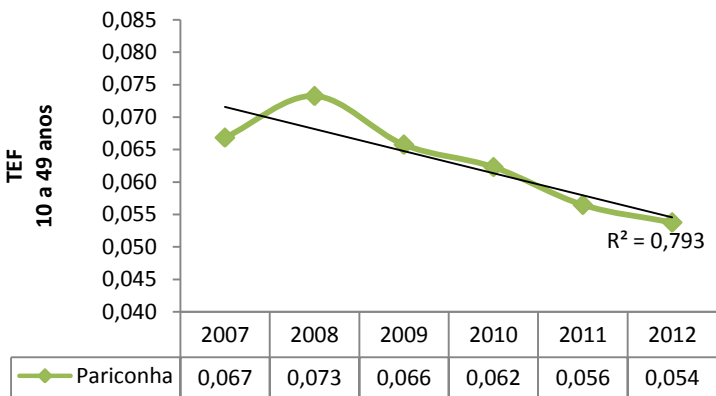
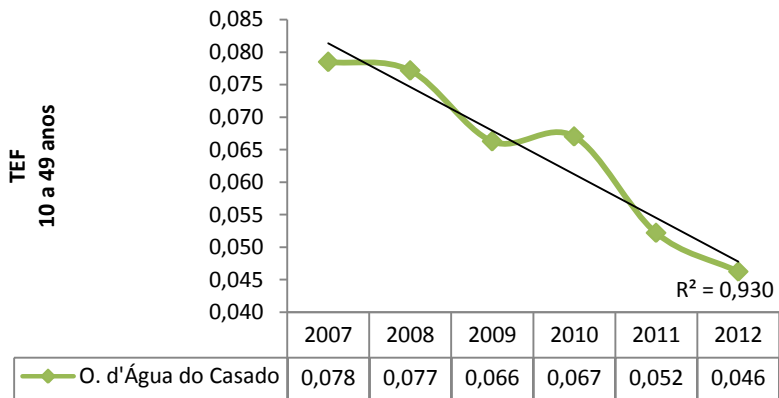
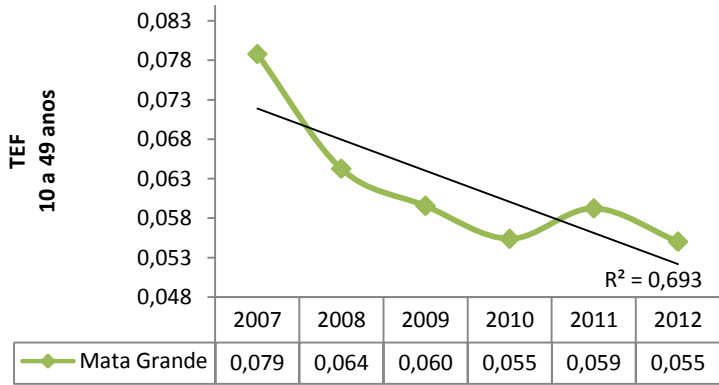
Taxa específica de fecundidade

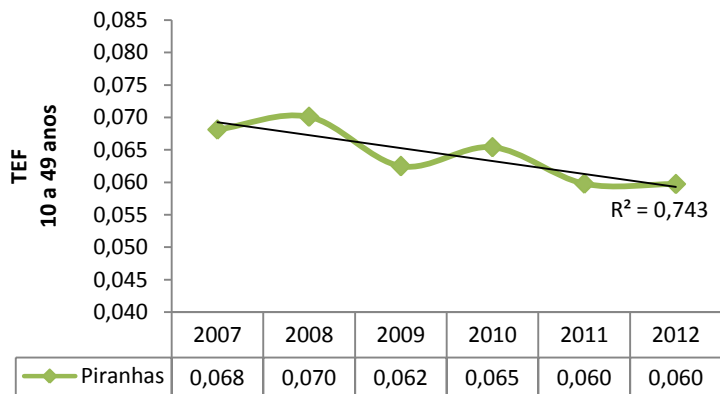
Ao observar, na figura 04, a taxa específica de fecundidade, em uma análise temporal de 2007 a 2012, verifica-se que em todos os Municípios da 10ª RS houve tendência de queda

significativa. O município de Olho d'Água do Casado apresentou a tendência mais forte de queda significativa dessa taxa ($R^2=0,930$).

Figura 04 - Taxa específica de fecundidade, segundo Municípios da 10ª Região de Saúde de Alagoas e faixa etária. 2012.







FONTE: IBGE/2012/SINASC, tabulado em 03.06.2013

Taxa de Fecundidade Total

No período avaliado, observa-se uma forte tendência de redução ($R^2=0,966$) da taxa de fecundidade total para a 10ª Região de Saúde. Verifica-se que em todo o período avaliado a região apresentou uma taxa acima do limiar de reposição da população (figura 05).

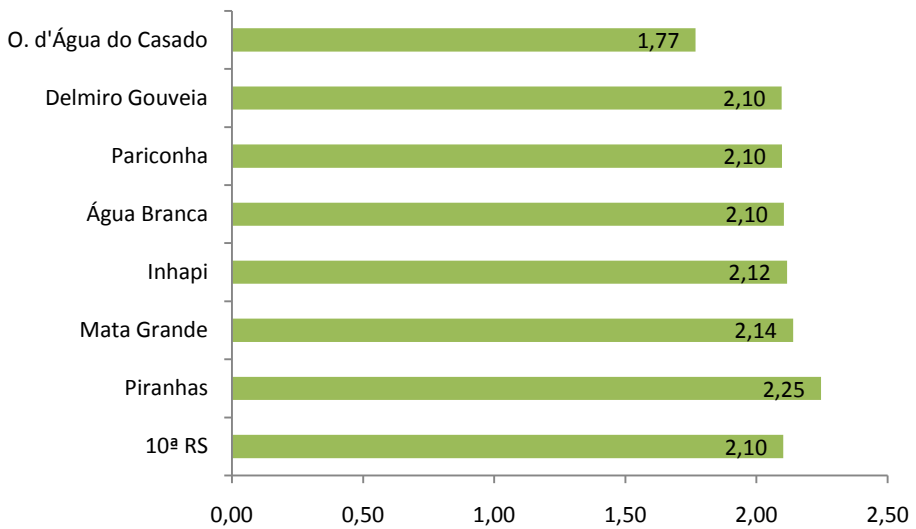
Figura 05 – Taxa de Fecundidade total na 10ª Região de Saúde de Alagoas. 2007 a 2012.



FONTE: IBGE/2012/SINASC, tabulado em 03.06.2013

Segundo Municípios da 10ª Região de Saúde, a maior taxa de fecundidade observada é em Piranhas (2,25 filhos/mulher) e a menor em Olho d'Água do Casado (1,77 filho/mulher) (figura 06).

Figura 06 – Taxa de Fecundidade total segundo Municípios da 10ª Região de Saúde de Alagoas. 2012.

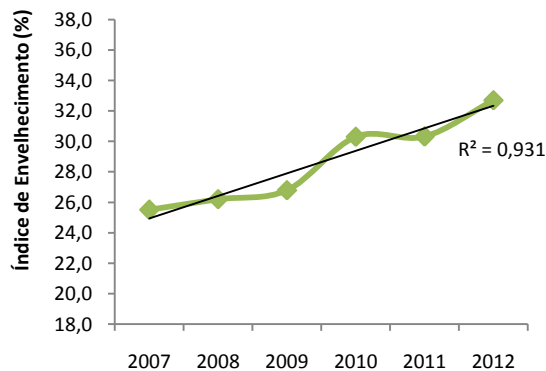


FONTE: IBGE/2012/SINASC, tabulado em 03.06.2013

Índice de envelhecimento

Os dados da figura 07 mostram uma forte tendência de crescimento ($R^2=0,931$) do índice de envelhecimento da população residente na 10ª RS.

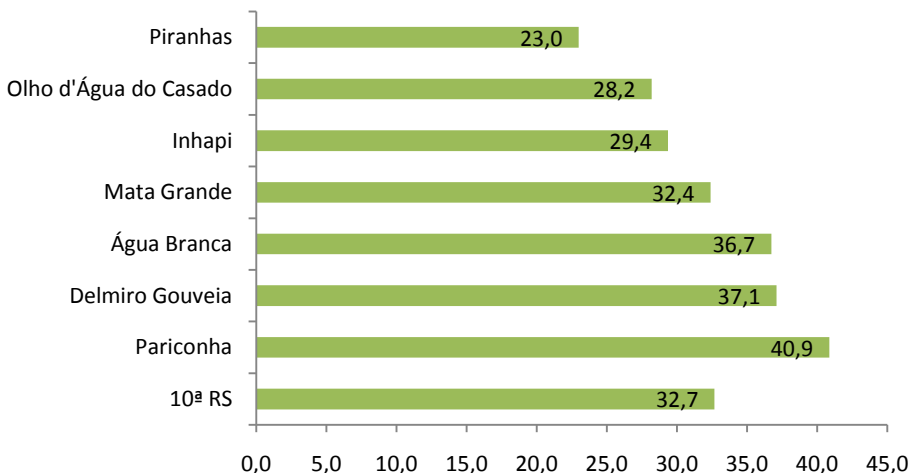
Figura 07 - Índice de Envelhecimento da população da 10ª Região de Saúde. Alagoas, 2007 a 2012.



FONTE: DATASUS/IBGE/2012

Quando o índice de envelhecimento é observado segundo os Municípios da região de saúde, Pariconha (40,87%) apresenta o maior índice. O menor índice encontrado foi no Município de Piranhas (22,99%) (Figura 08).

Figura 08 - Índice de Envelhecimento na 10ª Região de Saúde de Alagoas, 2012.

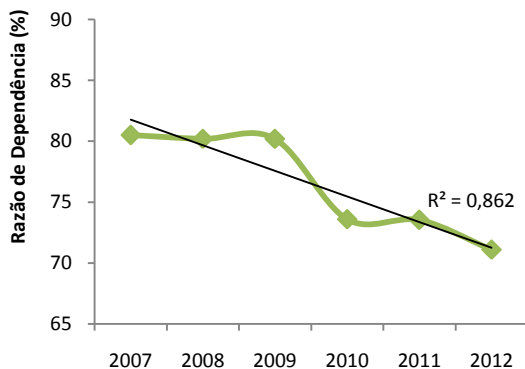


FONTE: DATASUS/IBGE/2012

Razão de dependência

Ao avaliar o período de 2007 a 2012, observa-se que a 10ª RS apresenta uma forte tendência significativa de declínio da razão de dependência ($R^2 = 0,862$), o que está relacionado ao processo de transição demográfica (figura 09).

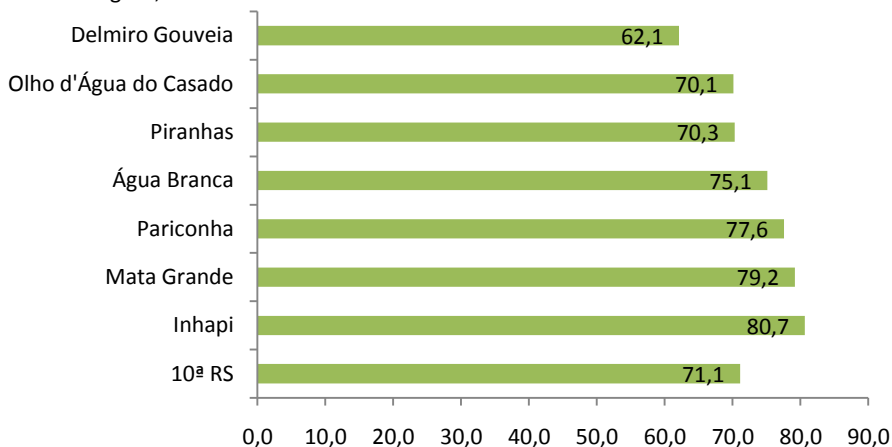
Figura 09 - Razão de Dependência da população da 10ª Região de Saúde. Alagoas, 2007 a 2012.



FONTE: DATASUS/IBGE/2012

Quando avaliados os Municípios, Inhapi apresentar a maior razão de dependência (80,7%). Já o Município de Delmiro Gouveia aparece com a menor razão (62,1%) (figura 10).

Figura 10 – Razão de Dependência dos Municípios da 10ª Região de Saúde de Alagoas, 2012.



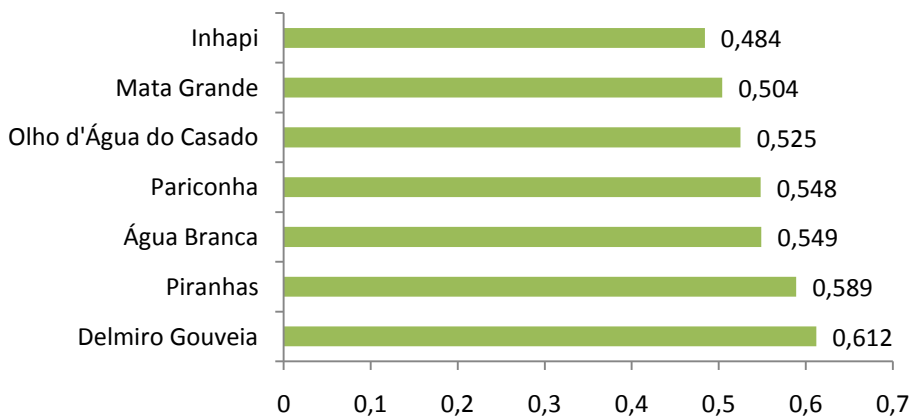
FONTE: DATASUS/IBGE/2012

DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE

Aspectos Socioeconômicos

Em uma média feita a partir do IDH-M disponibilizado pelo PNUD (2010), a 10ª RS apresentou 0,544. Observando os Municípios da 10ª RS, Delmiro Gouveia apresenta o maior IDH-M (0,612), enquanto Inhapi possui o menor IDH-M (0,484) (Figura 11).

Figura 11 - Índice de desenvolvimento humano municipal, segundo Municípios da 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2010.



FONTE: PNUD/2010.

Índice de GINI

Ao avaliar o índice de Gini, segundo os Municípios da 10ª RS, pode-se verificar que em 2010 o maior está em Inhapi. Comparando o índice de Gini nos anos de 2000 e 2010, observa-se em todos os Municípios da Região houve redução desse índice, o que indica a diminuição das concentrações de renda nesses Municípios (tabela 03).

Tabela 03 – Índice de Gini da renda domiciliar *per capita*, segundo Municípios da 10ª RS. Alagoas, 2000 e 2010.

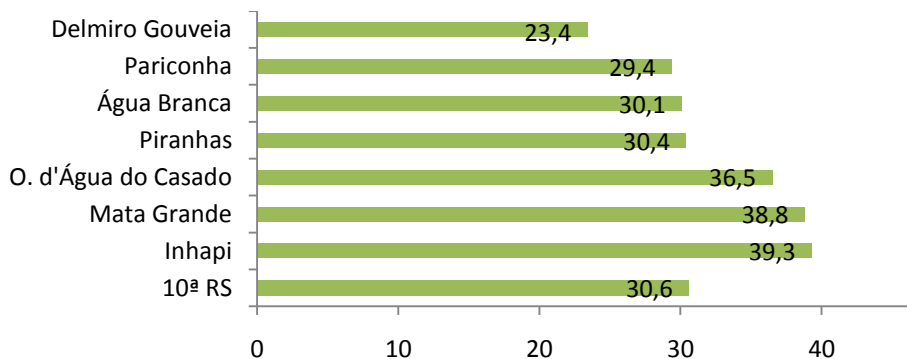
LOCALIDADE	ANO	
	2000 (%)	2010 (%)
10ª RS	0,661	0,575
Água Branca	0,660	0,567
Delmiro Gouveia	0,605	0,538
Inhapi	0,684	0,678
Mata Grande	0,670	0,575
Olho d'Água do Casado	0,625	0,550
Pariconha	0,649	0,504
Piranhas	0,736	0,613

FONTE: DATASUS/IBGE/2010.

Taxa de Analfabetismo

Analisando a taxa de analfabetismo, observa-se que o Município de Inhapi apresenta a maior taxa da Região (39,3%), enquanto Delmiro Gouveia possui a menor (23,4%) (figura 12).

Figura 12 - Taxa de analfabetismo, segundo Municípios da 10ª Região de Saúde. Alagoas. 2010.

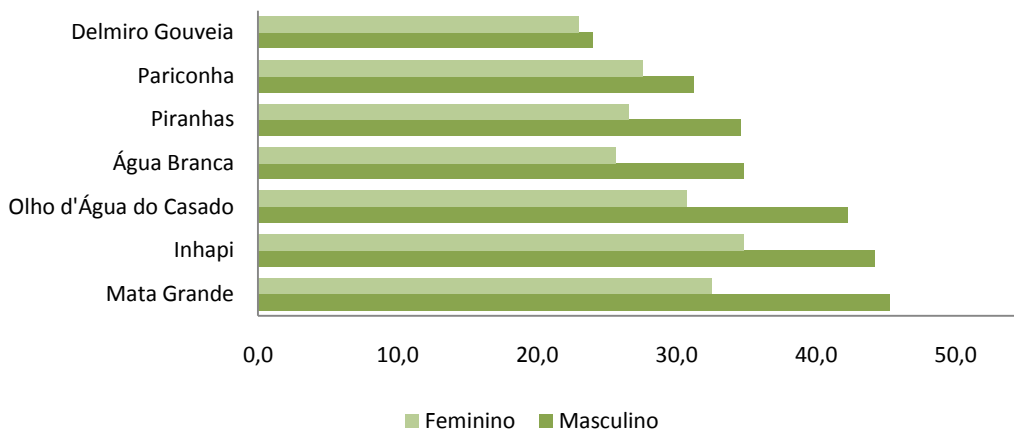


FONTE: DATASUS/IBGE/2010.

Quando as taxas são comparadas segundo sexo, observa-se que, dentre os Municípios, Mata Grande apresenta o maior índice de analfabetos do sexo masculino da Região. Já Inhapi apresenta o maior índice de analfabetos do sexo feminino da Região. O Município de Mata Grande chama a

atenção por apresentar a maior diferença das taxas entre os sexos, onde a taxa de analfabetismo no sexo masculino é muito maior, quando comparado ao feminino (Figura 13).

Figura 13 - Taxa de analfabetismo, segundo Municípios da 10ª Região de Saúde e sexo. Alagoas, 2010.



FONTE: DATASUS/IBGE/2010.

Taxa de Desemprego

Ao verificar a situação de desemprego, segundo os Municípios da 10ª RS, observa-se que a maior taxa, em 2010, está em Delmiro Gouveia (12,1%). Comparando as taxas entre 2000 e 2010, observa-se que em todos os Municípios e na 10ª RS houve redução da taxa em 2010. Porém, o Município de Piranhas apresentou a maior redução da taxa entre 2000 e 2010 (Tabela 04).

Tabela 04 - Taxa de desemprego da população com 16 anos e mais de idade, segundo Municípios da 10ª Região de Saúde e ano. Alagoas. 2000 e 2010.

LOCALIDADE	ANO	
	2000 (%)	2010 (%)
10ª RS	10,8	6,9
Água Branca	10,3	4,3
Delmiro Gouveia	17,4	12,1
Inhapi	8,3	3,9
Mata Grande	2,8	1,6
Olho d'Água do Casado	11,7	7,0
Pariconha	4,0	3,4
Piranhas	13,0	7,0

FONTE: DATASUS/IBGE/2000/2010

Taxa de Trabalho Infantil

A taxa de trabalho infantil, observada, segundo Municípios da 10ª RS, indica que o Município de Mata Grande apresenta a maior taxa no ano de 2010 (31,6%). Fazendo uma comparação entre os anos 2000 e 2010, verifica-se que houve redução em quase todos os Municípios, com exceção de Água Branca, Mata Grande e Piranhas onde foi observado um aumento da taxa (Tabela 05).

Tabela 05 - Taxa de trabalho infantil, segundo Municípios da 10ª Região de Saúde e ano. Alagoas, 2000 e 2010.

LOCALIDADE	ANO	
	2000 (%)	2010 (%)
10ª RS	25,2	21,6
Água Branca	26,6	27,5
Delmiro Gouveia	16,5	11,2
Inhapi	42,1	28,0
Mata Grande	29,7	31,6
Olho d'Água do Casado	33,1	19,3
Pariconha	26,9	19,4
Piranhas	16,6	20,0

FONTE: DATASUS/IBGE/2000/2010

População com baixa renda

Dados do IBGE (2010) apontam que a proporção de pessoas com renda inferior a meio salário mínimo reduziu entre os anos de 2000 e 2010 em todos os Municípios da 10ª RS. A maior proporção de pessoas com baixa renda em 2010 está em Inhapi (85,2%), e a menor está em Delmiro Gouveia (59,4%) (Tabela 06).

Tabela 06 – Proporção de pessoas com renda inferior a ½ salário mínimo, segundo Municípios da 10ª Região de Saúde e ano. Alagoas. 200 e 2010. População com baixa renda

LOCALIDADE	ANO	
	2000 (%)	2010 (%)
10ª RS	84,9	70,7
Água Branca	85,0	75,0
Delmiro Gouveia	78,1	59,4
Inhapi	90,7	85,2
Mata Grande	89,6	76,5
Olho d'Água do Casado	89,8	74,9
Pariconha	90,2	71,2
Piranhas	84,1	72,1

FONTE: DATASUS/IBGE/2000/2010.

Situação de saneamento e moradia

As informações disponíveis sobre a situação de saneamento e moradia estão de acordo com dados disponibilizados pelo último censo do IBGE, em 2010, onde o Município de Mata Grande registrou o menor percentual de residências com abastecimento de água pela rede pública (36,9%). Com relação às moradias particulares permanentes que possuem energia, Delmiro Gouveia possui a maior cobertura, (98,8%). Mata Grande chama atenção por apresentar apenas 32,4% de domicílios com coleta de lixo. Com relação ao destino de fezes e urina, Inhapi possui a maior quantidade de domicílios com fossas sépticas e Pariconha a maior quantidade de fossas rudimentares (respectivamente, 10,9% e 70,5%). Quando observado o destino das fezes e urina na rede geral de esgoto ou pluvial, verifica-se que o maior percentual encontrado está em Delmiro Gouveia (68,5%) (Tabela 07).

Tabela 07 - Percentual de domicílios segundo condições de moradia e tipo de esgotamento sanitário dos Municípios da 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2010.

Localidade	Abastecimento de água da rede pública	Energia elétrica	Lixo coletado	Destino das fezes e urina		
				Fossa Séptica	Fossa Rudimentar	Rede geral de esgoto ou pluvial
10ª RS	66,6	97,0	63,3	5,7	31,6	36,0
Água Branca	59,8	97,1	36,3	1,0	42,9	28,9
Delmiro Gouveia	90,4	98,8	88,0	5,3	15,8	68,5
Inhapi	40,0	94,8	46,7	10,9	42,1	1,8
Mata Grande	36,9	96,1	32,4	10,0	30,5	10,3
Olho d'Água do Casado	69,1	94,2	56,8	0,9	60,1	11,8
Pariconha	61,2	96,8	59,1	2,0	70,5	1,7
Piranhas	71,8	96,5	79,2	5,5	23,3	46,0

FONTE: IBGE/2010

Aglomerados Subnormais

O manual de delimitações dos Setores do Censo 2010 do IBGE classifica como aglomerado subnormal cada conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa. A identificação atende aos seguintes critérios: possuem urbanização fora dos padrões vigentes (refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos) ou precariedade na oferta de serviços públicos essenciais (abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta de lixo e fornecimento de energia elétrica) (IBGE 2010). Baseado nos critérios expostos acima, nenhum Município da 10ª RS possui situação de Aglomerado Subnormal.

The image features a minimalist, abstract design. On the left side, there are several vertical lines of varying thicknesses, some dark grey and some light grey, creating a sense of depth and structure. The right side of the image shows a perspective view of a hallway or a series of parallel lines that recede into the distance, also using shades of grey. The overall composition is clean and modern.

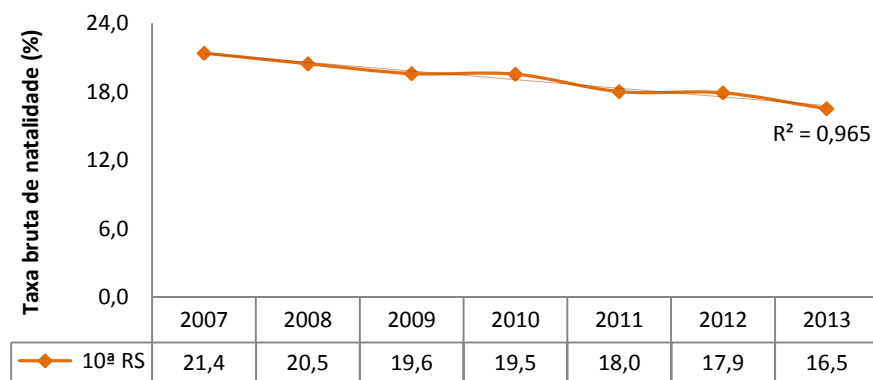
NATALIDADE

De 2007 a 2013, a Taxa Bruta de Natalidade (TBN) da 10ª Região de Saúde (RS) de Alagoas apresentou forte tendência de queda ($R^2 = 0,965$)(Figura 01).

Em 2013, essa região apresentou uma taxa de 16,5 Nascidos Vivos/ 1.000 habitantes, a terceira maior TBN dentre as RS do estado.

De acordo com a Rede Interagencial de Informações para a Saúde – RIPSAs – esse indicador pode subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas públicas relativas à atenção materno-infantil. Em geral, taxas elevadas estão associadas a condições socioeconômicas precárias e a aspectos culturais da população.

Figura 01 – Taxa Bruta de Natalidade dos nascidos vivos de mães residentes na 10ª Região de Saúde - 2007 a 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: DATASUS/SINASC

Quando observado segundo município vê-se que em Pariconha houve forte decréscimo dessa taxa. Os demais municípios também apresentaram decréscimo. (Tabela 01).

Tabela 01 – Taxa Bruta de Natalidade dos nascidos vivos de mães residentes na 10ª Região de Saúde por município - 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	TAXA BRUTA DE NATALIDADE						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª RS	21,4	20,5	19,6	19,5	18,0	17,9	16,5
Água Branca	19,3	20,5	19,6	20,6	16,7	16,9	16,4
Delmiro Gouveia	21,2	20,3	21,0	18,6	17,1	19,2	17,1
Inhapi	22,6	20,5	20,3	21,5	20,7	17,2	17,1
Mata Grande	21,5	18,1	16,8	16,8	18,1	16,8	14,4
Olho d'Água do Casado	22,1	23,1	19,7	21,3	16,4	14,7	17,0
Pariconha	21,7	21,1	19,0	18,7	17,1	16,0	16,3
Piranhas	22,0	21,9	19,4	21,7	19,7	19,9	17,1

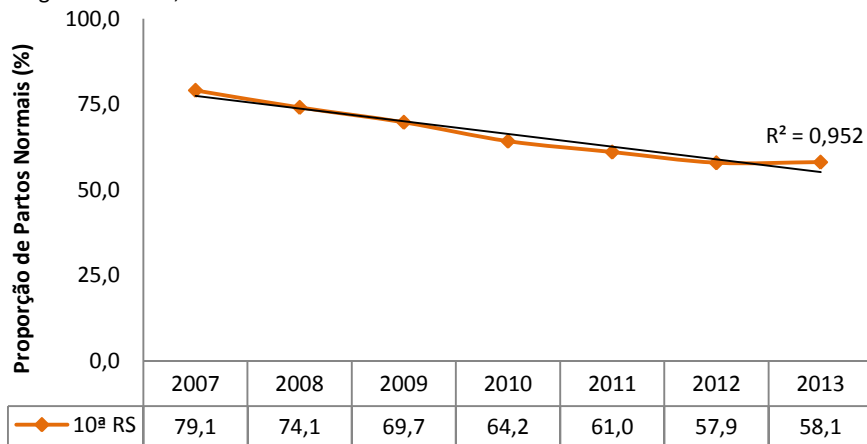
*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: DATASUS/SINASC

TIPO DE PARTO

A proporção de partos normais (PN) entre os nascidos vivos (NV) de mães residentes na 10ª RS segue forte tendência de queda ($R^2 = 0,952$). Entre 2007 e 2013 ocorreu uma redução de 26,5% (Figura 02).

Figura 02 – Proporção de nascidos vivos por parto normal de mães residentes na 10ª Região de Saúde, 2007 a 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

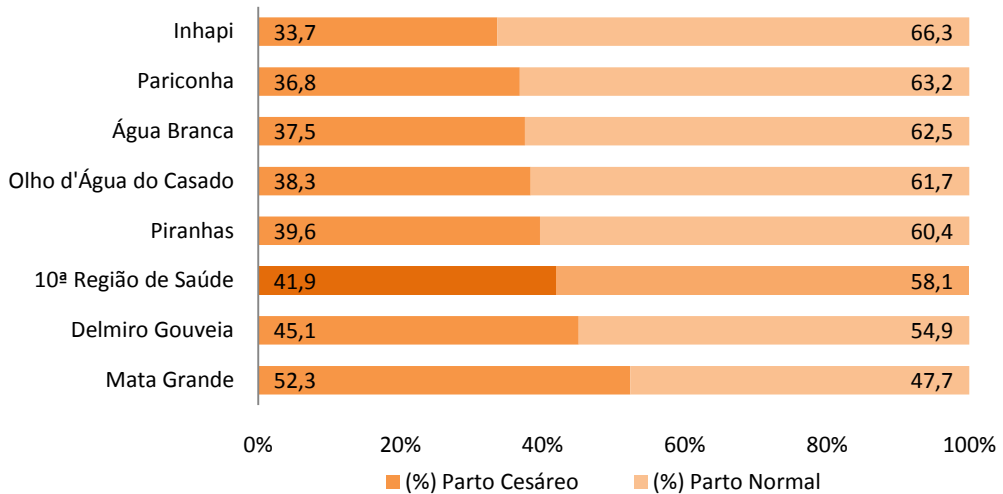
Fonte: SINASC

Em 2013, 58,1% dos nascimentos da 10ª RS foram por parto normal, valor 33,2% acima do ocorrido no estado.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que o total de partos cesáreos em relação ao número total de partos realizados em um serviço de saúde seja de 15%. Tal determinação está fundamentada no princípio de que apenas 15% do total de partos apresentam uma situação onde é fundamental para preservação da saúde materna e/ou fetal que o parto seja realizado cirurgicamente e não por via natural (OMS, 1996).

Em 2013, dentre os municípios dessa região, Inhapi apresentou a maior proporção de PN, 14,1% acima do ocorrido em toda região, enquanto que Mata Grande apresentou a menor proporção, sendo esta 17,9% menor que a da RS (Figura 03).

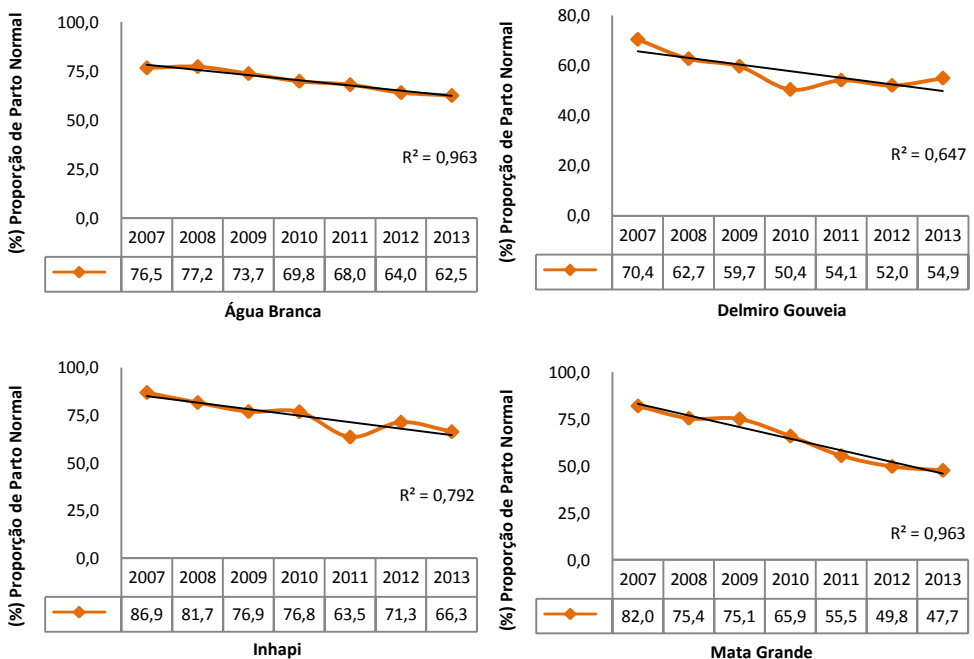
Figura 03 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 10ª Região de Saúde Segundo tipo de parto, por município - 2013*.

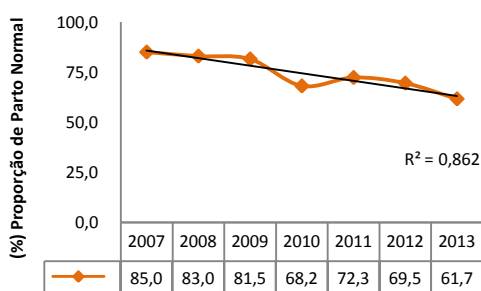


*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.
Fonte: SINASC

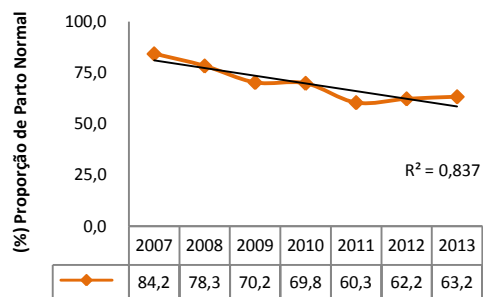
Todos os municípios dessa região apresentam forte tendência de queda na proporção de PN (Figura 04). Água Branca ($R^2 = 0,963$), Mata Grande ($R^2 = 0,963$) e Piranhas ($R^2 = 0,946$) apresentaram decréscimo mais significativo.

Figura 04 – Proporção de nascidos vivos por parto normal de mães residentes na 10ª Região de Saúde, por município – 2007 a 2013*.

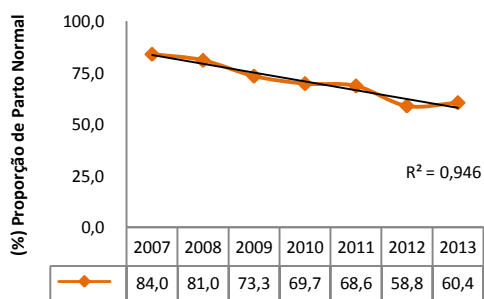




Olho d'Água do Casado



Pariconha



Piranhas

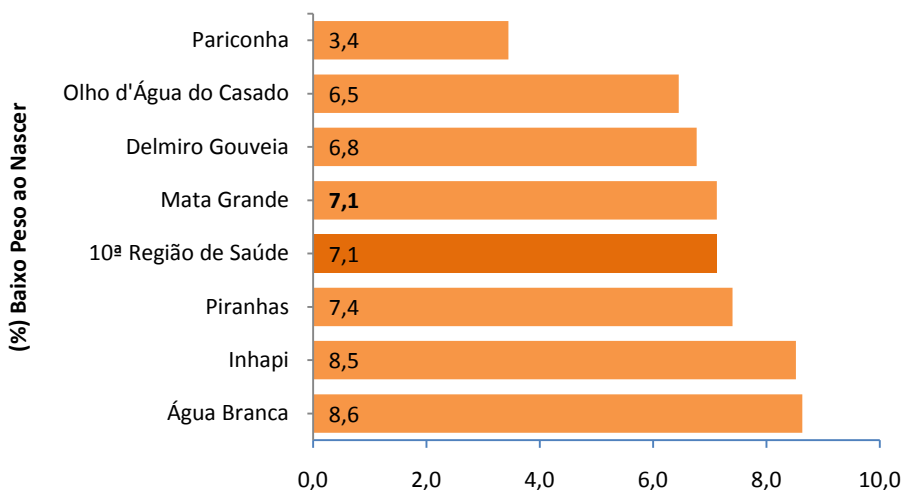
* Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.
Fonte: SINASC

BAIXO PESO AO NASCER

O Baixo Peso ao Nascer (BPN) é um importante indicador da sobrevivência infantil. Quanto menor o peso ao nascer, maior a probabilidade de morte precoce.

Observa-se que em 2013 apenas 7,1% dos NV dessa RS apresentavam BPN (Figura 05), a segunda menor proporção do estado. Pariconha apresentou valor 52,1% abaixo desse, a menor proporção dentre os municípios. Enquanto que em Água Branca ocorreu a maior proporção de BP, 21,1% acima do valor da região.

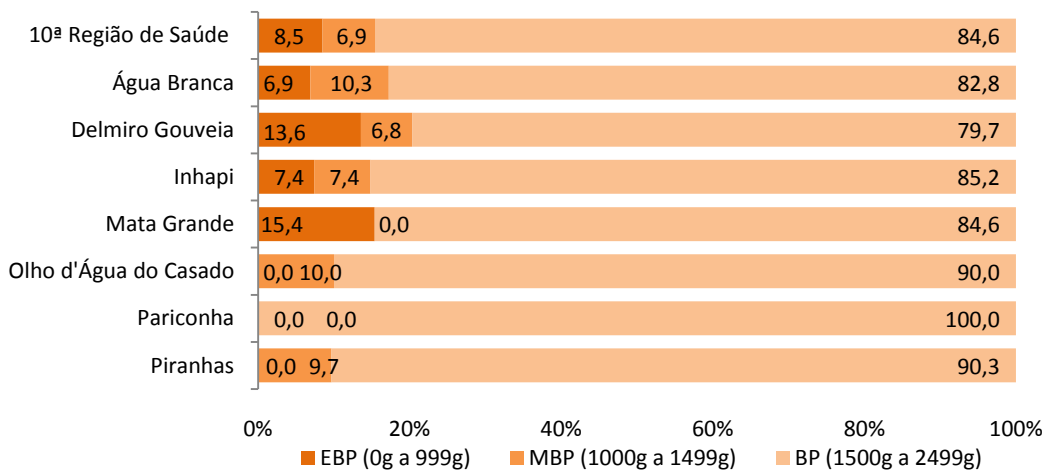
Figura 05 – Proporção de nascidos vivos com Baixo Peso ao Nascer de mães residentes na 10ª Região de Saúde, por município – 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.
Fonte: SINASC

Em 2013, dos NV com baixo peso, 8,5% apresentavam Extremo Baixo Peso (EBP), ou seja, com peso abaixo de 1000g. O município de Mata Grande destaca-se por apresentar a maior proporção de EBP (15,4%). Em Olho d'Água do Casado, Pariconha e Piranhas não houve nascimento nessas condições de peso. No município de Pariconha 100% dos NV com BPN pesavam entre 1500g a 2499g (BP). Delmiro Gouveia deteve a menor proporção destes (79,7%).

Figura 06 – Proporção de nascidos vivos de Extremo Baixo Peso (EBP), Muito Baixo Peso (MBP) e Baixo Peso (BP) ao nascer, residentes na 10ª Região de Saúde, por município - 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.
Fonte: SINASC

Analisando a condição do EBP ao nascer nos últimos sete anos observa-se uma média de 32,5% NV com EBP pesando abaixo de 500g. O município de Inhapi registrou a menor proporção de NV com EBP nesta condição de peso (Tabela 02). O município de Olho d'Água do Casado a partir de 2009 não houve nascimento nessa condição de peso.

A menor ocorrência de NV com EBP pesando entre 501g a 999g foi no município de Olho d'Água do Casado. É importante ressaltar que o BP reflete a qualidade do atendimento à gestante, no âmbito nutricional, acompanhamento pré-natal e assistência ao parto.

Tabela 02 – Nascidos vivos com Extremo Baixo Peso (EBP) estratificado, residentes na 10ª Região de Saúde, por município – 2007 a 2013*.

≤ 500 g							
LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª RS	33,3	23,8	28,6	28,6	42,9	45,5	25,0
Água Branca	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	100,0	0,0
Delmiro Gouveia	33,3	37,5	16,7	0,0	0,0	50,0	12,5
Inhapi	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0
Mata Grande	0,0	0,0	100,0	50,0	50,0	100,0	50,0
Olho d'Água do Casado	100,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Pariconha	0,0	50,0	0,0	66,7	0,0	100,0	0,0
Piranhas	28,6	0,0	50,0	0,0	50,0	16,7	0,0
501g a 999g							
10ª RS	66,7	76,2	71,4	71,4	57,1	54,5	75,0
Água Branca	0,0	100,0	100,0	100,0	50,0	0,0	100,0
Delmiro Gouveia	66,7	62,5	83,3	100,0	0,0	50,0	87,5
Inhapi	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	50,0
Mata Grande	100,0	0,0	0,0	50,0	50,0	0,0	50,0
Olho d'Água do Casado	0,0	50,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0
Pariconha	0,0	50,0	100,0	33,3	0,0	0,0	0,0
Piranhas	71,4	100,0	50,0	100,0	50,0	83,3	0,0

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

PREMATURIDADE

A 10ª RS, a partir de 2011 apresentou aumento significativo em sua Taxa de Prematuridade (TP). No município de Água Branca houve o maior aumento, apresentando em 2013 a maior taxa dentre os municípios (13,4%), enquanto que em Olho d'Água do Casado houve a menor proporção destes (7,1%) (Tabela 03).

Tabela 03 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 10ª Região de Saúde, por município – 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	TAXA DE PREMATURIDADE						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	4,5	3,7	2,9	3,8	11,8	11,4	11,6
Água Branca	3,7	4,3	2,5	4,2	11,8	12,8	13,4
Delmiro Gouveia	5,4	2,7	3,1	4,5	12,0	11,3	11,0
Inhapi	3,9	2,9	3,5	2,8	12,5	15,7	12,5
Mata Grande	2,3	3,4	1,4	2,1	14,3	8,5	12,2
Olho d'Água do Casado	3,3	4,5	4,1	4,8	7,0	10,9	7,1
Pariconha	5,3	4,0	2,0	3,1	10,0	10,2	14,3
Piranhas	6,1	5,3	3,8	4,5	10,4	11,2	10,7

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SIM/SINASC

Os nascimentos pré-termos desempenham importante papel na morbimortalidade neonatal e perinatal, estudos comprovam que é a segunda causa de morte de crianças com menos de cinco anos de idade. Os dados apresentados apontam a necessidade de estudos que avaliem esse indicador de forma ampla, não apenas buscar aspectos obstétricos e neonatais que possam contribuir nas suas causas, mas também analisar a alimentação desses dados no sistema.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), induções médicas desnecessárias e cesarianas antes do tempo são fatores que tem contribuído para o aumento do número de nascimentos prematuros.

Ao estratificar os NV prematuros segundo tipo de parto (Tabela 04), verifica-se que de 2007 a 2013, nessa região a média de partos normais (61,5%) é maior que a de cesáreas. Todos os municípios apresentam mesma condição, mas vale destacar os municípios de Olho d'Água do Casado (75,6%) e Inhapi (68,2%) com as maiores médias.

Tabela 04 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 10ª Região de Saúde, segundo tipo de parto, por município – 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	2007		2008		2009		2010		2011		2012		2013	
	PC	PN	PC	PN	PC	PN	PC	PN	PC	PN	PC	PN	PC	PN
10ª Região de Saúde	26,5	73,5	36,1	63,9	39,3	60,7	43,1	56,9	40,7	59,3	43,7	56,3	39,7	60,3
Água Branca	21,4	78,6	38,9	61,1	60,0	40,0	47,1	52,9	41,0	59,0	39,5	60,5	34,8	65,2
Delmiro Gouveia	35,2	64,8	48,1	51,9	40,6	59,4	58,5	41,5	39,6	60,4	42,1	57,9	36,1	63,9
Inhapi	12,5	87,5	36,4	63,6	46,2	53,8	9,1	90,9	36,2	63,8	34,7	65,3	47,5	52,5
Mata Grande	41,7	58,3	18,8	81,3	0,0	100,0	55,6	44,4	49,2	50,8	60,0	40,0	57,8	42,2
Olho d'Água do Casado	0,0	100,0	22,2	77,8	28,6	71,4	11,1	88,9	30,0	70,0	42,9	57,1	36,4	63,6
Pariconha	16,7	83,3	11,1	88,9	33,3	66,7	33,3	66,7	52,9	47,1	64,7	35,3	24,0	76,0
Piranhas	24,2	75,8	44,8	55,2	38,9	61,1	39,1	60,9	33,3	66,7	41,5	58,5	37,0	63,0

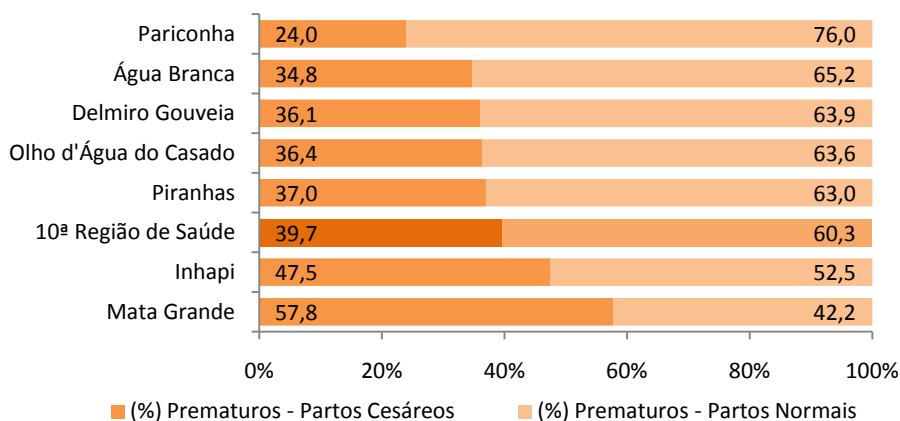
PC: Partos Cesáreos PN: Partos Normais

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Em 2013, ao avaliarmos a proporção de PN entre os prematuros, segundo município dessa região, verifica-se que apenas em Mata Grande e Inhapi a proporção desse tipo de parto é menor entre os pré-termos (18,1 e 7,8 pontos percentuais, respectivamente). Em Pariconha 76,0% dos pré-termos nasceram por PN, 15,7 pontos percentuais a mais que o ocorrido na RS (Figura 07).

Figura 07 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 10ª Região de Saúde, segundo tipo de parto, por município – 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Analisando a idade gestacional segundo o peso ao nascer (Tabela 05) observa-se que 28,7% dos prematuros da 10ª RS nasceram com BP, valor menor que o do estado. 67,4% dos NV pré-termos pesavam entre 2500g a 3999g. Considerando que uma das características da prematuridade é o BP esses dados apontam a necessidade de uma avaliação sobre sua inserção no sistema, pois Também há registro de prematuros com peso a partir de 4000g, condição possível apenas em NV a termo ou pós-termo (a partir de 42 semanas de gestação).

Tabela 05 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 10ª Região de Saúde, segundo idade gestacional, por peso ao nascer – 2013*.

IDADE GESTACIONAL	PESO AO NASCER		
	< 2500g	2500g a 3999g	≥4000g
≤ 36 semanas	28,7	67,4	3,9
37 a 41 semanas	3,8	90,7	5,5
≥ 42 semanas	1,9	86,0	12,1

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

De igual forma, chama à atenção a taxa de 1,9% de nascimentos pós-termo com baixo peso, o que pode indicar a ocorrência de retardo de crescimento intrauterino, que é ocasionado por condições socioeconômicas desfavoráveis, desnutrição e doenças crônicas maternas que levam à

insuficiência uteroplacentária promovendo o nascimento destas crianças pequenas para idade gestacional.

Ao estratificarmos os prematuros por idade gestacional e peso ao nascer (Tabela 06) verificamos uma alta proporção dos que não tiveram sua idade gestacional informada e pesavam de 3000g a 3999g (69,4%). Chama à atenção a alta proporção de NV com prematuridade extrema (≤ 27 semanas) com esta condição de peso, pois essas condições evidenciam a necessidade de qualificação da promoção, prevenção, diagnóstico precoce e tratamento nos níveis de atenção à saúde materno-infantil, como também avaliar a inserção desses dados no sistema.

Tabela 06 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 10ª Região de Saúde, segundo idade gestacional, por peso ao nascer– 2013*.

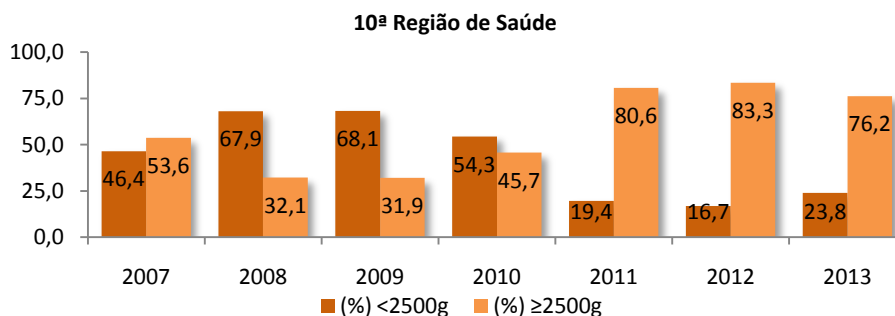
10ª Região de Saúde						
Peso ao Nascer	IDADE GESTACIONAL					Total
	NI	< 22	22 a 27	28 a 31	32 a 36	
0g a 999g	0,9	0,0	58,8	4,3	0,0	2,5
1000g a 1499g	0,0	0,0	5,9	13,0	3,0	2,3
1500g a 2499g	8,7	0,0	5,9	39,1	20,8	16,1
2500g a 2999g	16,9	0,0	11,8	21,7	29,0	23,1
3000g a 3999g	69,4	100,0	17,6	17,4	43,1	52,2
4000g e mais	4,1	0,0	0,0	4,3	4,1	4,0

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

É preocupante os 43,1% de NV pré-termos com 32 a 36 semanas gestacionais pesando entre 3000g a 3999g. Ao estratificarmos os que nasceram com essa idade gestacional segundo BPN e peso ideal, observa-se que nos últimos sete anos houve aumento na proporção desses prematuros com peso a partir de 2500g. Entre 2007 e 2013 houve um aumento de 42,1 pontos percentuais (Figura 08). Considerando que o baixo peso é uma característica inerente da prematuridade, é impreciso definir se esse aumento ocorreu por condições naturais ou por antecipação do parto.

Figura 08 – Proporção de nascidos vivos com 32 a 36 semanas de gestação de mães residentes na 10ª Região de Saúde, segundo peso ao nascer– 2007 a 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Ao observar o acompanhamento pré-natal entre os prematuros nascidos em 2013 (Tabela 07), constata-se que apenas nos municípios de Piranhas e Pariconha todos os prematuros realizaram consulta. Em Pariconha houve o maior número de mães que compareceram de 4 a 6 consultas (60,0%). Piranhas registrou a maior proporção de mães que compareceram a 7 ou mais consultas pré-natais (50,0%), enquanto que em Mata Grande, apenas 17,8%, esta foi a menor proporção dessa frequência na RS.

Tabela 07 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 10ª Região de Saúde, por município, de acordo com a quantidade de Consultas Pré-natal realizadas – 2013*.

LOCALIDADE	Consulta Pré-natal - Prematuros			
	Nenhuma	1 a 3	4 a 6	≥7
10ª Região de Saúde	3,2	18,8	46,3	31,7
Água Branca	6,7	22,2	42,2	28,9
Delmiro Gouveia	3,1	18,6	52,6	25,8
Inhapi	5,0	12,5	35,0	47,5
Mata Grande	2,2	26,7	53,3	17,8
Olho d'Água do Casado	9,1	27,3	27,3	36,4
Pariconha	0,0	16,0	60,0	24,0
Piranhas	0,0	13,0	37,0	50,0

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

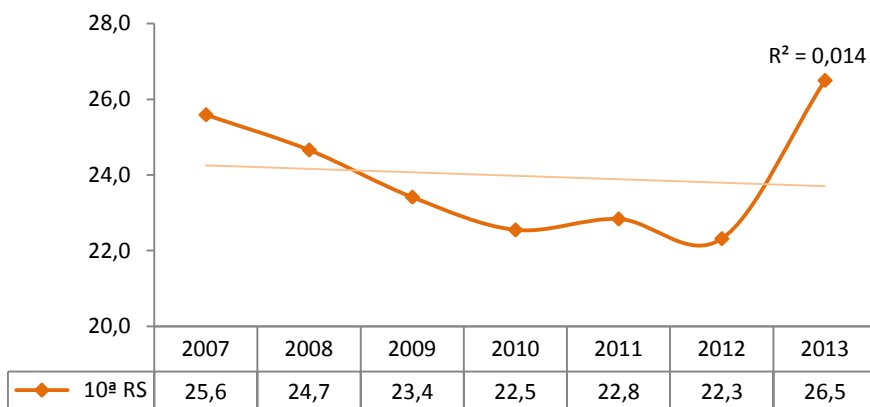
De acordo com o relatório da OMS divulgado em 2012, fatores como induções médicas desnecessárias e cesarianas antes do tempo têm aumentado o número de nascimentos prematuros.

A mortalidade e a morbidade neonatal são maiores entre os neonatos prematuros e a carga econômica associada a esses nascimentos é significativa, pois esse tipo de parto demanda assistência e cuidados de maior nível de complexidade, especialmente com relação ao neonato. (Ramos e Cuman, 2009).

MÃES ADOLESCENTES

Nos últimos sete anos a 10ª RS não apresentou redução significativa na proporção de mães adolescentes (Figura 09). Se comparado as demais RS, esta apresentou a terceira menor média de mães adolescentes (23,9%), 5,9% abaixo da média do estado (25,4%).

Figura 09 – Proporção de mães adolescentes (10 a 19 anos) residentes na 10ª Região de Saúde – 2007 a 2013*.



(%) Proporção de mães adolescentes (10 a 19 anos)

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte:DATASUS/SINASC

Diferente do estado que apresentou forte tendência de aumento no número de gestantes adolescentes de 10 a 14 anos ($R^2 = 0,963$), com média de 1,6% nos últimos sete anos. Essa RS apresentou mesma tendência, porém fraca ($R^2 = 0,270$), com uma média menor (1,2%). Nesse período, o município de Olho d'Água do Casado apresentou a menor média de mães nessa faixa etária (1,0%) (Tabela 08).

Tabela 08 – Proporção nascidos vivos de mães adolescentes de 10 a 14 anos residentes na 10ª Região de Saúde no período de 2007 a 2013* por município.

LOCALIDADE	(%) mães < 14 anos						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	1,0	1,2	0,9	1,3	1,6	1,4	1,2
Água Branca	0,5	1,5	1,3	1,3	1,5	1,5	0,6
Delmiro Gouveia	1,2	1,2	1,0	1,7	1,2	1,1	0,9
Inhapi	1,3	1,9	0,3	1,6	0,5	3,3	0,9
Mata Grande	0,4	0,9	1,2	0,7	2,7	0,5	1,1
Olho d'Água do Casado	1,1	0,0	0,6	0,6	0,7	2,3	1,9
Pariconha	0,5	0,5	0,0	1,6	2,8	1,2	2,3
Piranhas	1,3	1,7	1,2	1,4	2,0	1,3	1,7

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte:SINASC

De 2007 a 2013, essa RS não apresentou tendência significativa em sua proporção de mães de 15 a 19 anos. Houve uma média de 22,7% nesse período. O município de Olho d'Água do Casado

(23,9%) apresentou a maior média dessas mães (Tabela 09). Enquanto que Pariconha destaca-se por apresentar a menor média (21,0%).

Tabela 09 – Proporção nascidos vivos de mães adolescentes de 15 a 19 anos residentes na 10ª Região de Saúde no período de 2007 a 2013* por município - Alagoas.

LOCALIDADE	(% 15 a 19 anos)						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	24,6	23,4	22,5	21,2	21,2	20,9	25,3
Água Branca	20,4	24,5	21,7	21,3	18,5	21,9	24,7
Delmiro Gouveia	25,8	22,6	21,4	22,1	24,3	21,5	26,3
Inhapi	21,9	20,4	22,3	19,8	20,2	23,1	26,2
Mata Grande	25,4	24,7	22,6	18,8	19,9	19,8	25,2
Olho d'Água do Casado	30,0	26,3	25,6	22,7	22,0	17,2	23,9
Pariconha	23,4	22,1	23,5	18,2	21,0	17,6	21,3
Piranhas	25,4	24,7	24,0	23,4	19,6	21,0	25,5

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

CONSULTA PRÉ-NATAL

De 2007 a 2013, a 10ª RS apresentou expressivo aumento na proporção de mães que realizaram 7 ou mais consultas de pré-natal ($R^2 = 0,789$).

Essa RS registrou uma média de 3,3% NV que não realizaram consulta de pré-natal nesse período. O município de Água Branca (4,3%) registrou a maior média, 1,0 pontos percentuais acima do valor da RS (Tabela 10).

Tabela 10 – Proporção de nascidos vivos de mães que não realizaram consulta de pré-natal, residentes na 10ª Região de Saúde por município - 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	NENHUMA CONSULTA PRÉ NATAL						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	4,1	3,1	2,9	2,6	3,0	3,6	3,7
Água Branca	4,8	3,9	5,1	2,8	2,8	3,9	6,8
Delmiro Gouveia	3,3	2,5	2,6	2,9	3,4	3,8	4,1
Inhapi	6,0	5,4	3,8	3,1	1,3	3,6	3,8
Mata Grande	6,4	5,0	3,5	2,4	1,8	2,4	1,9
Olho d'Água do Casado	3,9	2,1	1,2	2,8	6,4	3,9	4,5
Pariconha	2,3	3,2	1,0	2,1	2,3	4,8	2,9
Piranhas	2,1	0,9	2,3	2,0	4,1	3,6	1,9

(Exclui as ocorrências sem informação sobre o número de consultas realizadas).

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Observa-se aumento na proporção de mães com 7 ou mais consultas de pré-natal residentes nessa RS. Dentre os municípios que compõem essa região apenas Piranhas não apresentou variação significativa na proporção dessa frequência de consulta (Tabela 11).

Tabela 11 – Proporção de nascidos vivos de mães que realizaram 7 ou mais consultas, residentes na 10ª Região de Saúde por município - 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	7 ou mais consultas						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	26,9	36,7	29,5	36,2	46,9	52,1	48,1
Água Branca	25,5	19,9	15,6	21,0	32,0	40,1	37,5
Delmiro Gouveia	24,6	28,2	23,3	32,9	49,3	52,1	45,6
Inhapi	26,6	33,9	31,5	39,6	55,0	67,4	57,4
Mata Grande	18,2	36,2	28,5	26,2	38,7	46,3	39,7
Olho d'Água do Casado	25,0	21,6	35,7	40,3	49,6	49,2	52,3
Pariconha	23,0	27,9	34,5	32,3	46,0	50,9	61,5
Piranhas	43,6	76,3	49,0	59,7	54,0	57,0	54,9

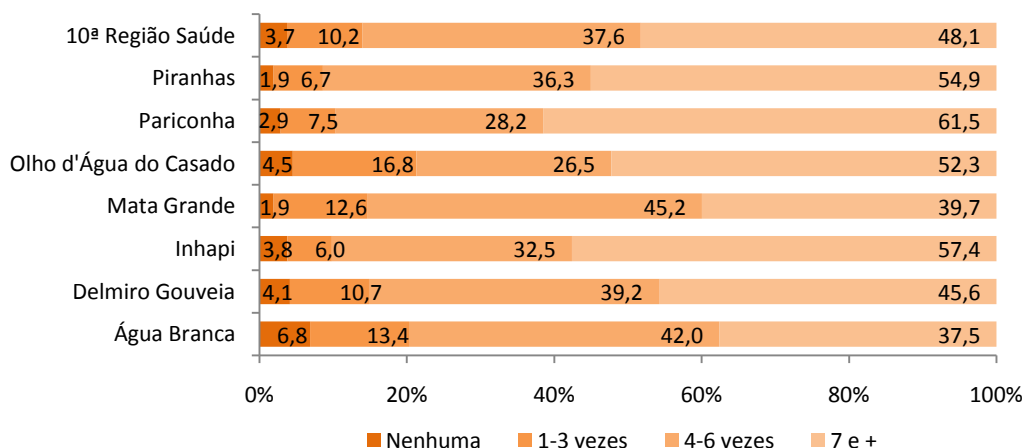
(Exclui as ocorrências sem informação sobre o número de consultas realizadas).

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Ao avaliar a quantidade de consultas pré-natal por município, em 2013, verifica-se que 6,8% das mães residentes em Água Branca não realizaram pré-natal. Pariconha registrou a maior proporção de mães com 7 ou mais consultas (61,5%) (Figura 10). Em Mata Grande a maior ocorrência foi de mães com 4 a 6 consultas (45,2%).

Figura 10 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 10ª Região de Saúde, segundo o número de consultas de pré-natal, por município – 2013*.



(Exclui as ocorrências sem informação sobre o número de consultas realizadas)

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Ao analisar a proporção de mães residentes na 10ª RS, no período de 2007 a 2013, segundo a quantidade de consultas pré-natal, verifica-se uma média de 48,2% de NV com 4 a 6 consultas pré-natal. Houve uma média de 3,3% de NV sem consulta nesse período (Tabela 12).

Tabela 12 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 10ª Região de Saúde, segundo quantidade de consultas pré-natal – 2007 a 2013*.

Consultas Pré-natal	10ª Região de Saúde						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Nenhuma	4,1	3,2	3,0	2,7	3,0	3,7	3,7
1 a 3 vezes	12,8	8,5	11,2	10,4	9,7	8,1	10,3
4 a 6 vezes	55,9	51,0	55,8	50,5	40,2	35,8	37,8
7 e +	27,2	37,2	30,0	36,5	47,1	52,5	48,3

(Exclui as ocorrências sem informação sobre o número de consultas realizadas)

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

É importante ressaltar que existem diversas limitações para definir esses valores como indicadores da real situação do acompanhamento pré-natal no nosso estado, pois de acordo com a RIPSAs há possibilidade de equívoco da gestante ao informar o número de consultas no momento da captação desse dado; São Desconsideradas, por restrição da fonte de dados, as consultas de pré-natal relativas a gestações que deram origem a natimortos e abortos; A ocorrência de partos gemelares resulta em contagem cumulativa de mulheres; A representatividade populacional do indicador pode estar comprometida nas áreas que apresentam insuficiente cobertura do sistema de informação sobre nascidos vivos e a possibilidade de nascidos vivos que morrem logo após o nascimento serem declarados como natimortos, subnumerando o total de nascidos vivos.

ESCOLARIDADE

Ao analisar a condição materna segundo escolaridade e faixa etária, em 2013 (Tabela 13), verifica-se a alta proporção de mães sem informação de tempo de estudo entre as de 20 a 29 anos e 30 a 34 anos (28,1%, respectivamente). Ao observar o percentual de mães sem escolaridade vê-se que 42,4% tinham entre 20 e 29 anos. Dentre as mães com 12 e mais anos de estudo, 46,6% delas eram da idade de 20 a 29 anos.

Tabela 13 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 10ª Região de Saúde, segundo faixa etária materna por quantidade de consultas pré-natal – 2013*.

10ª Região de Saúde						
Faixa etária materna	ESCOLARIDADE					
	NI/IGN	Nenhuma	1 a 3	4 a 7	8 a 11	12 e +
10 a 14 anos	1,1	1,8	2,1	0,2	0,0	0,0
15 a 19anos	7,9	13,7	35,4	23,5	2,3	24,1
20 a 29 anos	28,1	42,4	45,8	59,3	46,2	46,6
30 a 34 anos	22,5	23,6	9,3	12,5	28,0	12,1
35 a 39 anos	28,1	13,7	5,1	3,7	19,7	10,3
40 a 49 anos	12,4	4,8	2,2	0,8	3,8	6,9

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

ANOMALIAS CONGÊNITAS

A 10ª RS apresenta uma média de 0,4% NV com anomalias congênicas (AC) nos últimos sete anos (Tabela 14). O município de Olho d'Água do Casado registrou a menor média de NV com essa condição (0,2%), nesse período. Enquanto que Pariconha apresentou a maior média da região, 0,8%.

Tabela 14 – Proporção de nascidos vivos com anomalias congênicas de mães residentes na 10ª Região de Saúde – 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	Anomalia Congênita						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	0,2	0,4	0,4	0,3	0,6	0,3	0,5
Água Branca	0,3	0,0	0,0	0,3	0,9	0,3	0,6
Delmiro Gouveia	0,3	0,5	0,3	0,2	0,1	0,2	0,1
Inhapi	0,3	1,1	0,5	0,0	0,5	0,7	0,9
Mata Grande	0,2	0,2	0,5	0,5	0,7	0,2	0,5
Olho d'Água do Casado	0,0	0,5	0,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Pariconha	0,5	1,4	0,0	0,5	1,7	0,6	0,6
Piranhas	0,2	0,0	0,8	0,4	0,9	0,2	1,0

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Ao estratificar os nascidos vivos com AC residentes na 10ª RS, segundo o CID 10, verifica-se o baixo registro de Malformações congênicas não especificadas (Q89) nos últimos três anos, essa ausência reflete melhoria da classificação das AC (Tabela 15).

Nessa RS ao avaliar a média das AC discriminadas, no período de 2007 a 2013, pode-se constatar que dos NV com malformações congênicas, 7,3% foram por Hidrocefalia (Q03), 6,2% por Fenda Labial – Palatina (Q35-Q37) e 11,7% por Deformidades dos pé (Q66).

As anomalias com baixa quantidade de casos registrados não foram discriminadas na tabela, sendo informadas aqui como Outras Anomalias.

Tabela 15 – Proporção de nascidos vivos com anomalias congênicas de mães residentes na 10ª Região de Saúde, segundo capítulo CID 10 – 2007 a 2013*.

		10ª Região de Saúde						
CID 10	Anomalia Congênita	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Q03	Hidrocefalia congênita	25,0	7,1	0,0	0,0	6,3	12,5	0,0
Q35 - Q37	Fenda Labial e Fenda Palatina	0,0	7,1	8,3	0,0	0,0	12,5	15,4
Q66	Deformidades congênicas do pé	0,0	0,0	16,7	25,0	25,0	0,0	15,4
Q69	Polidactilia	0,0	7,1	0,0	0,0	0,0	0,0	15,4
Q79	Malf. congênicas do sistema osteomuscular, não classif. em	0,0	7,1	8,3	0,0	6,3	0,0	7,7
Q89	Outras malformações congênicas, não classificadas em outra	0,0	7,1	0,0	25,0	0,0	0,0	7,7
Q90	Síndrome de Down	12,5	0,0	25,0	0,0	18,8	25,0	0,0
	Outras Anomalias	62,5	64,3	41,7	50,0	43,8	50,0	38,5

NCOP - Não classificadas em outra parte; NE – Não especificada.

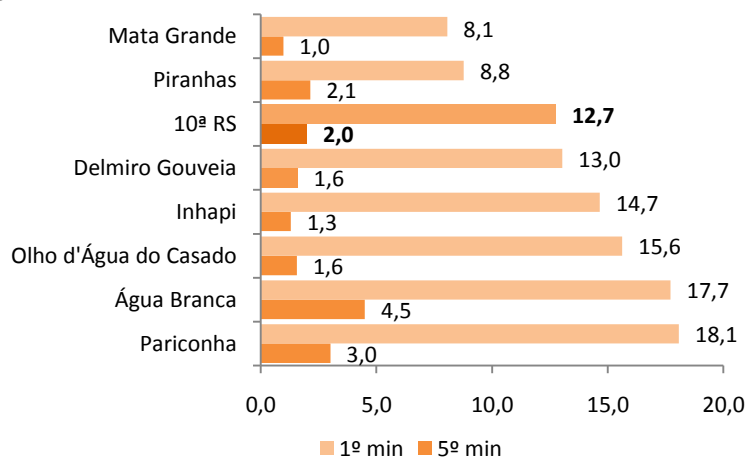
*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

APGAR

Na 10ª RS, em 2013, 12,7% dos NV tiveram menos de 7 pontos no exame de APGAR do 1º minuto, destes, 2,0% mantiveram essa pontuação no 5º minuto (Figura 11). Observa-se que em Pariconha (18,1%) e Água Branca (17,7%) a ocorrência dessa pontuação no 1º minuto esteve bem acima do ocorrido na região, 39,3% e 42,5% maior, respectivamente.

Figura 11 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 10ª Região de Saúde com 7 ou menos pontos no APGAR do 1º e 5º minuto por município – 2013*.

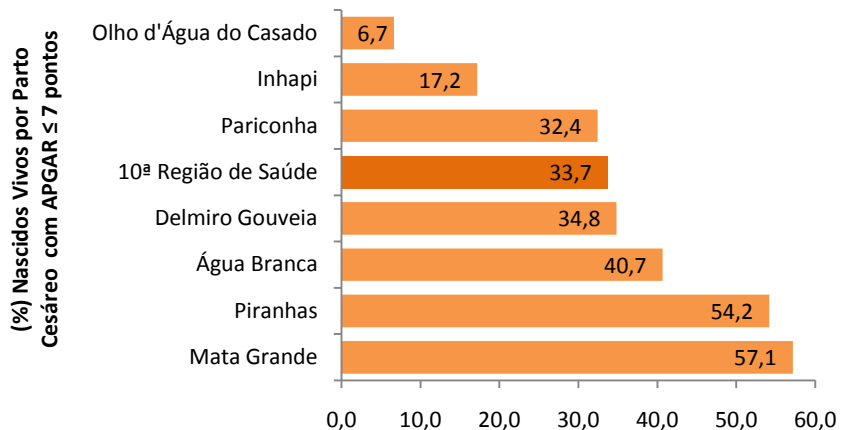


*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

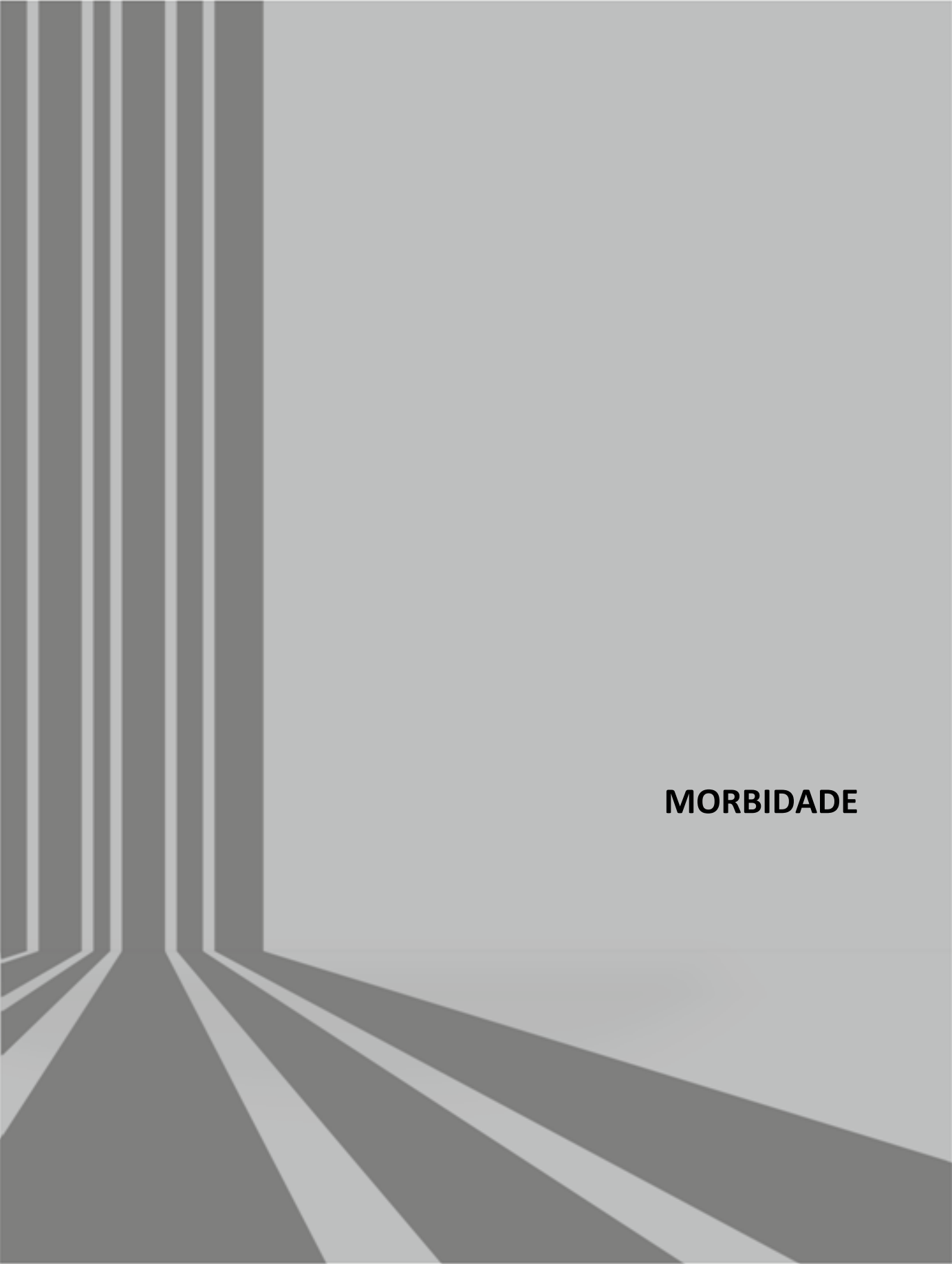
Nessa região, no ano de 2013, 33,7% dos NV com 7 pontos ou menos no APGAR do 1º minuto nasceram por parto cesáreo (Figura 12). No município de Mata Grande essa condição foi 69,4% maior, enquanto que em Inhapi foi 80,1% menor.

Figura 12 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 10ª Região de Saúde, por cesárea com 7 ou menos pontos no APGAR do 1º minuto, por município –2013*



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC



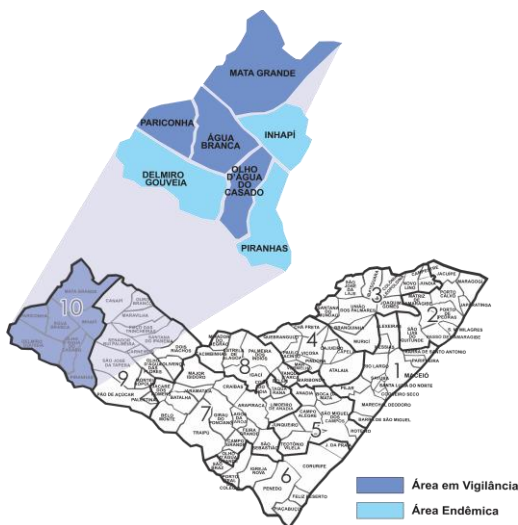
MORBIDADE

DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS

Áreas endêmicas

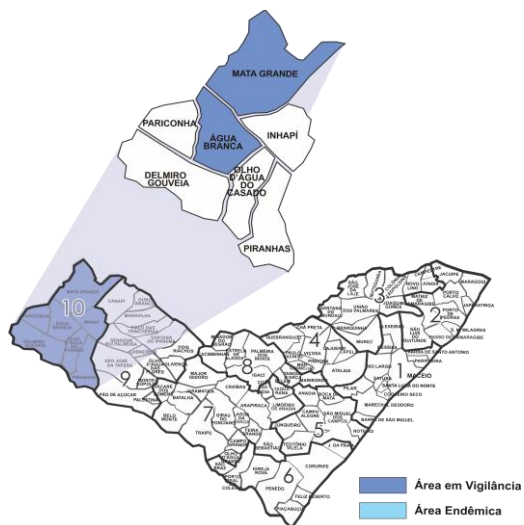
A 10ª Região de Saúde (RS) é endêmica para dengue, doença de chagas e leishmaniose tegumentar americana. Para esquistossomose todos os municípios fazem parte da área de vigilância (área sem caso ou com casos esporádicos que necessita de vigilância ininterrupta); para leishmaniose visceral, 3 municípios são endêmicos e 4 são da área de vigilância (Figura 01); para peste, nenhum município é endêmico e 2 fazem parte da área de vigilância (Figura 02).

Figura 01 – Situação epidemiológica da leishmaniose visceral na 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.



Fonte: DIASS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

Figura 02 – Situação epidemiológica da peste na 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.

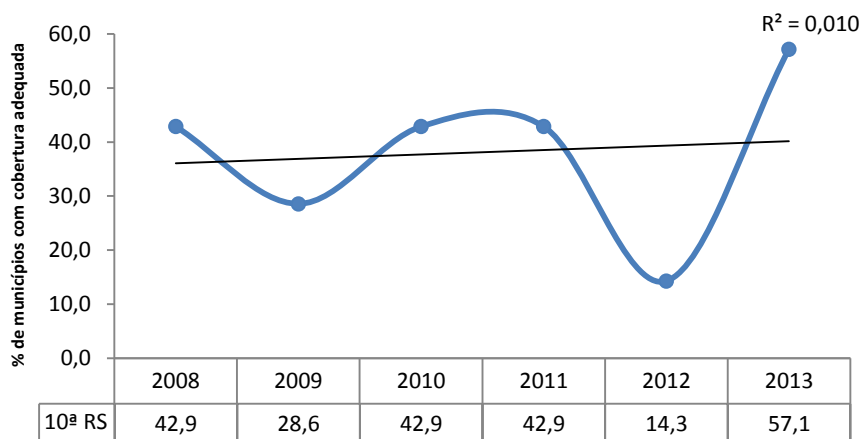


Fonte: DIASS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

Dengue

Avaliando o indicador proporção de imóveis visitados em, pelo menos, 04 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue, onde os municípios deveriam alcançar pelo menos 80% de cobertura em cada ciclo, não é observada ao longo dos anos tendência significativa na curva (Figura 03). Vale destacar que o município de Água Branca realizou pelo menos 04 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com pelo menos 80% de cobertura em cada ciclo, exceto no ano de 2009, já Piranhas não conseguiu atingir a meta em sequer um ciclo (Tabela 01).

Figura 03 – Percentual de municípios com pelo menos 4 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com 80% ou mais de cobertura, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2013.



Fonte: SISFAD/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 01 – Número de ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com 80% ou mais de cobertura, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2013.

LOCALIDADE	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Água Branca	5	2	5	6	5	5
Delmiro Gouveia	4	1	0	0	0	3
Inhapi	1	0	1	0	0	6
Mata Grande	5	6	5	1	0	4
Olho d'Água do Casado	3	2	3	4	0	0
Pariconha	3	5	4	4	3	4
Piranhas	0	0	0	0	0	0

Fonte: SISFAD/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Em 2013 os municípios da 10ª Região de Saúde registraram 186 casos suspeitos de dengue, sendo confirmados 78 (41,9%) destes, nenhum caso grave e nenhum óbito. Ressalta-se que 24,7% dos casos notificados não foram investigados, destes, 28,2% são de Piranhas e 21,7% de Mata Grande. O município de Delmiro Gouveia foi o que apresentou o menor percentual de casos inconclusivos, demonstrando uma melhor oportunidade na investigação e encerramento dos casos (Tabela 02).

Tabela 02 – Classificação final dos casos notificados de dengue, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.

LOCALIDADE	DC	%	DCC	%	FHD	%	SCD	%	DESC	%	INC	%
10ª Região de Saúde	78	41,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	62	33,3	46	24,7
Água Branca	1	14,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	85,7
Delmiro Gouveia	55	79,7	0	0,0	0	0,0	0	0,0	12	17,4	2	2,9
Inhapi	11	39,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	14	50,0	3	10,7
Mata Grande	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	47,4	10	52,6
Olho d'Água do Casado	3	33,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	66,7
Pariconha	6	15,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0	26	68,4	6	15,8
Piranhas	2	12,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	6,3	13	81,3

DC – Dengue clássico, DCC – Dengue com complicação, FHD – Febre hemorrágica do dengue, INC – Inconclusivos, DESC - Descartados.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A 10ª RS apresentou em 2013 uma taxa de incidência de 48,8 casos por 100.000 habitantes. Os municípios de Delmiro Gouveia e Inhapi foram o que mais contribuíram para esta taxa (Tabela 03). Analisando o diagrama de controle da dengue em 2013, foi visualizado picos epidêmicos nas 21ª, 28ª, 29ª, 32ª e das 34ª a 52ª semanas epidemiológicas (Figura 04).

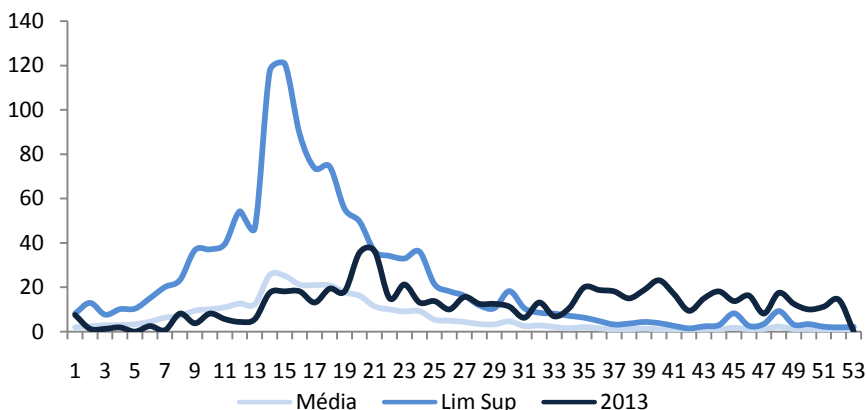
Tabela 03 – Casos notificados e confirmados de dengue, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2010 - 2013.

LOCALIDADE	2010			2011			2012			2013		
	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%
10ª Região de Saúde	512	274	53,5	154	65	42,2	310	212	68,4	186	78	41,9
Água Branca	11	2	18,2	11	0	0,0	10	2	20,0	7	1	14,3
Delmiro Gouveia	65	15	23,1	66	39	59,1	98	80	81,6	69	55	79,7
Inhapi	62	57	91,9	16	10	62,5	41	32	78,0	28	11	39,3
Mata Grande	200	159	79,5	36	6	16,7	95	75	78,9	19	0	0,0
Olho d'Água do Casado	25	3	12,0	0	0	S/C	8	0	0,0	9	3	33,3
Pariconha	37	26	70,3	11	4	36,4	30	13	43,3	38	6	15,8
Piranhas	112	12	10,7	14	6	42,9	28	10	35,7	16	2	12,5

NOT – Notificados, CONF – Confirmados.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

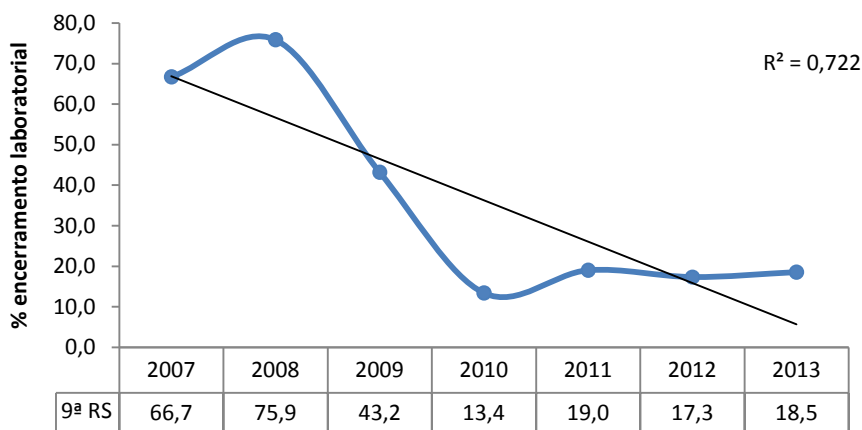
Figura 04 – Diagrama de controle da dengue, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

O encerramento laboratorial dos casos de dengue apresenta tendência forte de queda na curva (Figura 05).

Figura 05 – Percentual de encerramento laboratorial dos casos de dengue, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A faixa etária mais atingida em todos os anos do período avaliado foi a de 20 a 29 anos, com 25,8% dos casos (Tabela 04). Em relação ao sexo, o mais atingido foi o feminino com 62,2% dos casos.

Tabela 04 – Percentual dos casos de dengue por faixa etária, 10ª Região de Saúde Alagoas, 2007 – 2013.

FAIXA ETÁRIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
< 1 ano	2,7	2,7	0,0	1,5	1,5	3,3	6,4
1 a 4 anos	2,7	10,0	0,0	10,6	10,8	4,2	9,0
5 a 9 anos	4,0	16,6	0,0	9,9	9,2	6,1	6,4
10 a 14 anos	12,0	13,4	9,1	11,4	7,7	11,3	7,7
15 a 19 anos	8,0	8,4	9,1	13,6	9,2	8,5	5,1
20 a 29 anos	26,7	18,8	45,5	19,0	20,0	17,5	33,3
30 a 39 anos	25,3	13,1	18,2	9,2	21,5	23,6	12,8
40 a 49 anos	5,3	8,4	9,1	11,7	6,2	11,3	10,3
50 a 59 anos	8,0	4,9	0,0	8,4	7,7	10,4	2,6
60 a 69 anos	5,3	1,8	0,0	4,4	3,1	2,8	2,6
70 a 79 anos	0,0	1,5	0,0	0,4	1,5	0,5	2,6
≥ 80 anos	0,0	0,2	9,1	0,0	1,5	0,5	1,3

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Esquistossomose

A 10ª RS, por não fazer parte da área endêmica, não possui registros no SISPC.

Doença de Chagas, Leishmaniose Tegumentar Americana e Leishmaniose Visceral

De 2007 a 2013 a 10ª RS notificou e confirmou apenas 1 caso de chagas agudo. No mesmo período, também notificou 2 casos de leishmaniose tegumentar americana (Tabela 05). Para leishmaniose visceral foram notificados e confirmados 15 casos, a maioria em Piranhas (41,6%) (Tabela 06), atingindo principalmente as crianças entre 1 e 4 anos (26,6%), sendo registrado 3 óbitos no período. Não foi registrada nenhuma notificação para peste.

Tabela 05 – Número de casos de leishmaniose tegumentar americana, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	0	0	0	1	1	0	0
Água Branca	0	0	0	0	0	0	0
Delmiro Gouveia	0	0	0	0	0	0	0
Inhapi	0	0	0	1	0	0	0
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	0	0	0	0	0	0
Pariconha	0	0	0	0	1	0	0
Piranhas	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 06 – Número de casos de leishmaniose visceral, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	3	1	2	1	2	3	3
Água Branca	0	0	1	0	0	1	0
Delmiro Gouveia	1	0	0	0	1	0	0
Inhapi	0	0	0	1	0	0	0
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	1
Olho d'Água do Casado	0	0	1	0	0	0	2
Pariconha	1	0	0	0	0	0	0
Piranhas	1	1	0	0	1	2	0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Hanseníase

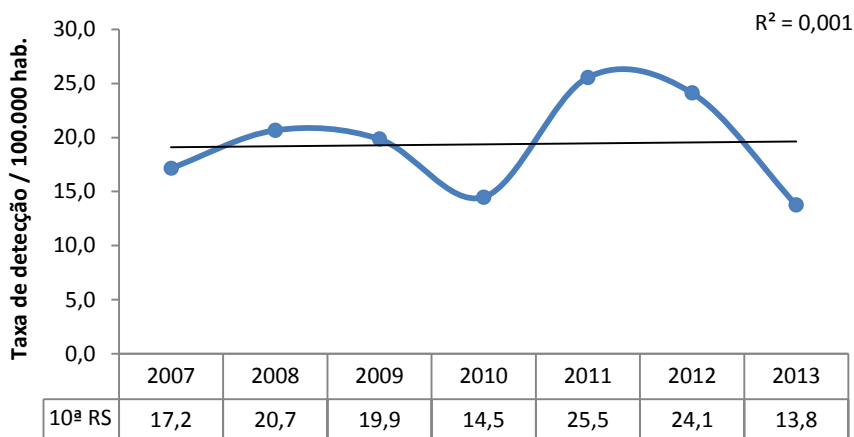
Em 2013 a 10ª RS apresentou uma taxa de detecção de 13,8/100.000 habitantes, sendo considerada alta de acordo com os parâmetros da RIPSA, 2010 (baixa: menor que 2,00; média: 2,00 a 9,99; alta: 10,00 a 19,99; muito alta: 20,00 a 39,99; e situação hiperendêmica: maior ou igual a 40,00). Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa na taxa de incidência. O município de Delmiro Gouveia foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 07 e Figura 06).

Tabela 07 – Número de casos novos de Hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	26	32	31	22	39	37	22
Água Branca	1	0	0	0	1	3	1
Delmiro Gouveia	15	15	14	15	20	20	12
Inhapi	2	3	1	4	3	7	1
Mata Grande	1	5	5	3	5	6	5
Olho d'Água do Casado	0	0	1	0	3	0	0
Pariconha	3	7	8	0	5	0	1
Piranhas	4	2	2	0	2	1	2

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 06 – Tendência temporal da taxa de detecção da hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Avaliando todos os casos notificados em 2012 na 10ª RS, o percentual de cura alcançado foi de 64,1%, abaixo do preconizado pelo Ministério da Saúde (90%). Em 2012, nenhum município alcançou este percentual (Tabela 08). Não é visualizada na 10ª RS tendência significativa no percentual de cura da doença (Figura 07).

Os dados referentes ao ano de 2013 só representam a cura dos pacientes detectados até o mês de Agosto, uma vez que o período de tratamento é de, no mínimo, nove meses. Neste sentido, até o momento da tabulação dos dados, a taxa de cura para Hanseníase na 10ª RS encontra-se em 14,8%.

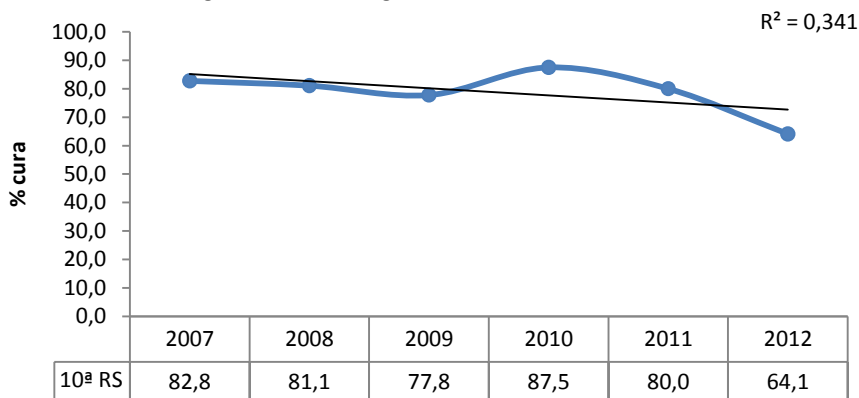
Tabela 08 - Percentual de cura dos casos notificados de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2012.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012
10ª Região de Saúde	82,8	81,1	77,8	87,5	80,0	64,1
Água Branca	100,0	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0
Delmiro Gouveia	93,8	93,8	75,0	93,8	90,0	85,0
Inhapi	100,0	100,0	100,0	75,0	100,0	85,7
Mata Grande	50,0	66,7	50,0	75,0	80,0	16,7
Olho d'Água do Casado	S/C	0,0	50,0	S/C	0,0	S/C
Pariconha	100,0	87,5	100,0	S/C	100,0	S/C
Piranhas	40,0	33,3	100,0	S/C	66,7	33,3

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 07 – Tendência temporal do percentual de cura dos casos notificados de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2012.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A taxa de abandono do tratamento para a 10ª RS em 2012 foi de 5,1%. Até o momento da tabulação dos dados, no ano de 2013, 0,0% dos casos notificado pela 10ª RS foi encerrado como abandono (Tabela 09).

Tabela 09 - Percentual de abandono dos casos notificados de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	10,3	8,1	2,8	4,2	2,5	5,1	0,0
Água Branca	0,0	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0	0,0
Delmiro Gouveia	6,3	0,0	6,3	6,3	0,0	0,0	0,0
Inhapi	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Mata Grande	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0
Olho d'Água do Casado	S/C	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C	S/C
Pariconha	0,0	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C	0,0
Piranhas	40,0	66,7	0,0	S/C	33,3	33,3	0,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Considerando que o percentual mínimo de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos é de 63%, ao longo dos anos, apenas o município de Pariconha alcançou este valor em todos os anos que apresentou notificações (Tabela 10). Avaliando a série histórica, visualiza-se tendência moderada de queda na curva (Figura 08).

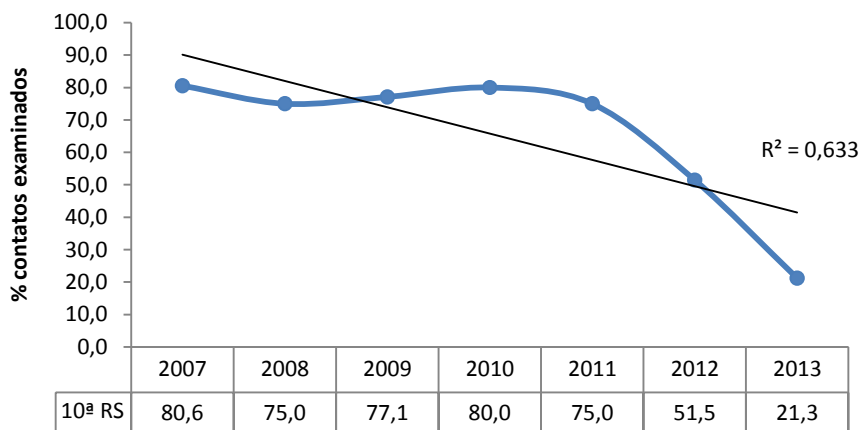
Tabela 10 - Percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	80,6	75,0	77,1	80,0	75,0	51,5	21,3
Água Branca	100,0	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0	0,0
Delmiro Gouveia	81,6	81,5	65,9	85,7	69,2	61,3	25,0
Inhapi	80,0	65,5	60,0	66,7	100,0	80,0	0,0
Mata Grande	100,0	60,0	53,3	40,0	86,7	70,0	0,0
Olho d'Água do Casado	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C
Pariconha	100,0	100,0	93,0	S/C	100,0	S/C	100,0
Piranhas	53,8	0,0	S/C	S/C	100,0	S/C	0,0

S/C – Sem contato e/ou notificação

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 08 – Tendência temporal do percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



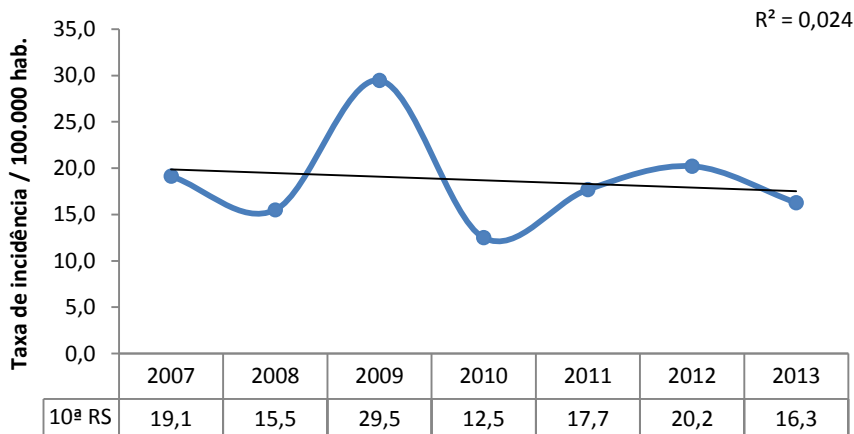
Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tuberculose

Em 2013 foram notificados 33 casos na 10ª RS, dos quais 26 (78,8%) foram casos novos; 1 (3,0%) recidiva; 2 (6,1%) de reingressos após abandono; e 4 (12,1%) com o tipo de entrada transferência.

A taxa de incidência na 10ª RS foi de 16,3/100.000 habitantes. Na 10ª RS não é visualizado tendência significativa na curva de incidência (Figura 09). O município de Delmiro Gouveia foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 11 e 12).

Figura 09 – Tendência temporal da taxa de incidência de tuberculose, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 11 – Número de casos novos de tuberculose, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	29	24	46	19	27	31	26
Água Branca	1	3	8	2	0	1	2
Delmiro Gouveia	8	8	7	6	15	18	6
Inhapi	6	7	5	2	2	2	5
Mata Grande	4	5	3	0	1	0	1
Olho d'Água do Casado	2	0	5	0	1	0	2
Pariconha	3	0	5	0	3	3	5
Piranhas	5	1	13	9	5	7	5

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 12 – Número de casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	29	17	23	16	21	23	27
Água Branca	0	3	3	1	0	1	0
Delmiro Gouveia	10	6	4	5	11	12	8
Inhapi	2	1	2	1	1	2	5
Mata Grande	4	5	3	0	1	0	1
Olho d'Água do Casado	3	0	1	0	1	0	2
Pariconha	4	0	2	1	2	2	4
Piranhas	6	2	8	8	5	6	7

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

O percentual de cura dos casos bacilíferos em 2012 na 10ª RS foi de 52,2%, bem abaixo do mínimo preconizado pelo MS de 85%, meta necessária para promover a interrupção da transmissão. Na série analisada, nenhum município conseguiu alcançar o percentual ideal em todos os anos que apresentaram notificações (Tabela 13). Analisando a série histórica da Região, não é visualizada tendência significativa na proporção de cura (Figura 10).

Os dados referentes ao ano de 2013 só representam a cura dos pacientes detectados até o mês de outubro, uma vez que o período de tratamento é de, no mínimo, seis meses. Neste sentido, até o momento da tabulação dos dados, a taxa de cura para a tuberculose bacilífera na 10ª RS encontra-se em 25,9%.

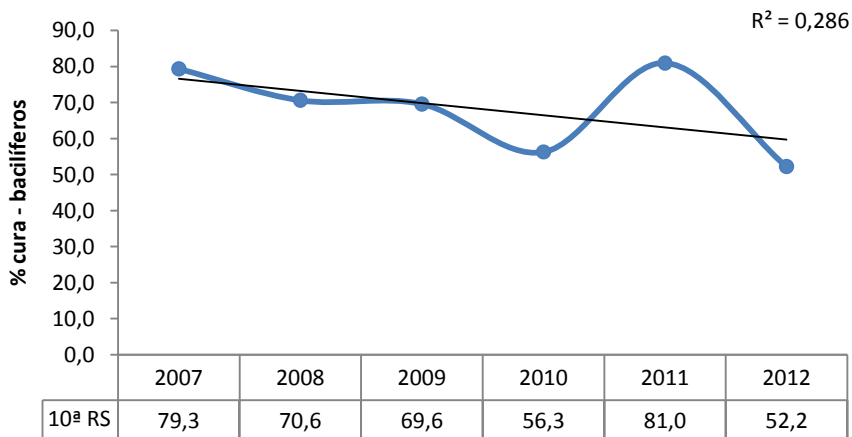
Tabela 13 - Percentual de cura dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, Alagoas, 10ª Região de Saúde, 2007 – 2012.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012
10ª Região de Saúde	79,3	70,6	69,6	56,3	81,0	52,2
Água Branca	S/C	33,3	100,0	100,0	S/C	0,0
Delmiro Gouveia	80,0	100,0	50,0	60,0	90,9	75,0
Inhapi	50,0	0,0	50,0	100,0	100,0	50,0
Mata Grande	100,0	100,0	100,0	S/C	0,0	S/C
Olho d'Água do Casado	100,0	S/C	100,0	S/C	0,0	S/C
Pariconha	50,0	S/C	100,0	100,0	100,0	0,0
Piranhas	83,3	0,0	50,0	37,5	80,0	33,3

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 10 – Tendência temporal do percentual de cura dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2012.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A taxa de abandono do tratamento em 2012 foi de 9,5% bem acima do percentual aceitável (5%). Os municípios de Piranhas e Delmiro Gouveia foram os que contribuíram para tal situação com 1 caso de abandono cada. Ressalta-se que os Municípios de Água Branca, Inhapi e Olho d'Água do

Casado alcançaram o percentual ideal em todos os anos que apresentaram notificações (Tabela 14). Analisando a série histórica da 10ª RS, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 11).

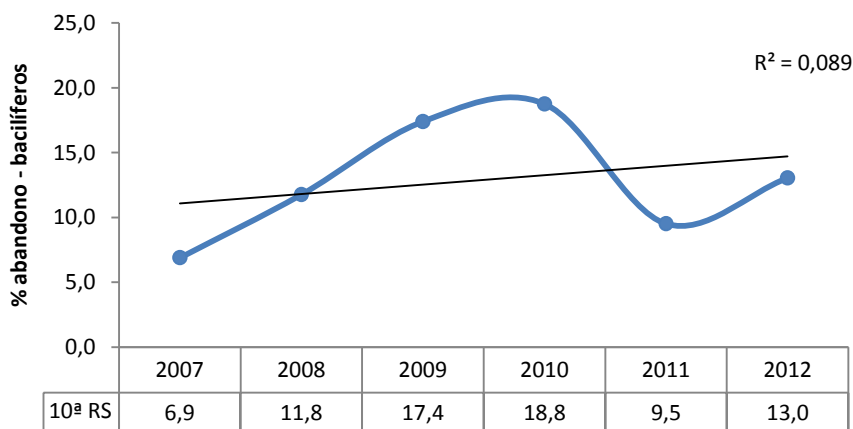
Tabela 14 - Percentual de abandono de tratamento dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, Alagoas, 10ª Região de Saúde, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	6,9	11,8	17,4	18,8	9,5	13,0	7,4
Água Branca	S/C	0,0	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C
Delmiro Gouveia	10,0	0,0	25,0	20,0	9,1	8,3	12,5
Inhapi	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Mata Grande	0,0	0,0	0,0	S/C	100,0	S/C	0,0
Olho d'Água do Casado	0,0	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C	0,0
Pariconha	25,0	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Piranhas	0,0	100,0	37,5	25,0	0,0	33,3	14,3

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 11 – Tendência temporal do percentual de abandono de tratamento dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2012.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Considerando que o percentual mínimo de exames dos contatos intradomiciliares dos casos pulmonares bacilíferos é de 90%, na série analisada, a 10ª RS não alcançou este valor em nenhum dos anos, assim como nenhum município alcançou este valor em todos os anos que apresentou casos (Tabela 15). Analisando a série histórica da 10ª RS, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 12).

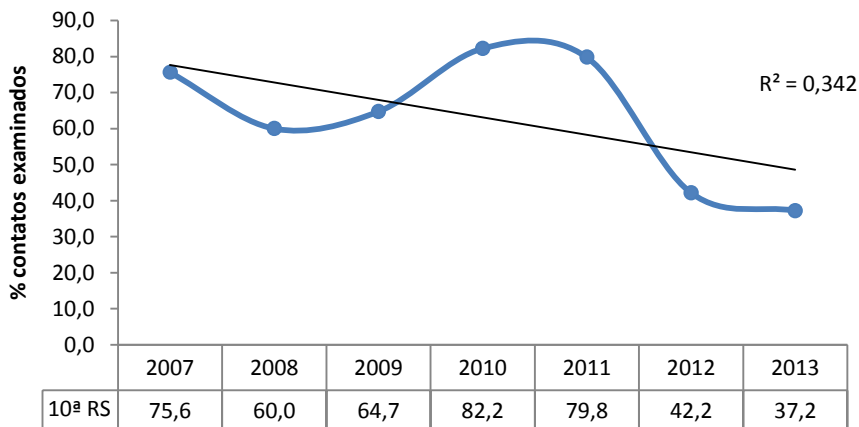
Tabela 15 - Percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	75,6	60,0	64,7	82,2	79,8	42,2	37,2
Água Branca	S/C	30,8	0,0	100,0	S/C	S/C	S/C
Delmiro Gouveia	83,7	76,9	80,0	94,7	75,0	27,3	8,0
Inhapi	83,3	20,0	23,1	75,0	66,7	100,0	84,6
Mata Grande	76,5	71,4	100,0	S/C	80,0	S/C	0,0
Olho d'Água do Casado	28,6	S/C	100,0	S/C	0,0	S/C	0,0
Pariconha	100,0	S/C	95,0	28,6	100,0	100,0	100,0
Piranhas	42,1	85,7	76,5	92,3	93,8	27,8	0,0

S/C – Sem contato e/ou notificação

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

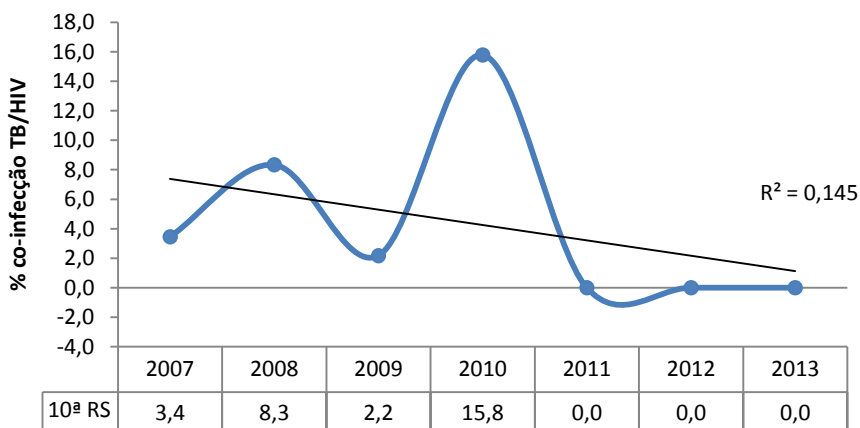
Figura 12 – Tendência temporal do percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito a co-infecção dos casos novos de tuberculose com o vírus HIV, não é visualizada tendência significativa na série (Figura 13).

Figura 13 – Tendência temporal do percentual de co-infecção dos casos novos de tuberculose com o vírus HIV, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Sífilis congênita/gestante

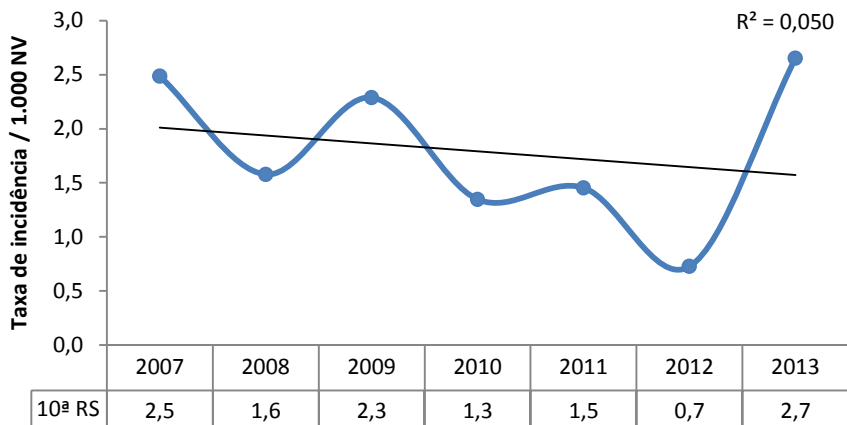
No ano de 2013, foram notificados 7 casos de sífilis congênita na 10ª RS (Tabela 16), o que representa uma taxa de incidência de 2,7 por 1.000 nascidos vivos. Analisando a série histórica da 10ª RS não é visualizada tendência significativa de queda na curva (Figura 14). Para a eliminação desta doença como problema de saúde pública se faz necessário a redução de sua incidência a menos de um caso por mil nascidos vivos (RIPSA, 2010).

Tabela 16 – Número de casos de sífilis congênita, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	8	5	7	4	4	2	7
Água Branca	0	0	0	0	1	0	1
Delmiro Gouveia	8	4	3	3	2	1	2
Inhapi	0	1	1	1	0	1	1
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	1
Olho d'Água do Casado	0	0	1	0	0	0	1
Pariconha	0	0	2	0	0	0	0
Piranhas	0	0	0	0	1	0	1

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

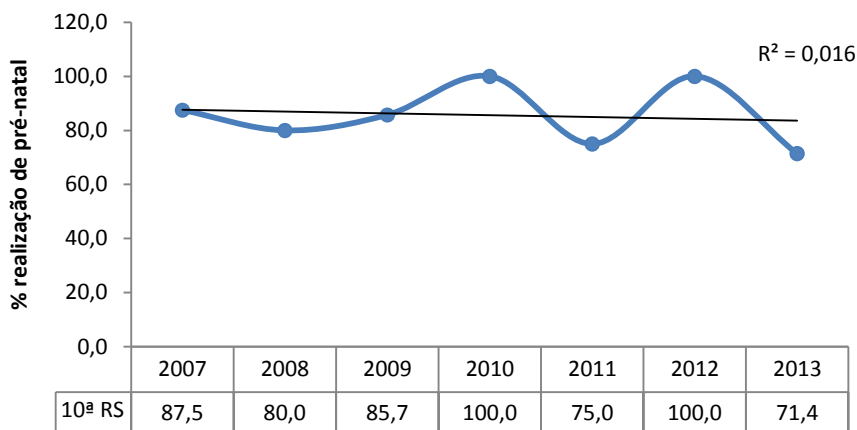
Figura 14 – Tendência temporal da taxa de incidência de sífilis congênita, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

O percentual de realização do pré-natal pelas mães em 2013 foi de 71,4%, o que indica má qualidade na assistência prestada às gestantes na 10ª RS. Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa no percentual de realização do exame (Figura 15).

Figura 15 – Tendência temporal da realização do pré-natal pelas mães dos casos de sífilis congênita, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito aos parceiros, o percentual de não tratados na 10ª RS não é tão alto, 14,3%, (Tabela 17).

Tabela 17 – Percentual de parceiros não tratados dos casos de sífilis congênita, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	62,5	40,0	42,9	0,0	50,0	100,0	14,3
Água Branca	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	100,0
Delmiro Gouveia	62,5	50,0	33,3	0,0	50,0	100,0	0,0
Inhapi	S/C	0,0	100,0	0,0	S/C	100,0	0,0
Mata Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0
Olho d'Água do Casado	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C	0,0
Pariconha	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C
Piranhas	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	0,0

S/C – Sem caso notificado.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

O “Estudo Sentinela Parturiente”, Brasil, 2002 estabeleceu uma prevalência de sífilis em parturientes de 1,6%. Tomando como base esse dado e considerando-se 2.638 parturientes no ano de 2013 na 10ª RS, estima-se 42 casos de sífilis em gestante para este ano. Entretanto, no SINAN, foram registrados apenas 13 casos, o que representa 30,8% dos casos esperados para esta doença (Tabela 18).

Tabela 18 – Casos notificados e estimados de sífilis em gestante, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2010 – 2013.

LOCALIDADE	2010			2011			2012			2013		
	EST	NOT	%	EST	NOT	%	EST	NOT	%	EST	NOT	%
10ª Região de Saúde	47	6	12,6	44	15	34,1	44	8	18,2	42	13	30,8
Água Branca	6	0	0,0	5	1	19,2	5	0	0,0	5	1	18,6
Delmiro Gouveia	14	2	14,0	13	7	52,6	15	1	6,7	14	5	35,8
Inhapi	6	2	32,6	6	5	84,2	5	5	101,8	5	4	78,9
Mata Grande	7	1	15,0	7	2	28,0	7	0	0,0	6	1	17,1
Olho d'Água do Casado	3	1	34,5	2	0	0,0	2	0	0,0	2	1	40,3
Pariconha	3	0	0,0	3	0	0,0	3	2	75,8	3	0	0,0
Piranhas	8	0	0,0	7	0	0,0	7	0	0,0	7	1	15,0

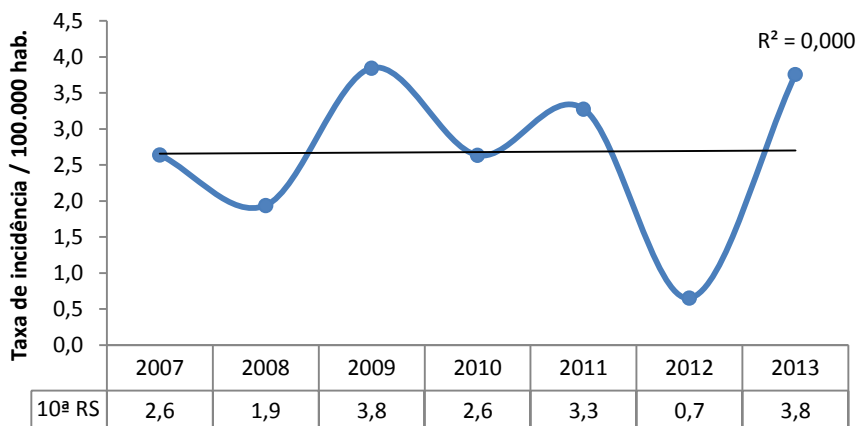
EST – Casos estimados; NOT – Casos notificados.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

AIDS

No ano de 2013 foram diagnosticados na 10ª RS 6 casos de AIDS em adultos, o que representa uma taxa de incidência de 3,8 casos por 100.000 habitantes. Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa na taxa de incidência desta doença (Figura 16). O município de Piranhas e Delmiro Gouveia foram os que contribuíram para esta taxa (Tabela 19).

Figura 16 – Tendência temporal da taxa de incidência de AIDS em adultos, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 19 – Número de casos de AIDS em adultos, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	4	3	6	4	5	1	6
Água Branca	1	0	3	0	0	0	0
Delmiro Gouveia	3	2	1	4	1	0	3
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	1	0	0	1	0	0
Pariconha	0	0	0	0	0	0	0
Piranhas	0	0	2	0	3	1	3

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Na série analisada, em média, 62,1% dos casos são em homens. A faixa etária mais atingida foi a de 40 a 49 anos (Tabela 20). A letalidade do período foi de 20,7%.

Tabela 20 – Percentual dos casos de AIDS adulto por faixa etária, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

FAIXA ETÁRIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
15 a 19 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
20 a 29 anos	0,0	66,7	0,0	50,0	0,0	0,0	33,3
30 a 39 anos	75,0	33,3	16,7	25,0	40,0	100,0	16,7
40 a 49 anos	25,0	0,0	66,7	25,0	40,0	0,0	50,0
50 a 59 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	20,0	0,0	0,0
60 a 69 anos	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0	0,0
70 a 79 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
≥80 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito às notificações de gestantes HIV positivo na 10ª RS, nos últimos 5 anos, percebe-se que a profilaxia Antirretroviral que deveria ser utilizada antes ou durante o pré-natal está sendo aplicada de forma satisfatória, exceto em 2013 (Tabela 21) percebe-se também que, mesmo sendo realizado o pré-natal, o vírus HIV está sendo evidenciado durante ou após o parto, fato este que ocorreu em 2011 (Tabela 22).

Tabela 21 – Número de casos e percentual de gestantes HIV positivo que usaram Antirretroviral antes ou durante o pré-natal, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009		2010		2011		2012		2013	
	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%
10ª Região de Saúde	0	S/C	0	S/C	0	0,0	1	100,0	2	66,7
Água Branca	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Delmiro Gouveia	0	S/C	0	S/C	0	0,0	1	100,0	2	100,0
Inhapi	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Mata Grande	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Olho d'Água do Casado	0	S/C	0	S/C	0	0,0	0	S/C	0	0,0
Pariconha	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Piranhas	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 22 – Número de casos e percentual de gestantes HIV positivo que realizaram o pré-natal e tiveram o diagnóstico do vírus durante ou após o parto, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009		2010		2011		2012		2013	
	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%
10ª Região de Saúde	0	S/C	0	S/C	1	50,0	0	0,0	0	0,0
Água Branca	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Delmiro Gouveia	0	S/C	0	S/C	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Inhapi	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Mata Grande	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Olho d'Água do Casado	0	S/C	0	S/C	1	100,0	0	S/C	0	0,0
Pariconha	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Piranhas	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C

S/C – Sem caso notificado.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tétano Acidental

Ao longo dos anos o número de casos de tétano acidental vem reduzindo no Estado, consequentemente nas Regiões de Saúde. Desde 2010 não houve casos de tétano acidental na 10ª RS (Tabela 23).

Tabela 23 – Número de casos de tétano acidental, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	1	0	1	0	0	0	0
Água Branca	0	0	0	0	0	0	0
Delmiro Gouveia	1	0	0	0	0	0	0
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	1	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	0	0	0	0	0	0
Pariconha	0	0	0	0	0	0	0
Piranhas	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Meningites

O número de casos de meningites vem reduzindo nos últimos anos (Tabela 24). Em média, a letalidade é de 13,6%. Em relação ao sexo, 65,9% eram homens, já no que diz respeito a idade, 68,2% dos pacientes tinham menos de 15 anos.

Tabela 24 – Número de casos de meningite, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	5	5	2	9	1	2	3
Água Branca	1	0	0	0	0	0	0
Delmiro Gouveia	1	2	0	3	1	1	1
Inhapi	0	1	1	3	0	0	0
Mata Grande	2	0	1	2	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	1	0	0	0	0	0
Pariconha	0	0	0	0	0	1	0
Piranhas	1	1	0	1	0	0	2

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Quando avaliamos por etiologia (Tabela 25), percebe-se que em torno de 63% dos casos são meningites bacterianas, destas, 35,3% foram classificadas como doença meningocócica.

Tabela 25 – Número de casos de meningite por etiologia, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

ETIOLOGIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
MCC	0	0	0	0	0	0	1
MM	0	0	0	1	1	0	0
MM+MCC	0	1	0	1	0	1	0
MTBC	0	1	0	1	0	0	0
MB	2	0	2	2	0	0	0
MNE	2	3	0	2	0	0	0
MV	0	0	0	1	0	0	2
MOE	0	0	0	0	0	0	0
MH	0	0	0	0	0	0	0
MP	1	0	0	1	0	1	0
Total	5	5	2	9	1	2	3

MCC – Meningococcemia; MM – Meningite Meningocócica; MM+MCC - Meningite Meningocócica com Meningococcemia; MTBC – Meningite Tuberculosa; MB – Meningite Bacteriana; MNE – Meningite não especificada; MV – Meningite Viral; MOE – Meningite por outras etiologias; MH – Meningite por Hemófilo; MP – Meningite Pneumocócica.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Em relação a doença meningocócica, o número de casos mantêm-se dentro do esperado (Tabela 26), Não ocorreu óbito na série analisada. Em relação ao sexo, 66,7% eram mulheres, já no que diz respeito a idade, 50,0% dos pacientes tinham menos de 15 anos.

Tabela 26 – Número de casos de doença meningocócica, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	0	1	0	2	1	1	1
Água Branca	0	0	0	0	0	0	0
Delmiro Gouveia	0	0	0	2	1	1	1
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	1	0	0	0	0	0
Pariconha	0	0	0	0	0	0	0
Piranhas	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Hepatites virais

Dados de 2013 revelam que a 10ª RS confirmou 39 casos de hepatites, destes, 82,1% por sorologia. Dentre os casos, 100% são causados pelo vírus A (82,1% em menores de 15 anos).

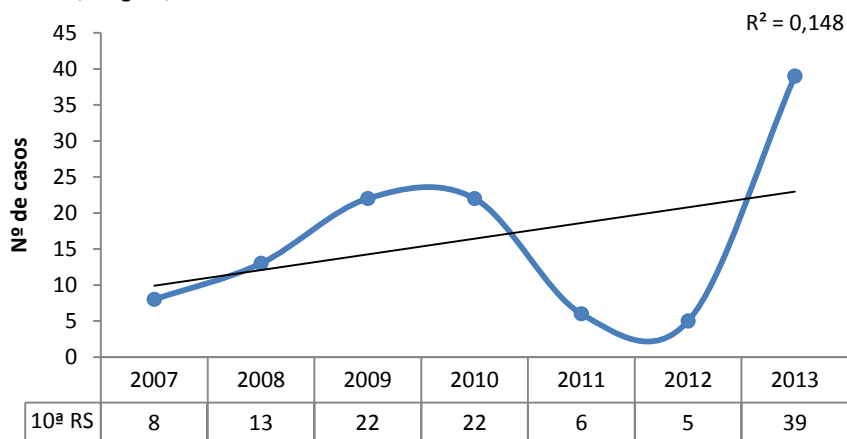
Em relação ao vírus A, cerca de 35% dos casos ocorreram em Pariconha (Tabela 27). Não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 17).

Tabela 27 – Número de casos de hepatite A, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	8	13	22	22	6	5	39
Água Branca	1	1	1	5	0	0	1
Delmiro Gouveia	1	0	7	1	1	0	5
Inhapi	3	2	0	0	0	3	2
Mata Grande	1	4	14	2	1	2	5
Olho d'Água do Casado	0	0	0	0	1	0	0
Pariconha	2	2	0	14	2	0	20
Piranhas	0	4	0	0	1	0	6

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 17 – Tendência temporal do número de casos de hepatite A, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



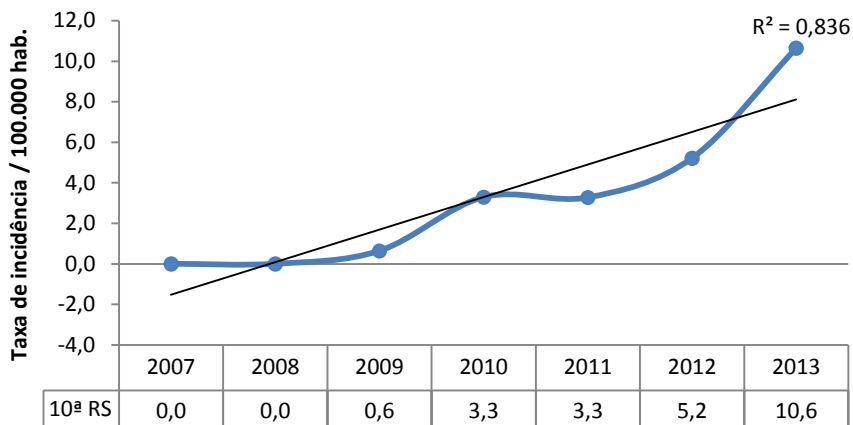
Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

AGRAVOS A SAÚDE

Escorpionismo

No ano de 2013 foram notificados 17 acidentes escorpiônicos na 10ª RS, o que representa uma taxa de incidência de 10,6 por 100.000 habitantes. Analisando a série histórica, percebe-se uma tendência forte de aumento na taxa de incidência deste agravo (Figura 18). Os municípios de Delmiro Gouveia e Piranhas foram os que mais contribuíram para esta situação na 10ª RS (Tabela 28).

Figura 18 – Tendência temporal da taxa de incidência dos acidentes escorpiônicos, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 28 – Número de acidentes escorpiônicos, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	0	0	1	5	5	8	17
Água Branca	0	0	0	0	0	1	0
Delmiro Gouveia	0	0	0	1	2	0	5
Inhapi	0	0	0	0	1	1	2
Mata Grande	0	0	1	2	0	1	1
Olho d'Água do Casado	0	0	0	1	1	2	2
Pariconha	0	0	0	0	0	1	3
Piranhas	0	0	0	1	1	2	4

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Vale salientar que em média 69,4% dos acidentes registrados foram classificados como leves e 25,3% estão com a classificação do caso em branco. Não foi registrado óbito nos últimos 6 anos. O sexo masculino é o mais atingido com 61,1% dos casos e 61,1% destes acidentes são em pessoas na idade produtiva.

Ofidismo

A 10ª RS apresenta em média 5 acidentes com serpentes na série analisada (Tabela 29), destes, nenhum dos casos foi classificado como grave, não sendo registrado óbito. Vale salientar que 66,7% dos casos são em pessoas na idade produtiva (31,8% na faixa etária de 30 a 39 anos) e 66,7% no sexo masculino.

Tabela 29 – Número de acidentes por serpentes, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	2	1	3	1	8	7	11
Água Branca	0	0	0	0	0	0	2
Delmiro Gouveia	1	0	0	0	2	1	1
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	2	0	1	3	4
Olho d'Água do Casado	1	0	1	0	4	1	1
Pariconha	0	0	0	0	0	0	0
Piranhas	0	1	0	1	1	2	3

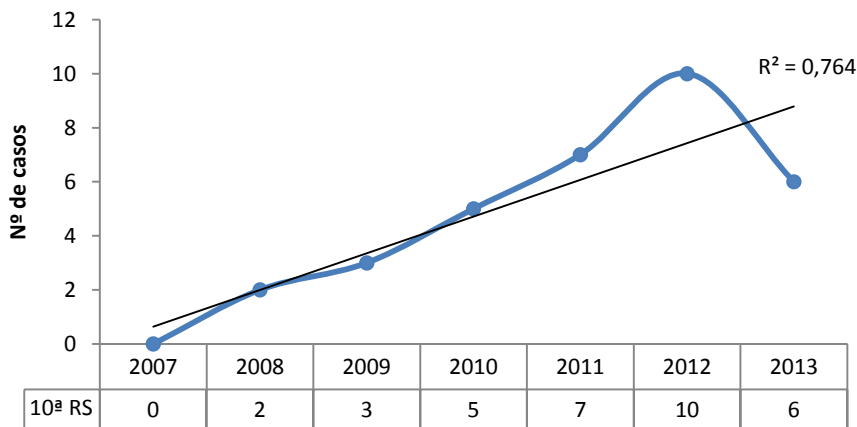
Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO

Acidente de trabalho com exposição à material biológico

Em 2013 foram notificados na 10ª RS 6 acidentes de trabalho com exposição à material biológico, analisando a série, visualiza-se tendência forte no aumento do número de notificações (Figura 19 e Tabela 30).

Figura 19 – Tendência temporal das notificações de acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 30 – Número de notificações por acidente de trabalho com exposição a material biológico, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	0	2	3	5	7	10	6
Água Branca	0	0	0	0	0	0	0
Delmiro Gouveia	0	1	2	3	5	4	1
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	1	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	0	0	1	0	0	0
Pariconha	0	0	0	0	0	0	0
Piranhas	0	1	0	1	2	6	5

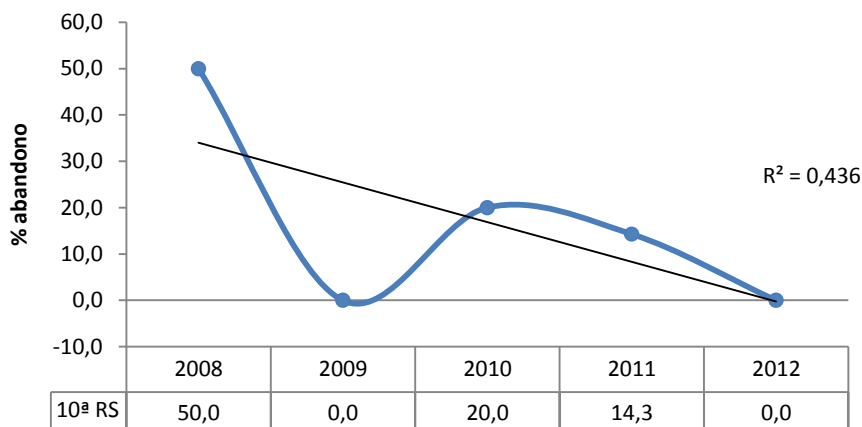
Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A maioria dos profissionais acidentados era do sexo feminino, 93,9%; a faixa etária mais atingida foi a de 30-39 anos (33,3%), seguida pela de 40-49 anos (27,3%). Na categoria profissional, os mais atingidos foram os trabalhadores da área de enfermagem, 68,8%; seguidos pelos estudantes, 9,4%.

Nestes 7 anos, observa-se que 21,2% dos acidentes foram provocados pelo descarte inadequado de material pérfuro-cortante.

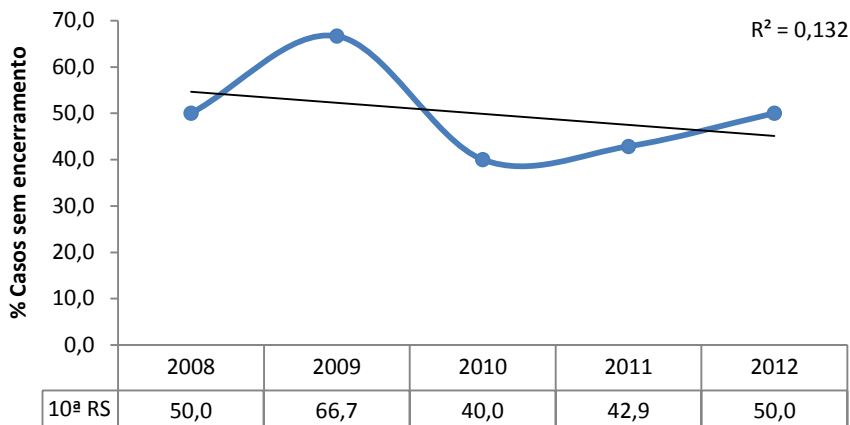
Em 2012 o percentual de abandono do acompanhamento dos casos foi de 0,0%. Visualiza-se na série histórica tendência fraca de queda no percentual de abandono (Figura 20), porém, percebe-se que em média 50% dos casos não estão encerrados no sistema (Figura 21). Também em relação a evolução do caso, não se tem registros de abandono para casos com paciente fonte positivos para HIV, hepatite B e C.

Figura 20 – Percentual de abandono dos acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2012.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 21 – Percentual de casos não encerrados de acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2012.

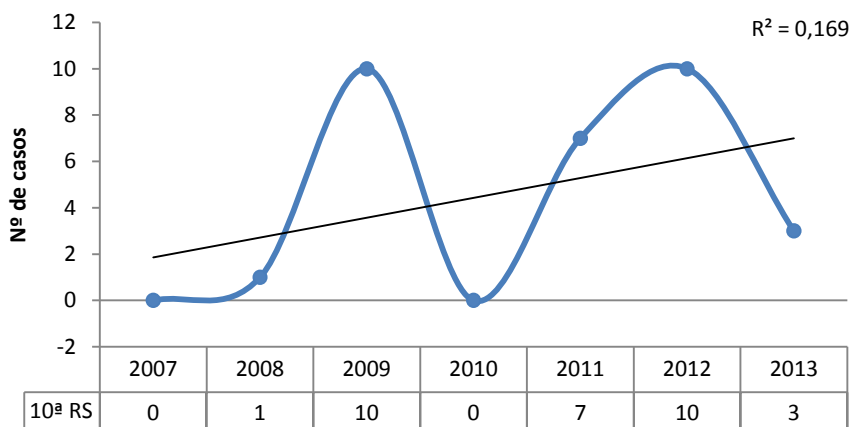


Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Acidente de trabalho grave

Em 2013 foram notificados na 10ª RS 3 acidentes de trabalho grave, analisando a série, não é visualizada tendência significativa quanto ao número de notificações (Figura 22 e Tabela 31).

Figura 22 – Tendência temporal das notificações de acidentes de trabalho grave, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 31 – Número de notificações por acidente de trabalho grave, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	0	1	10	0	7	10	3
Água Branca	0	0	1	0	0	1	1
Delmiro Gouveia	0	1	9	0	4	2	2
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	0	0	0	0	3	0
Pariconha	0	0	0	0	1	0	0
Piranhas	0	0	0	0	2	4	0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Avaliando a evolução, percebe-se que o percentual de casos não encerrados não é tão alto comparando com o Estado, porém, chega a 100% em alguns municípios ao longo dos anos (Tabela 32).

Tabela 32 – Percentual de casos de acidentes de trabalho grave não encerrados, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	S/C	100,0	20,0	S/C	42,9	30,0	33,3
Água Branca	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	0,0	0,0
Delmiro Gouveia	S/C	100,0	22,2	S/C	25,0	50,0	50,0
Inhapi	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Mata Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Olho d'Água do Casado	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C
Pariconha	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C
Piranhas	S/C	S/C	S/C	S/C	50,0	50,0	S/C

S/C – Sem caso notificado e/ou sem caso não encerrado.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Nos 7 anos avaliados 93,5% dos acidentes foram no sexo masculino e os adultos jovens (20-39 anos) foram os mais atingidos com 61,3%. Ocorreu 1 óbito no período. A análise da variável ocupação ficou impossibilitada devido ao alto percentual de informações ignoradas.

Demais doenças e agravos relacionados ao trabalho

Apenas a título de conhecimento, o número de notificações das seguintes doenças e agravos nos últimos 5 anos é pequeno, o que torna inviável uma análise mais detalhada de cada um deles: Intoxicação exógena, câncer relacionado ao trabalho, dermatose ocupacional, LER/DORT, PAIR, pneumoconiose e transtorno mental.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, SEXUAL E OUTRAS VIOLÊNCIAS

Na 10ª RS, de 2009 a 2013, foram notificados 207 casos de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, sendo o município de Piranhas e Delmiro Gouveia o que apresentaram o maior

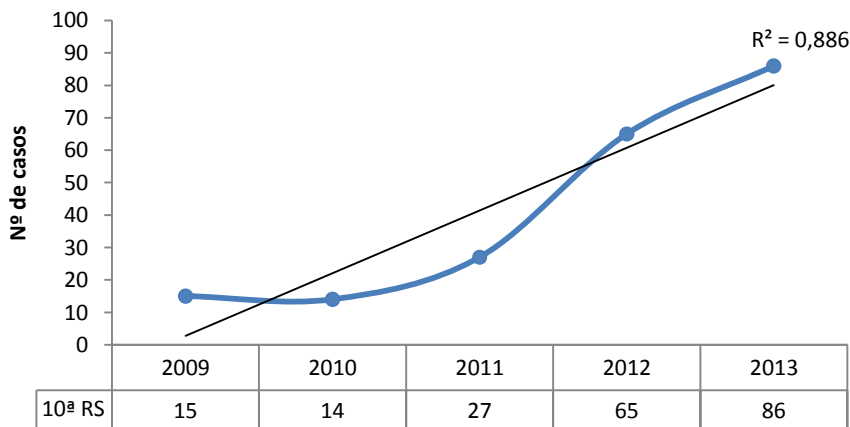
número de casos (Tabela 33), visualizada tendência forte de aumento quanto ao número de notificações (Figura 23). Dentre as notificações foi relatada violência física em 40,1% dos casos; violência psicológica/moral, em 6,3%; tortura, em 1,9%; violência sexual, em 2,9%; violência financeira, em 0,5%; negligência/abandono, em 0,0%; trabalho infantil, em 0,0%; e outras violências, em 5,3%. Vale destacar que 53,6% das notificações não estão com os campos referentes ao tipo de violência preenchido. Quanto ao sexo, 52,7% dos casos ocorreram em homens e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa etária de 20 a 29 anos (30,9%), seguido pela faixa de 30 a 39 anos (21,3%). Quanto ao local de ocorrência, a residência foi onde ocorreu a maioria dos casos.

Tabela 33 – Número de notificações por violência doméstica, sexual e/ou outras violências, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	15	14	27	65	86
Água Branca	0	1	4	3	4
Delmiro Gouveia	5	4	4	11	27
Inhapi	0	3	7	10	15
Mata Grande	2	2	5	16	13
Olho d'Água do Casado	1	1	0	1	4
Pariconha	1	0	1	4	4
Piranhas	6	3	6	20	19

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 23 – Tendência temporal das notificações de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Avaliando as 83 notificações por violência física nos últimos 5 anos, em 57,8% dos casos foi relatado espancamento; em 1,2% enforcamento; em 13,3% objeto contundente; em 9,6% objeto perfuro cortante; em 0,0% queimadura; em 0,0% envenenamento; e em 22,9% arma de fogo. Quanto ao sexo, 71,1% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa etária de 20 a 29 anos (26,5%), seguido pela faixa de 15 a 19 anos (21,7%).

Quanto ao local de ocorrência, a residência foi onde ocorreu a maioria dos casos. O município de Delmiro Gouveia foi o que apresentou o maior número de casos (Tabela 34).

Tabela 34 – Número de notificações por violência física, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	11	10	14	14	34
Água Branca	0	1	4	1	2
Delmiro Gouveia	5	1	2	4	22
Inhapi	0	2	1	1	1
Mata Grande	2	2	1	0	3
Olho d'Água do Casado	1	1	0	0	0
Pariconha	1	0	1	4	3
Piranhas	2	3	5	4	3

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

No tocante as 6 notificações por violência sexual nos últimos 5 anos, em 100% dos casos foi relatado estupro; em 16,7% assédio sexual; em 33,3% atentado violento ao pudor; em 0,0% exploração sexual; e em 16,7% pornografia infantil. Quanto ao sexo, 100% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa etária de 15 a 19 anos (66,7%), seguido pela faixa de 20 a 29 anos (33,3%). Quanto ao local de ocorrência, a residência e via pública foi onde ocorreu a maioria dos casos. Os casos ocorreram em Água Branca, Delmiro Gouveia e Pariconha (Tabela 35).

Tabela 35 – Número de notificações por violência sexual, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013
10ª Região de Saúde	0	1	0	2	3
Água Branca	0	0	0	0	2
Delmiro Gouveia	0	1	0	1	0
Inhapi	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	0	0	0	0
Pariconha	0	0	0	1	1
Piranhas	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

VACINAÇÃO

Em 2013, na 10ª RS, a cobertura vacinal de rotina para o primeiro ano de vida foi alcançada, de acordo com as metas preconizadas pelo Ministério da Saúde (Tetravalente, Pentavalente, Pneumocócica, Meningococo C, Hepatite B, Tríplice Viral e Pólio – $\geq 95\%$; BCG e Rotavírus – $\geq 90\%$), somente para Tríplice Viral (104,6%). Para as vacinas contra Hepatite B (94,1%), Pólio (91,8%), Tetravalente (94,5%), Rotavírus (83,1%), Pneumococo (83,7%), Meningococo C (94,4%), Pentavalente

(93,4%) e BCG (82,7%) há necessidade de intensificação das ações de vacinação visando melhorar a cobertura. No segundo semestre de 2012, a vacina combinada Tetravalente (DTP/Hib) foi substituída pela combinação Pentavalente (DTP/Hib/HB) fato que influenciou no resultado da cobertura destes dois imunobiológicos para 2012.

Ressalta-se, no período avaliado, que a meta para vacina contra Rotavírus não foi atingida em nenhum dos anos (Tabela 36). Em 2013, os municípios de Água Branca e Piranhas não atingiram a meta para nenhum dos imunobiológicos relacionados (Tabela 37).

Tabela 36 – Cobertura vacinal por Imunobiológico dos residentes na 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

Imunobiológico	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
BCG	96,4	93,8	94,7	95,6	84,8	72,2	82,7
Hepatite B	94,6	101,0	105,9	99,5	95,7	90,0	94,1
Rotavírus Humano	62,8	70,6	75,2	70,5	67,2	69,2	83,1
Pneumocócica 10V	8,9	75,2	75,7	83,7
Meningococo C	2,1	95,4	87,4	94,4
Pentavalente	29,0	93,4
Tríplice Viral D1	97,8	97,2	109,1	96,6	107,2	87,7	104,6
Poliomielite	100,3	102,5	108,1	105,9	101,9	89,3	91,8
Tetravalente	102,1	102,2	112,1	108,7	103,4	89,7	94,5

Fonte: DATASUS - Dados tabulados em 23/06/2014.

Tabela 37 – Cobertura vacinal por Região de Saúde e Imunobiológico dos residentes na 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.

LOCALIDADE	BCG	Hepatite B	Rotavírus humano	Pneumocócica	Meningococo C	Penta	Tríplice Viral	Polio	Tetra
10ª Região de Saúde	82,7	94,1	83,1	83,7	94,4	93,4	104,6	91,8	94,5
Água Branca	80,3	92,6	79,6	61,1	84,6	92,0	66,7	87,7	92,0
Delmiro Gouveia	89,4	89,6	89,9	84,8	96,4	89,6	106,5	92,5	89,6
Inhapi	75,7	102,7	58,4	80,0	83,2	102,7	87,0	101,1	102,7
Mata Grande	50,2	100,9	82,5	89,2	110,3	100,9	124,2	90,1	100,9
Olho d'Água do Casado	125,7	97,1	105,7	105,7	111,4	97,1	208,6	91,4	97,1
Pariconha	114,8	103,4	84,1	78,4	94,3	95,5	102,3	96,6	95,5
Piranhas	83,8	85,2	86,5	90,4	86,0	84,7	92,1	85,6	90,8

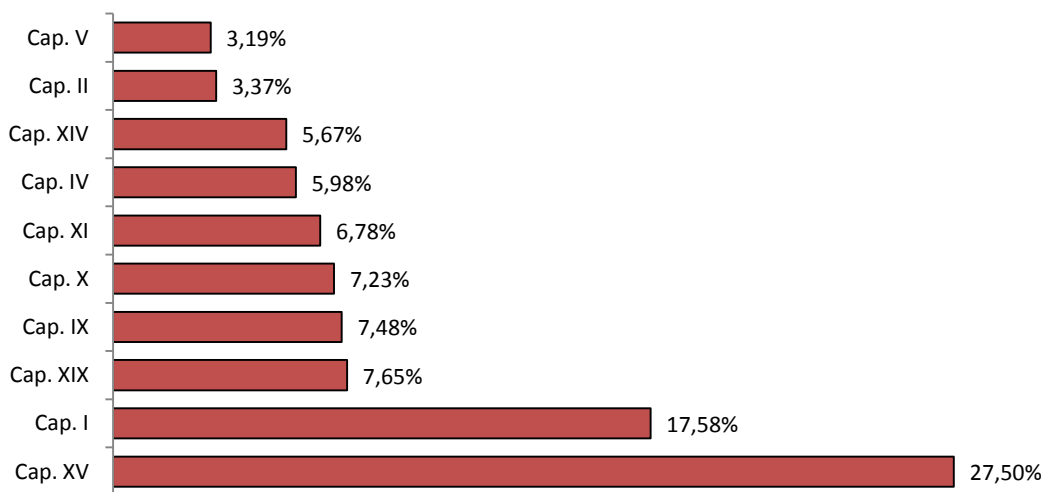
Fonte: DATASUS - Dados tabulados em 23/06/2014.



MORBIDADE HOSPITALAR

Considerando as Autorizações de Internação Hospitalar (AIH) pagas, de residentes na 10ª Região de Saúde (RS), cujas internações ocorreram em qualquer localidade de Alagoas em 2013, verifica-se que as causas mais frequentes de internação foram aquelas codificadas no Capítulo XV (Gravidez, Parto e Puerpério) (1.804; 27,50%), seguidas dos Capítulos I (Doenças Infecciosas e Parasitárias) (1.153; 17,58%) e XIX (Lesões, Envenenamentos e Algumas Outras Consequências de Causas Externas) (502; 7,65%) (Figura 01).

Figura 01 – Proporção de internações hospitalares de residentes na 10ª RS, ocorridas em Alagoas entre 2007 e 2013, segundo principais grupos de causas (Cap. CID-10) de internação.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Quando analisado o número médio de internações hospitalares do SUS para cada grupo de 100 habitantes, observa-se uma piora em 2013, com a menor cobertura de internações em todo o período analisado. Apenas Inhapi, Mata Grande e Pariconha ampliam a cobertura, em relação a 2012. Dos que reduziram as internações, Piranhas é o que mais se destaca negativamente, com a menor cobertura da região em 2013 (Tabela 01).

Analisando todo o período (2007 a 2013), verifica-se que o volume de internações entre os residentes da 10ª RS vem caindo -3,73% ao ano. Esse mesmo panorama é observado em Água Branca, Delmiro Gouveia, Pariconha e Piranhas (Figura 02).

Considerando apenas o ano de 2013, em relação a 2012, Delmiro Gouveia, Inhapi, Mata Grande e Pariconha ampliam o acesso às internações hospitalares, entretanto, dos municípios que reduzem a cobertura, o destaque negativo é para Piranhas, que decresce -39,45% entre 2012 e 2013 (Figura 03). Considerando a região como um todo, houve queda no último ano, de -8,07% (Figura 03).

Ao analisar as internações de alagoanos residentes na 10ª RS, nos Estados limítrofes – Bahia, Pernambuco e Sergipe –, em todo o período avaliado, verifica-se que a população da região circula

nos três estados, com maior invasão na Bahia. Assim, dos alagoanos que são internados na Bahia, 93,75% são de residentes na 10ª RS, com predominância dos municípios de Delmiro Gouveia (41,74%), Água Branca (15,46%), Pariconha (12,25%) e Inhapi (11,03%).

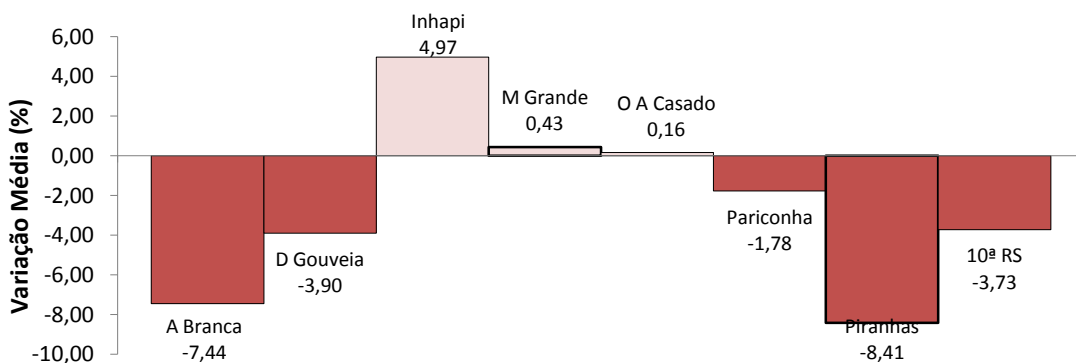
Das invasões em Sergipe, 25,64% é de residentes na região, com a maioria sendo originária de Piranhas (57,54%), seguido por Delmiro Gouveia (19,53%) e Olho d'Água do Casado (13,38%). Já em Pernambuco, essas invasões correspondem a apenas 5,72%, sendo os indivíduos, residentes em Delmiro Gouveia (45,47%), Água Branca (13,93%), Inhapi (12,08%) e Mata Grande (10,40%).

Tabela 01 – Número de internações hospitalares (SUS) (por 100 habitantes), segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª RS	5,5	5,4	5,4	5,6	5,3	4,7	4,1
Água Branca	5,8	5,1	5,2	6,1	5,6	4,0	3,2
Delmiro Gouveia	5,3	5,7	5,8	5,4	4,4	3,6	3,5
Inhapi	2,7	3,0	2,8	2,7	3,8	3,1	3,6
Mata Grande	7,8	7,2	6,5	7,5	7,8	7,3	7,4
Olho d'Água do Casado	5,1	4,7	4,7	4,7	4,0	5,1	4,0
Pariconha	3,1	3,4	3,5	3,7	3,6	2,9	3,0
Piranhas	6,8	6,3	6,6	6,8	6,6	6,4	3,7

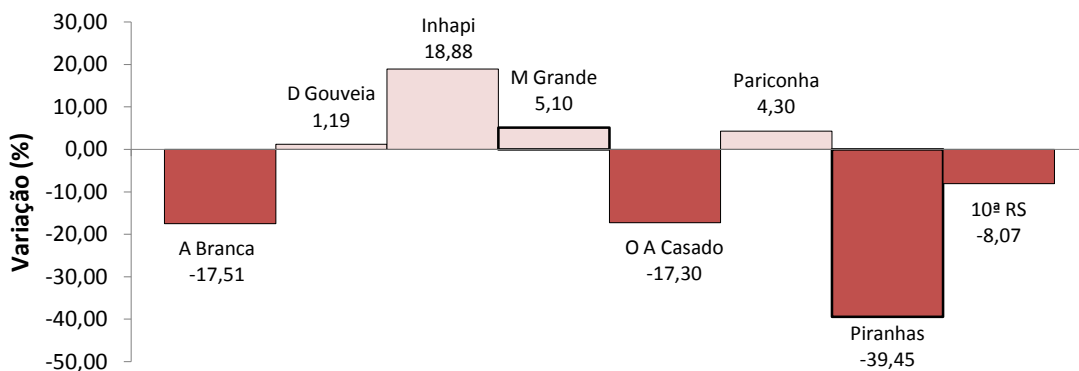
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 02 – Variação proporcional média das internações hospitalares realizadas em residentes da 10ª Região de Saúde, entre 2007 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 03 – Variação proporcional das internações hospitalares realizadas em residentes da 10ª Região de Saúde, entre 2012 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA (ICSAP)

Entre 2007 e 2013, se observa para a região, melhora quanto às internações por condições que a Atenção Primária à Saúde (APS) tem competência para resolver, sendo este um importante indicador de melhoria da sua qualidade, entretanto, a região possui as maiores proporções do estado, em todos os anos do período avaliado.

Observa-se que em 2007, 63,80% das internações ocorridas entre residentes da 10ª RS eram por ICSAP, reduzindo para 40,74% em 2013, sendo verificada tendência de melhora ($R^2=0,640$) (Figura 04-A). Analisando-se cada município, verifica-se que somente Mata Grande não apresenta tendência significativa de queda, e possui as maiores proporções em todos os anos (Tabela 02).

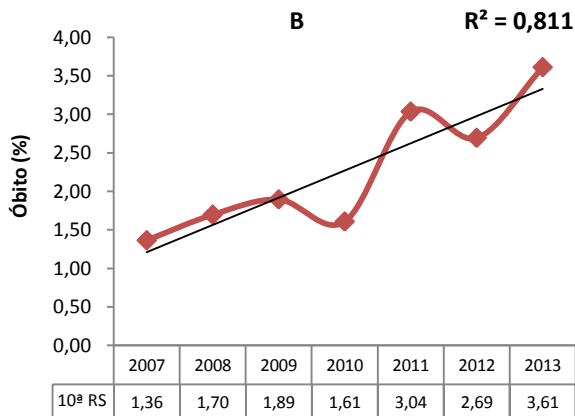
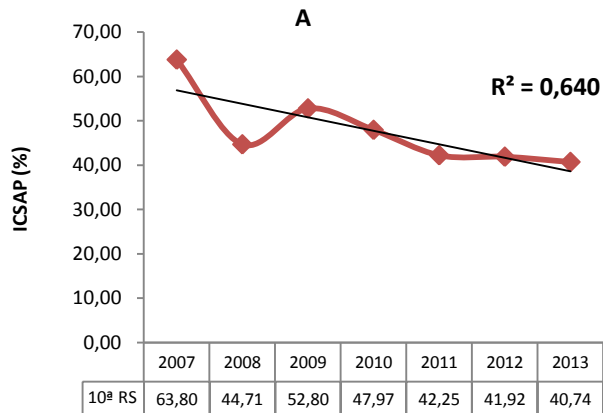
Observa-se ainda uma tendência de aumento quanto às altas hospitalares dessas internações por óbito, uma vez que a proporção aumenta de 1,36% (2007) para 3,61% (2013), e com significância estatística ($R^2=0,811$), sugerindo que a APS não tem sido eficaz em reduzir as complicações relacionadas às ICSAP ou ainda referenciando tardiamente os casos que demandam níveis mais complexos de Atenção (Figura 04-B). Entre os municípios, apresentam tendências significativas de aumento nas altas por óbito, aqueles residentes em Água Branca, Delmiro Gouveia, Inhapi e Piranhas (Tabela 03).

Em 2013, os principais grupos de ICSAP que ocasionaram internações dos residentes da 10ª RS foram as Gastroenterites Infecciosas (39,14%), o Diabetes (10,29%) e as Pneumonias Bacterianas (9,48%) (Figura 05).

Analisando-se as internações segundo faixas etárias e sexos, observa-se que as mulheres são maioria em todos os anos do período avaliado (Figura 06), com a imensa maioria das proporções ocorrendo entre crianças e idosos de ambos os sexos, entretanto, observa-se uma maior

predominância entre meninos e meninas de até 04 anos, em 2007, mas se sobrepondo entre os idosos, em 2013, para os dois sexos (Figura 07-A e B).

Figura 04 – Tendência temporal das internações (A) e das altas por óbito (B), nas Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP). 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 02 – Proporção e tendência temporal de Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Tendência	R ²
10ª RS	63,80	44,71	52,80	47,97	42,25	41,92	40,74	Redução	0,640
Água Branca	68,98	43,04	54,02	49,42	44,47	38,15	25,22	Redução	0,730
Delmiro Gouveia	63,39	44,12	57,25	50,20	42,90	38,33	34,58	Redução	0,706
Inhapi	65,71	42,04	43,91	39,01	32,84	24,69	22,54	Redução	0,871
Mata Grande	70,89	54,26	63,25	57,43	58,21	62,60	64,81	-	0,008
Olho d'Água do Casado	56,10	32,11	38,89	32,15	27,56	30,06	23,68	Redução	0,665
Pariconha	75,86	49,30	52,82	48,84	36,23	32,90	30,42	Redução	0,841
Piranhas	51,58	38,02	40,17	37,03	25,81	32,42	29,50	Redução	0,711

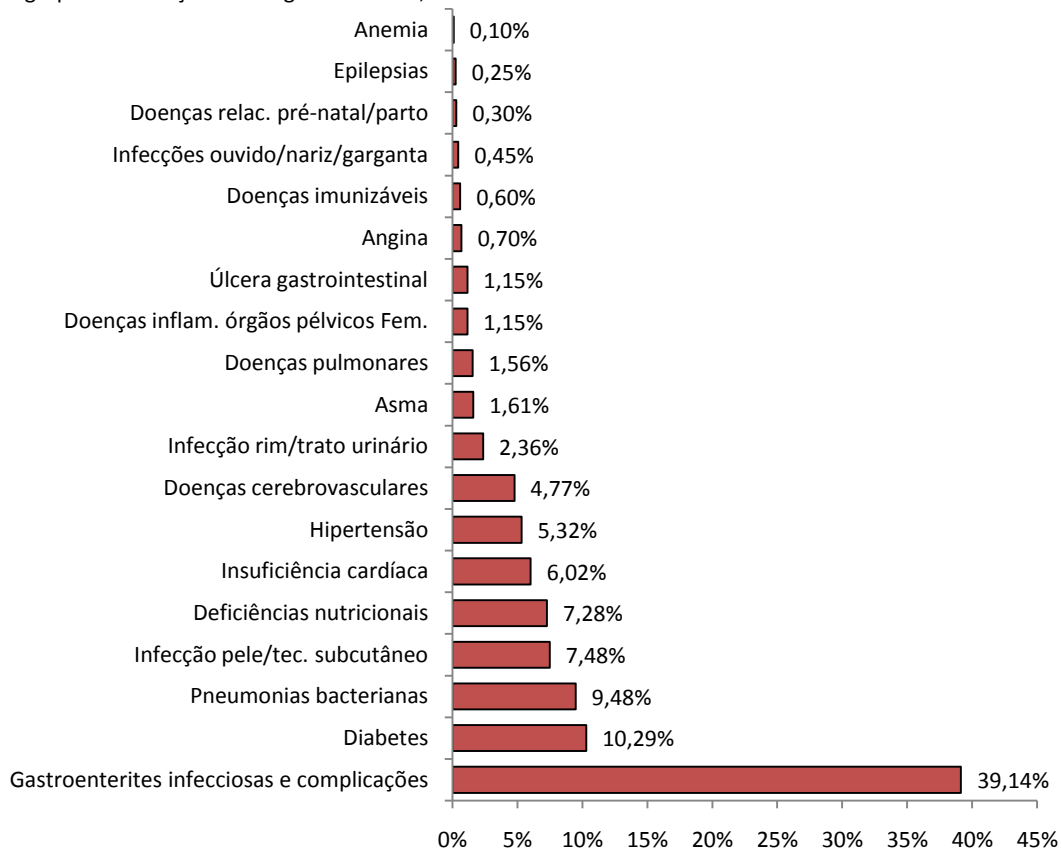
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 03 – Proporção e tendência temporal de alta por óbito, entre as Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Tendência	R ²
10ª RS	1,36	1,70	1,89	1,61	3,04	2,69	3,61	Aumento	0,811
Água Branca	1,03	1,18	1,78	1,27	2,49	2,20	8,62	Aumento	0,537
Delmiro Gouveia	2,38	2,92	2,22	2,66	5,01	5,02	6,68	Aumento	0,792
Inhapi	1,74	1,01	2,72	3,36	7,05	9,09	7,27	Aumento	0,826
Mata Grande	0,50	0,85	1,27	0,55	1,11	0,77	0,89	-	0,053
Olho d'Água do Casado	2,17	2,86	0,75	2,00	1,43	0,96	4,76	-	0,068
Pariconha	3,79	1,42	3,14	2,04	4,00	6,58	4,11	-	0,314
Piranhas	0,68	1,13	1,88	0,92	2,87	2,82	5,49	Aumento	0,749

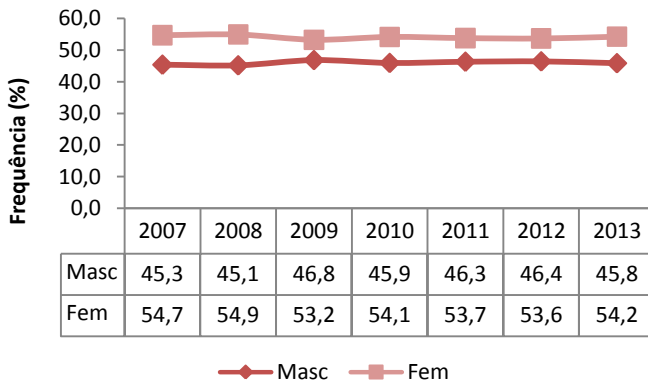
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 05 – Frequências de Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), segundo grupos de doenças. 10ª Região de Saúde, 2013.



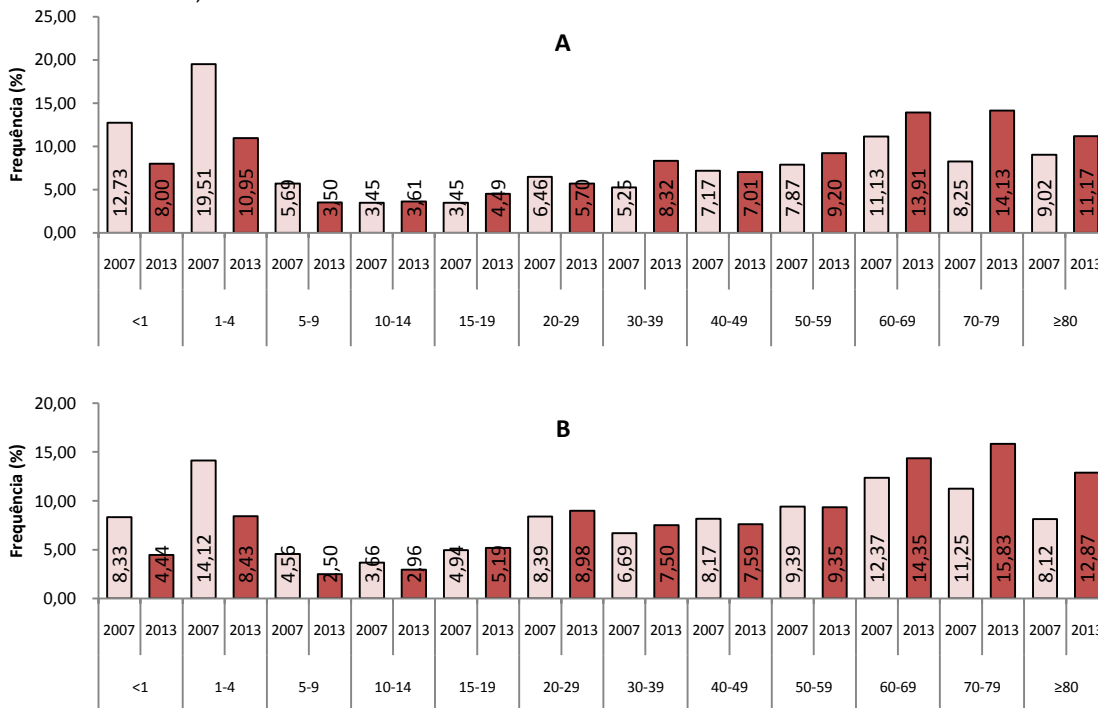
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 06 – Internações por ICSAP segundo sexos, entre os residentes da 10ª Região de Saúde, nos anos de 2007 a 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 07 – Internações por ICSAP segundo sexos (A – Masculino; B – Feminino) e faixas etárias, entre os residentes da 10ª RS, nos anos de 2007 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

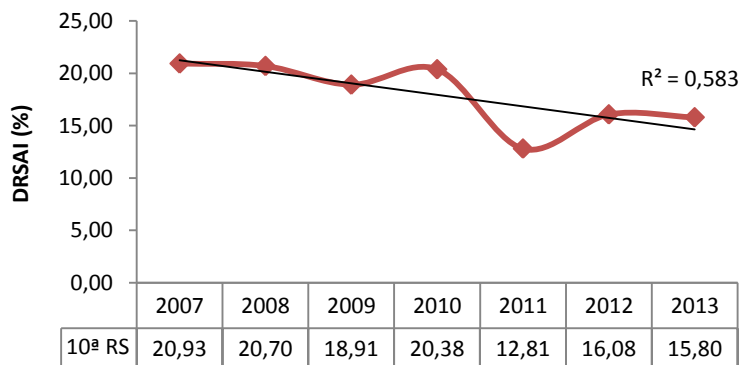
DOENÇAS RELACIONADAS AO SANEAMENTO AMBIENTAL INADEQUADO (DRSAI)

Várias doenças guardam relação direta com o saneamento ambiental, compreendendo-se que podem ocorrer DRSAI sem haver demanda por internação, além de sub-registros. Além disso, é importante destacar que o presente indicador é resultado de um conceito mais amplo de saneamento, não sendo restrito ao saneamento básico, mas abrangendo vários outros aspectos, tais como o controle de doenças transmissíveis, incluindo o controle de vetores e a disciplina quanto ao uso e ocupação do solo.

Assim, consideraram-se cinco grupos de doenças para a composição do indicador DRSAI: doenças de transmissão orofecal (A00-A01; A02-A04; A06-A09; B15); doenças transmitidas por vetores (A90-A91; A95; B50-B55; B57; B74); doenças transmitidas por meio do contato com a água (A27; B65); doenças relacionadas com a higiene (A71; B35-B36; H10); e, geohelmintíases e teníases (B67-B69; B71; B76-B83). Da mesma forma que as Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), para o cálculo das DRSAI foram desconsideradas todas as internações para a realização de partos, uma vez que tal situação constitui-se em um desfecho natural do processo gestacional.

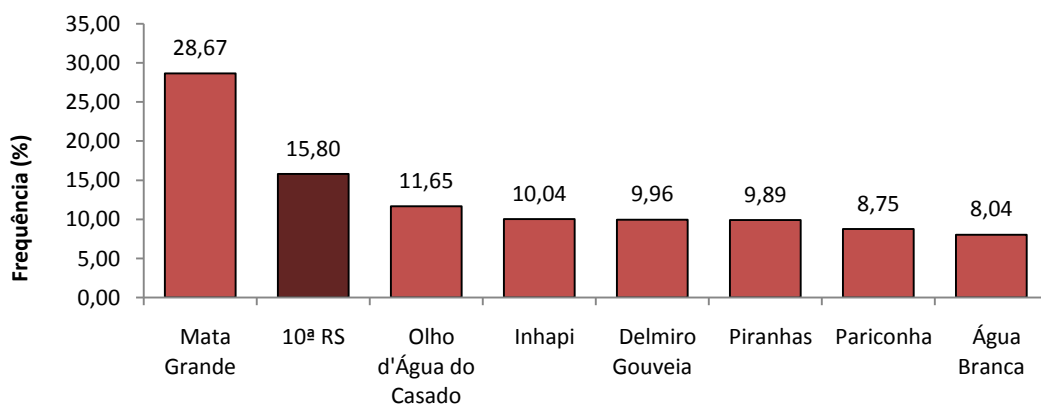
A proporção de internações por DRSAl da 10ª RS em 2013 (15,80%) é a maior do estado, mas as frequências apresentam tendência de queda e com significância estatística ($R^2=0,583$) (Figura 08). Mata Grande é o município que possui maior proporção de internações por DRSAl, em 2013, sendo a única localidade que possui percentual maior que o observado para a região nesse mesmo ano (Figura 09). Vale ainda destacar as importantes tendências de queda verificada em todas as cidades, exceto em Mata Grande e em Olho d'Água do Casado (Tabela 04).

Figura 08 – Tendência temporal das internações por Doenças Relacionadas ao Saneamento Ambiental Inadequado (DRSAI). 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 09 – Proporção de internações por Doenças Relacionadas ao Saneamento Ambiental Inadequado (DRSAI), segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 04 – Proporção e tendência temporal de internações por Doenças Relacionadas ao Saneamento Ambiental Inadequado (DRSAI), segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Tendência	R ²
10ª RS	20,93	20,70	18,91	20,38	12,81	16,08	15,80	Redução	0,589
Água Branca	21,53	17,34	17,05	19,06	11,39	13,95	8,04	Redução	0,770
Delmiro Gouveia	22,47	24,17	19,57	18,10	13,58	9,54	9,96	Redução	0,919
Inhapi	19,71	17,83	13,13	21,73	14,11	8,98	10,04	Redução	0,531
Mata Grande	20,17	23,56	20,60	29,47	16,03	27,13	28,67	-	0,186
Olho d'Água do Casado	20,33	14,37	20,47	13,18	11,42	16,18	11,65	-	0,408
Pariconha	27,01	21,68	20,27	21,93	11,96	9,96	8,75	Redução	0,893
Piranhas	19,19	15,43	18,38	14,15	8,23	13,55	9,89	Redução	0,634

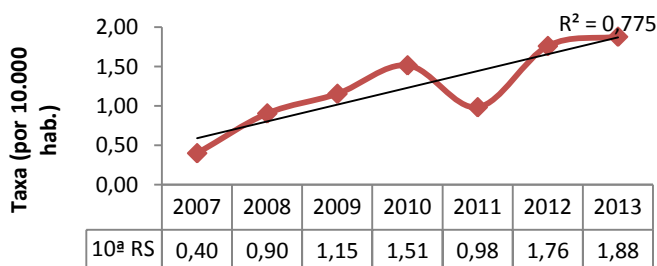
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO (DART)

Foram consideradas, para análise, as dermatoses (L98), as pneumoconioses (J60-J64) e os efeitos tóxicos de substâncias de origem predominantemente não-medicinal (T51-T65), sendo calculadas taxas de internação. É importante destacar que essas doenças/agravos podem não estar relacionados ao trabalho, entretanto, sinaliza para uma eventual necessidade de maior articulação com as unidades hospitalares, no sentido de detectar e esclarecer, por meio de investigação epidemiológica, a sua relação com a atividade laboral.

No período (2007 a 2013), foram realizadas 133 internações de residentes na 10ª RS por tais doenças/agravos, com elevação nas taxas de internação ao longo do tempo, mas sem significância ($R^2=0,775$) (Figura 10). Entre os municípios, observa-se tendência de aumento apenas entre os residentes de Inhapi e Mata Grande (Tabela 05). É importante ter cautela em tais resultados, devido às ausências de registro em vários anos, e em vários municípios.

Figura 10 – Tendência temporal das taxas de internação por Doenças e Agravos Relacionados ao Trabalho (DART). 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 05 – Taxas de internação e tendência temporal de internações por Doenças e Agravos Relacionados ao Trabalho (DART), segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

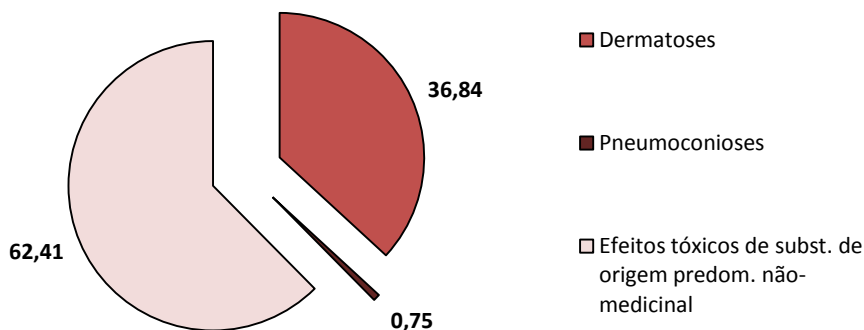
LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Tendência	R ²
10ª RS	0,40	0,90	1,15	1,51	0,98	1,76	1,88	-	0,479
Água Branca	3,11	2,01	2,00	0,52	0,51	3,04	3,89	-	0,030
Delmiro Gouveia	0,00	1,25	1,86	2,29	1,03	1,43	2,35	-	0,388
Inhapi	0,00	1,10	1,10	0,00	2,23	2,80	2,70	Aumento	0,674
Mata Grande	0,00	0,00	0,40	0,81	0,81	2,45	0,79	Aumento	0,507
Olho d'Água do Casado	0,00	0,00	1,17	0,00	0,00	1,15	2,19	-	0,461
Pariconha	0,00	0,95	0,00	0,98	0,97	1,95	0,94	-	0,442
Piranhas	0,00	0,41	0,40	3,47	0,86	0,00	0,00	-	0,000

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

A maioria das internações é decorrente das intoxicações por substâncias não-medicinais (62,41%) (Figura 11), totalizando 49 internações em todo o período analisado. As internações por pneumoconioses – enquanto diagnóstico para emissão da Autorização de Internação Hospitalar (AIH) – são quase inexistentes, havendo apenas 01 hospitalização em todo o período.

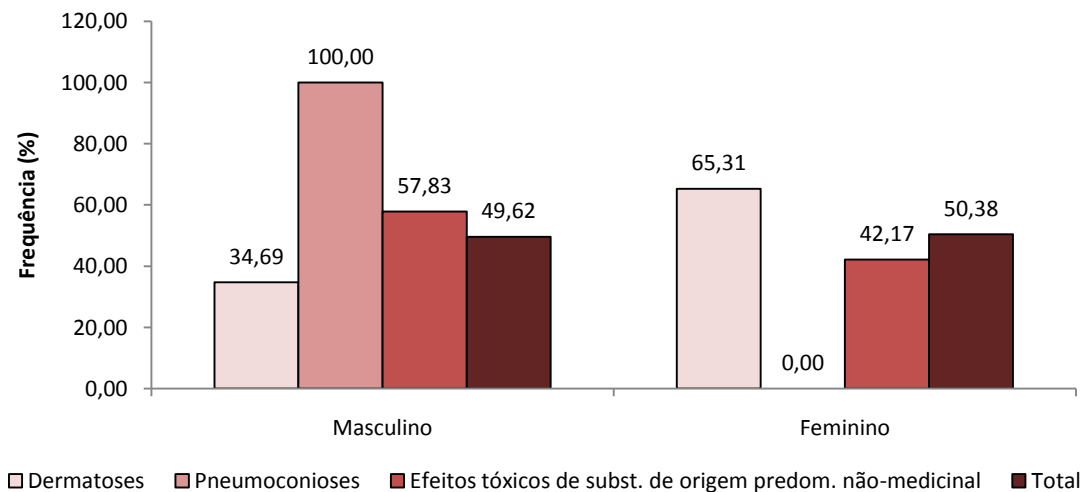
Há uma equivalência entre mulheres e homens (50,38% contra 49,62%) considerando-se todas as DART, porém, ao estratificar cada doença/agravo, percebe-se que as mulheres são maioria entre as dermatoses (65,31%), enquanto que os homens são mais frequentes entre os casos de intoxicações (57,83%) (Figura 12). Considerando ainda as faixas etárias, as dermatoses ocorrem eminentemente entre adultos e idosos (Figura 13), enquanto as intoxicações ocorrem predominantemente entre crianças, adolescentes e adultos de ambos os sexos, mas é importante frisar que o pico das frequências ocorre nas idades de 01 a 04 anos, tanto nos meninos quanto nas meninas (Figura 14), podendo tais situações ser decorrente de acidentes domésticos, trabalho infantil ou ainda envolvendo animais peçonhentos.

Figura 11 – Proporção de internações por Doenças e Agravos Relacionados ao Trabalho (DART), segundo doença/agravo. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



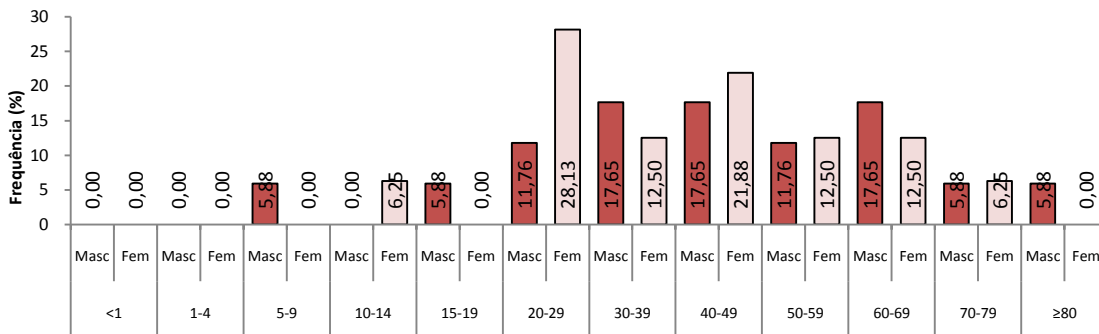
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 12 – Proporção de internações por Doenças e Agravos Relacionados ao Trabalho (DART), segundo doença/agravo, estratificado por sexos. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



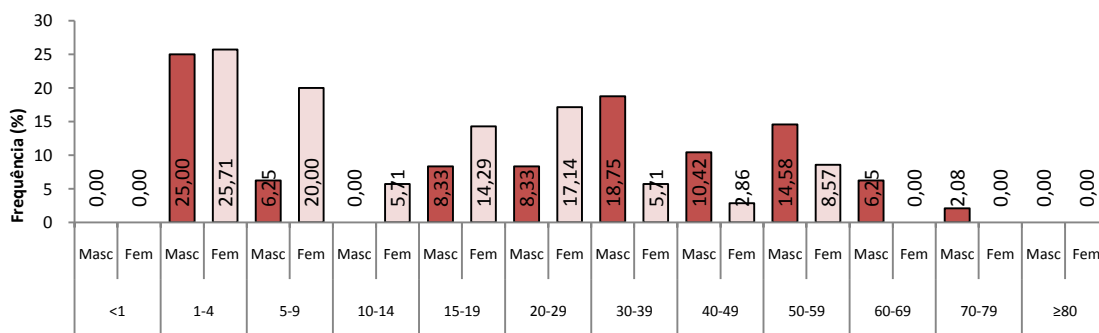
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 13 – Internações por Dermatoses segundo sexos e faixas etárias, entre os residentes da 10ª Região de Saúde, nos anos de 2007 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 14 – Internações por Intoxicações segundo sexos e faixas etárias, entre os residentes da 10ª Região de Saúde, nos anos de 2007 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

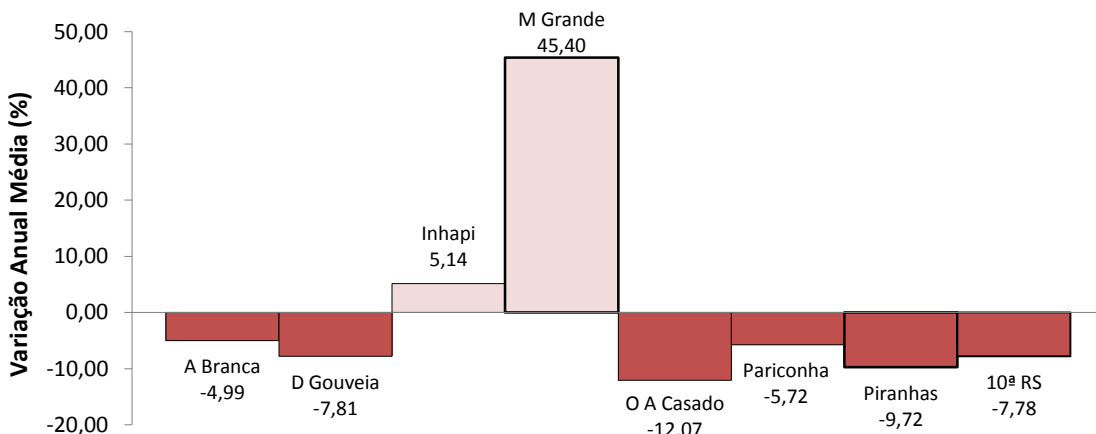
DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS (DCNT)

Para a análise das internações por algumas DCNT, foram calculadas taxas de internação e foram selecionadas as doenças cerebrovasculares (I60-I69), o diabetes (E10-E14), a hipertensão primária (I10), as doenças isquêmicas do coração (I20-I25), os cânceres (C00-C76; C80-C97; D45-D47), as doenças crônicas das vias aéreas inferiores (J40-J47) e os transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substância psicoativa (F10-F19). Além disso, foram desconsideradas as internações para a realização de partos.

Analisando-se a dinâmica das internações por DNCT entre os residentes da 10ª RS, verifica-se redução média de -7,78% nas taxas de internação, no período analisado (2007 a 2013), apresentando uma taxa de 38,43/10.000 hab. em 2013, entretanto, apenas em Inhapi e Mata Grande há aumento no período, sendo este aumento muito maior entre os cidadãos de Mata Grande (45,40%) (Figura 15).

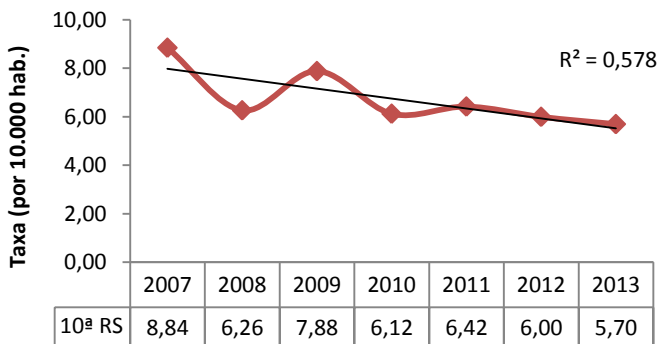
Ao desagregar as DCNT segundo doenças selecionadas, observa-se redução média anual de -5,40% nas taxas de internação por doenças cerebrovasculares, e havendo significância estatística quanto à tendência de diminuição ($R^2=0,578$) (Figura 16). A única localidade que apresenta redução média, inclusive com tendência significativa, é Delmiro Gouveia. Olho d'Água do Casado também possui tendência de queda, apesar do aumento da taxa ocorrido em 2013 e da variação média anual corresponder a incrementos de 8,93% ao ano, em média (Tabela 06). Isso se dá porque no passado, as taxas de internação por doenças cerebrovasculares entre os residentes de Olho d'Água do Casado eram muito elevadas.

Figura 15 – Variação proporcional média das internações por Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 16 – Tendência temporal das internações por Doenças Cerebrovasculares. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

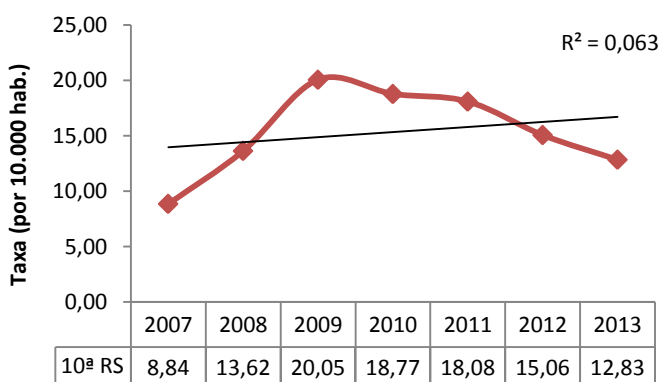
Tabela 06 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Doenças Cerebrovasculares, segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
10ª RS	8,84	6,26	7,88	6,12	6,42	6,00	5,70	-5,40	Redução	0,578
Água Branca	11,91	1,01	4,50	4,13	3,60	3,54	2,92	36,80	-	0,259
Delmiro Gouveia	13,31	11,25	9,08	8,53	6,81	5,32	6,86	-7,39	Redução	0,864
Inhapi	3,40	2,76	7,16	5,59	7,26	3,36	5,94	29,96	-	0,134
Mata Grande	2,03	0,40	7,90	2,83	6,89	9,82	4,34	314,14	-	0,311
Olho d'Água do Casado	14,74	8,35	10,57	3,53	3,49	1,15	3,29	8,93	Redução	0,769
Pariconha	5,88	3,81	5,69	4,88	3,89	4,86	7,49	10,83	-	0,096
Piranhas	7,95	9,74	8,76	8,24	9,02	9,79	6,92	-0,81	-	0,042

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Em relação ao diabetes, que também é uma condição sensível à APS, as taxas de internação vêm sofrendo oscilações ao longo do tempo, com aumento médio de 9,95%, entretanto, observa-se redução nas taxas desde 2010, porém não sendo suficiente para definir tendências ($R^2=0,465$), principalmente porque a região possuía taxa muito menor em 2007 (Figura 17). Apenas Água Branca apresenta redução média nas taxas de internação ao longo do tempo, porém, chama atenção as tendências de aumento observadas para Inhapi ($R^2=0,816$) e Mata Grande ($R^2=0,827$) (Tabela 07). Por outro lado, em 2013, as maiores taxas se encontravam em Mata Grande, Pariconha e Delmiro Gouveia (Tabela 07).

Figura 17 – Tendência temporal das internações por Diabetes Mellitus. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 07 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Diabetes Mellitus, segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

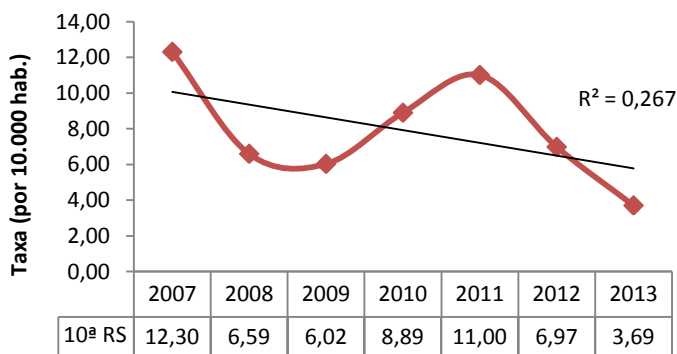
LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIÇÃO		
								PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
10ª RS	8,84	13,62	20,05	18,77	18,08	15,06	12,83	9,95	-	0,063
Água Branca	15,53	23,64	32,02	31,48	29,33	12,65	6,81	-3,09	-	0,152
Delmiro Gouveia	11,80	16,46	30,33	21,42	18,35	16,57	13,33	10,19	-	0,008
Inhapi	0,00	3,31	2,20	3,91	3,91	4,48	6,48	21,19	Aumento	0,816
Mata Grande	6,91	7,11	14,22	22,27	28,37	23,72	26,43	30,72	Aumento	0,827
Olho d'Água do Casado	4,91	11,92	12,92	7,07	9,30	8,04	8,78	24,94	-	0,000
Pariconha	5,88	16,18	24,67	22,45	13,63	17,51	14,99	33,84	-	0,056
Piranhas	8,78	13,79	9,96	13,01	13,32	14,47	8,14	4,12	-	0,006

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Considerando a hipertensão primária, observa-se, em média, redução nas taxas de internações (-11,21%), com oscilações ao longo do tempo, e sem possibilidade de avaliar tendências ($R^2=0,267$) (Figura 18). É importante destacar que apenas Olho d'Água do Casado, Pariconha e Piranhas têm tendências significativas de queda (Tabela 08). Além disso, Mata Grande e Água Branca possuem as maiores taxas no período.

É observado aumento nas taxas (16,72% ao ano) devido às doenças isquêmicas do coração, e com forte significância estatística ($R^2=0,854$) (Figura 19). Tendências de aumento podem ser vistas entre os residentes de Delmiro Gouveia e Mata Grande (Tabela 09).

Figura 18 – Tendência temporal das internações por Hipertensão Primária. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



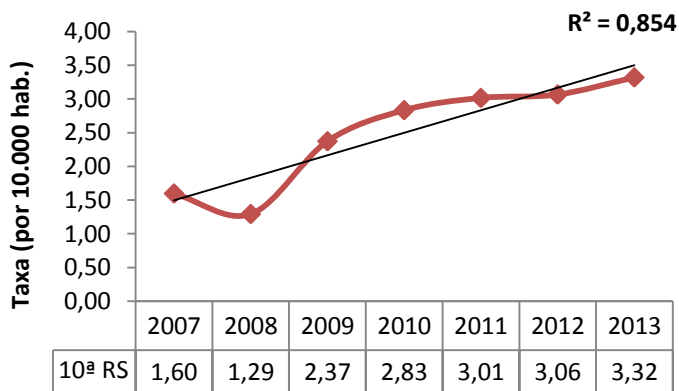
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 08 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Hipertensão Primária, segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
10ª RS	12,30	6,59	6,02	8,89	11,00	6,97	3,69	-11,21	-	0,267
Água Branca	2,59	31,69	23,51	20,13	21,61	11,13	1,95	165,97	-	0,095
Delmiro Gouveia	5,79	0,00	0,00	0,21	0,21	0,20	0,00	-50,00	-	0,360
Inhapi	7,37	0,00	0,55	3,35	1,68	1,68	2,16	76,67	-	0,123
Mata Grande	44,31	0,00	8,30	35,62	46,20	30,27	18,15	35,13	-	0,007
Olho d'Água do Casado	4,91	4,77	5,87	0,00	0,00	1,15	0,00	-43,75	Redução	0,647
Pariconha	5,88	10,47	1,90	0,98	2,92	0,00	0,00	10,30	Redução	0,577
Piranhas	8,78	9,74	7,17	0,00	2,15	2,55	2,04	-22,19	Redução	0,634

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 19 – Tendência temporal das internações por Doenças Isquêmicas do Coração. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 09 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Doenças Isquêmicas do Coração, segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

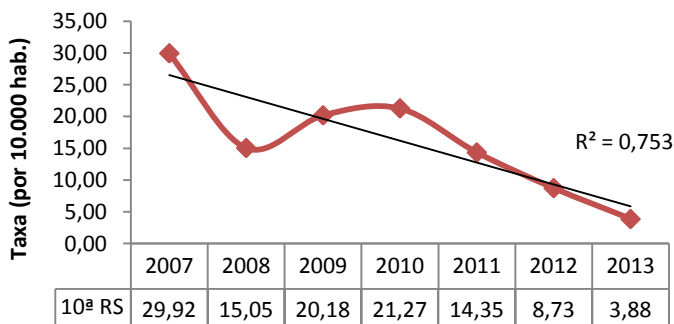
LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
10ª RS	1,60	1,29	2,37	2,83	3,01	3,06	3,32	16,72	Aumento	0,854
Água Branca	2,07	1,01	1,50	1,03	3,60	0,51	4,38	155,16	-	0,182
Delmiro Gouveia	2,58	3,13	3,51	2,91	3,51	3,07	4,51	13,95	Aumento	0,500
Inhapi	1,13	0,00	0,00	1,68	3,91	6,17	2,16	6,71	-	0,448
Mata Grande	0,81	0,79	0,79	2,43	3,65	3,27	1,97	33,56	Aumento	0,515
Olho d'Água do Casado	0,00	0,00	0,00	1,18	2,33	1,15	0,00	-16,67	-	0,151
Pariconha	0,98	0,95	2,85	6,83	2,92	8,75	3,75	70,11	-	0,399
Piranhas	1,25	0,00	4,78	4,34	0,43	0,85	3,26	35,24	-	0,017

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Ao contrário das doenças isquêmicas do coração, há uma redução importante (-22,90%) nas taxas de internação por doenças respiratórias crônicas das vias aéreas inferiores e com tendência de decréscimo ($R^2=0,753$) (Figura 20). Entre os municípios, somente em Mata Grande há, em média, aumento nas taxas, enquanto em todos os demais há tendências significativas de decréscimo (Tabela 10).

As taxas de internação por câncer aumentam, em média, 9,52% entre os residentes da 10ª RS, sinalizando para uma tendência de aumento, e com significância ($R^2=0,559$) (Figura 21). Todas as localidades aumentam as suas taxas de internação, mas Água Branca possui a maior taxa da região, em 2013, sendo esta taxa equivalente a quase o dobro da observada entre os municípios de Pariconha, os quais possuem a segunda maior taxa da região (Tabela 11).

Figura 20 – Tendência temporal das internações por Doenças Respiratórias Crônicas das Vias Aéreas Inferiores. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



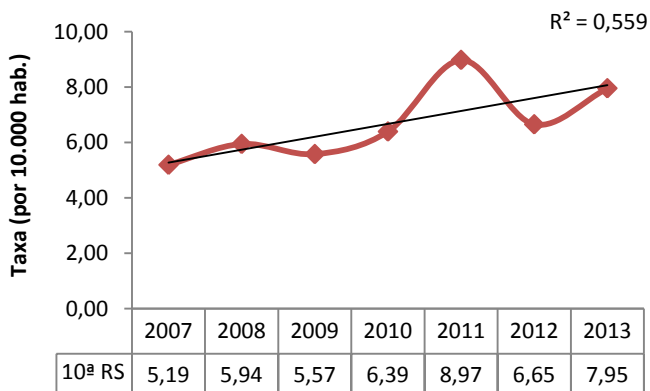
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 10 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Doenças Respiratórias Crônicas das Vias Aéreas Inferiores, segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
10ª RS	29,92	15,05	20,18	21,27	14,35	8,73	3,88	-22,90	Redução	0,753
Água Branca	37,79	24,65	38,02	29,42	31,39	12,14	3,89	-20,51	Redução	0,632
Delmiro Gouveia	25,32	19,59	22,08	29,32	16,29	6,14	5,10	-15,68	Redução	0,610
Inhapi	11,91	1,65	2,75	3,35	2,79	0,00	0,54	-23,14	Redução	0,520
Mata Grande	42,68	0,40	7,11	7,69	10,13	2,86	4,34	270,54	-	0,326
Olho d'Água do Casado	28,26	10,73	19,96	16,49	6,98	13,78	4,39	-2,24	Redução	0,554
Pariconha	23,51	18,09	8,54	20,50	6,81	6,81	0,94	-15,42	Redução	0,703
Piranhas	35,97	23,53	33,06	28,20	15,46	22,97	4,48	-14,38	Redução	0,657

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 21 – Tendência temporal das internações por Câncer. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 11 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Câncer, segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
10ª RS	5,19	5,94	5,57	6,39	8,97	6,65	7,95	9,52	Aumento	0,559
Água Branca	7,77	5,03	3,50	4,13	11,84	3,54	18,01	82,91	-	0,261
Delmiro Gouveia	4,94	7,71	8,87	8,11	8,25	4,91	6,67	12,00	-	0,002
Inhapi	2,83	3,86	6,06	4,47	7,26	16,82	8,10	35,52	-	0,497
Mata Grande	3,25	2,37	2,37	6,07	5,67	6,54	2,76	12,73	-	0,177
Olho d'Água do Casado	4,91	13,11	5,87	5,89	9,30	6,89	6,58	25,91	-	0,012
Pariconha	6,86	7,62	8,54	10,74	22,39	10,70	9,37	16,14	-	0,162
Piranhas	6,69	5,27	2,39	4,77	6,87	3,40	7,33	20,26	-	0,012

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

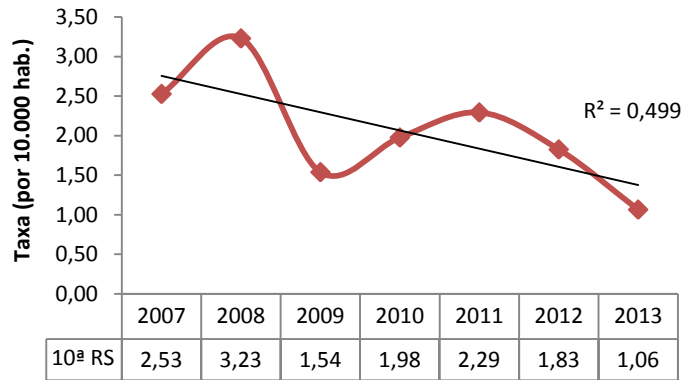
Finalmente, em relação aos transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substância psicoativa, há variação positiva, ou seja, aumento médio anual nas taxas de internação entre moradores de Água Branca, Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado e Pariconha (Tabela 12). Em 2013, Água Branca deteve a maior taxa da região, enquanto não houve registro de internação por tais causas, para os residentes de Inhapi, Mata Grande e Pariconha, sendo importante avaliar com cautela essa situação. Para a região, há certa tendência decrescente ($R^2=0,499$) (Figura 22), uma vez que vem reduzindo as taxas, em média, -7,02% ao ano. Essa situação de redução média anual observada para a 10ª RS, só é compartilhada com a 1ª RS.

Tabela 12 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Transtornos Mentais e Comportamentais Devidos ao Uso de Substâncias Psicoativas, segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
10ª RS	2,53	3,23	1,54	1,98	2,29	1,83	1,06	-7,02	-	0,499
Água Branca	1,04	0,00	1,00	2,06	1,03	0,51	4,87	160,00	-	0,360
Delmiro Gouveia	1,93	7,92	2,06	1,25	1,24	1,23	0,39	23,65	-	0,326
Inhapi	6,80	0,55	0,00	0,56	1,12	1,12	0,00	-38,33	-	0,339
Mata Grande	0,41	0,00	3,56	4,05	4,46	2,45	0,00	-44,87	-	0,032
Olho d'Água do Casado	1,23	4,77	0,00	2,36	4,65	5,74	1,10	49,00	-	0,046
Pariconha	10,77	2,86	0,95	5,86	9,73	5,84	0,00	47,88	-	0,107
Piranhas	0,84	1,62	0,80	0,43	0,00	0,85	1,63	-1,71	-	0,000

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 22 – Tendência temporal das internações por Transtornos Mentais e Comportamentais Devidos ao Uso de Substâncias Psicoativas. 10ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.



MORTALIDADE

Nos últimos seis anos, as causas de óbitos mais frequentes na 10ª RS do estado de Alagoas foram aquelas codificadas no Capítulo IX (1.678: 29,9%), seguida do Capítulo XX (803: 14,3%) e XVIII (583: 10,4%) (Tabela 01; Figura 01).

Tabela 01 – Frequência de óbitos por grupo de causas (CAP CID-10) na 10ª RS do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.

GRUPO DE CAUSAS	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	TOTAL
CAP I	34	38	45	26	22	28	46	239
CAP II	88	78	81	65	62	75	86	535
CAP III	01	08	06	06	05	02	01	29
CAP IV	67	59	66	68	71	57	70	458
CAP V	06	11	07	06	13	13	07	63
CAP VI	09	11	11	10	05	09	12	67
CAP IX	240	233	232	211	240	252	270	1.678
CAP X	55	33	41	46	51	45	57	328
CAP XI	31	23	26	16	18	25	26	165
CAP XII	00	01	02	00	03	00	02	08
CAP XIII	01	02	00	01	03	00	05	12
CAP XIV	09	07	06	12	14	09	19	76
CAP XV	01	03	00	00	02	01	03	10
CAP XVI	69	92	87	82	54	57	53	494
CAP XVII	09	12	09	10	14	02	09	65
CAP XVIII	65	69	81	91	67	105	105	583
CAP XX	96	105	109	130	122	117	124	803
TOTAL	781	785	809	780	766	797	895	5.613

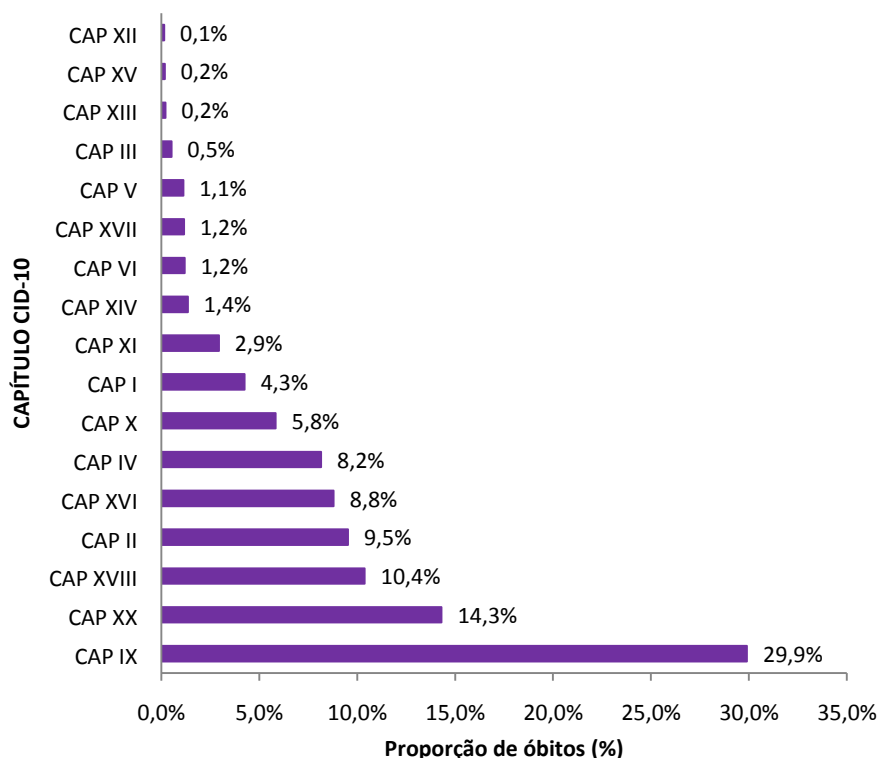
GRUPOS DE CAUSAS SEGUNDO CAPÍTULO DO CID-10

- I. Algumas doenças infecciosas e parasitárias
- II. Neoplasias
- III. Doenças do sangue e órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários
- IV. Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas
- V. Transtornos mentais e comportamentais
- VI. Doenças do sistema nervoso
- VII. Doenças do olho e anexos*
- VIII. Doenças do ouvido e da apófise mastoide*
- IX. Doenças do aparelho circulatório
- X. Doenças do aparelho respiratório
- XI. Doenças do aparelho digestivo
- XII. Doenças da pele e do tecido subcutâneo
- XIII. Doenças sistema osteomuscular e tecido conjuntivo
- XIV. Doenças do aparelho geniturinário
- XV. Gravidez, parto e puerpério
- XVI. Algumas afecções originadas no período perinatal
- XVII. Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas
- XVIII. Sint., sinais e achados anormais de ex. clínicos e de laboratório não classificados em outra parte
- XIX. Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas*
- XX. Causas externas de morbidade e mortalidade
- XXI. Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde*

*Excluídos por não ter ocorrido casos no período avaliado.

Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Figura 01 – Mortalidade proporcional por grupo de causas (CAP. CID-10) na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.



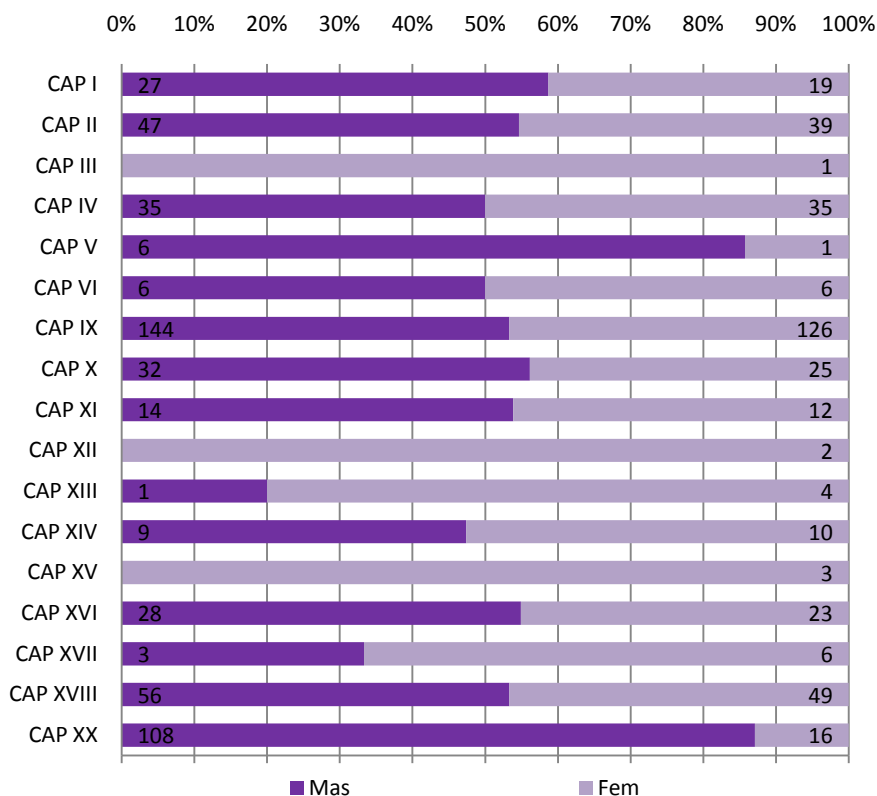
*Excluídos os capítulos VII, VIII, XIX e XXI por não apresentarem casos no período ou não possuírem frequências significativas. Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Avaliando os grupos de causas de óbitos por sexo na 10ª RS, verifica-se uma diferença mais significativa quando observadas as causas codificadas no Capítulo XX (Causas externas de morbidade e mortalidade) e capítulo V (Transtornos mentais e comportamentais), nos quais se pode observar que aproximadamente 90% dos óbitos ocorreram entre indivíduos do sexo masculino (Figura 02). Assim como observado quando avaliado todo o Estado, observa-se nesta RS uma maior ocorrência de óbitos por causas externas entre os indivíduos do sexo masculino, principalmente aquelas relacionadas a acidentes e homicídios. No ano de 2013, com exceção dos óbitos decorrentes a causas codificadas no capítulo XV (Gravidez, parto e puerpério), causas que abrangem exclusivamente as mulheres, os capítulos III (Doenças do sangue e órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários) e XII (Doenças da pele e do tecido subcutâneo), apesar de apresentar baixa frequência, também só foram observados como causa de óbitos entre mulheres.

Observa-se na figura 03 a tendência temporal da taxa de mortalidade para cada grupo de causas codificadas no CID-10. Entre os três grupos de causas apontados como sendo responsáveis pelas maiores proporções de óbitos na 10ª RS, os capítulos XX (Causas externas de morbidade e mortalidade) e XVIII (Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório não classificados em outra parte) apresentaram tendência de crescimento quando avaliados os sete

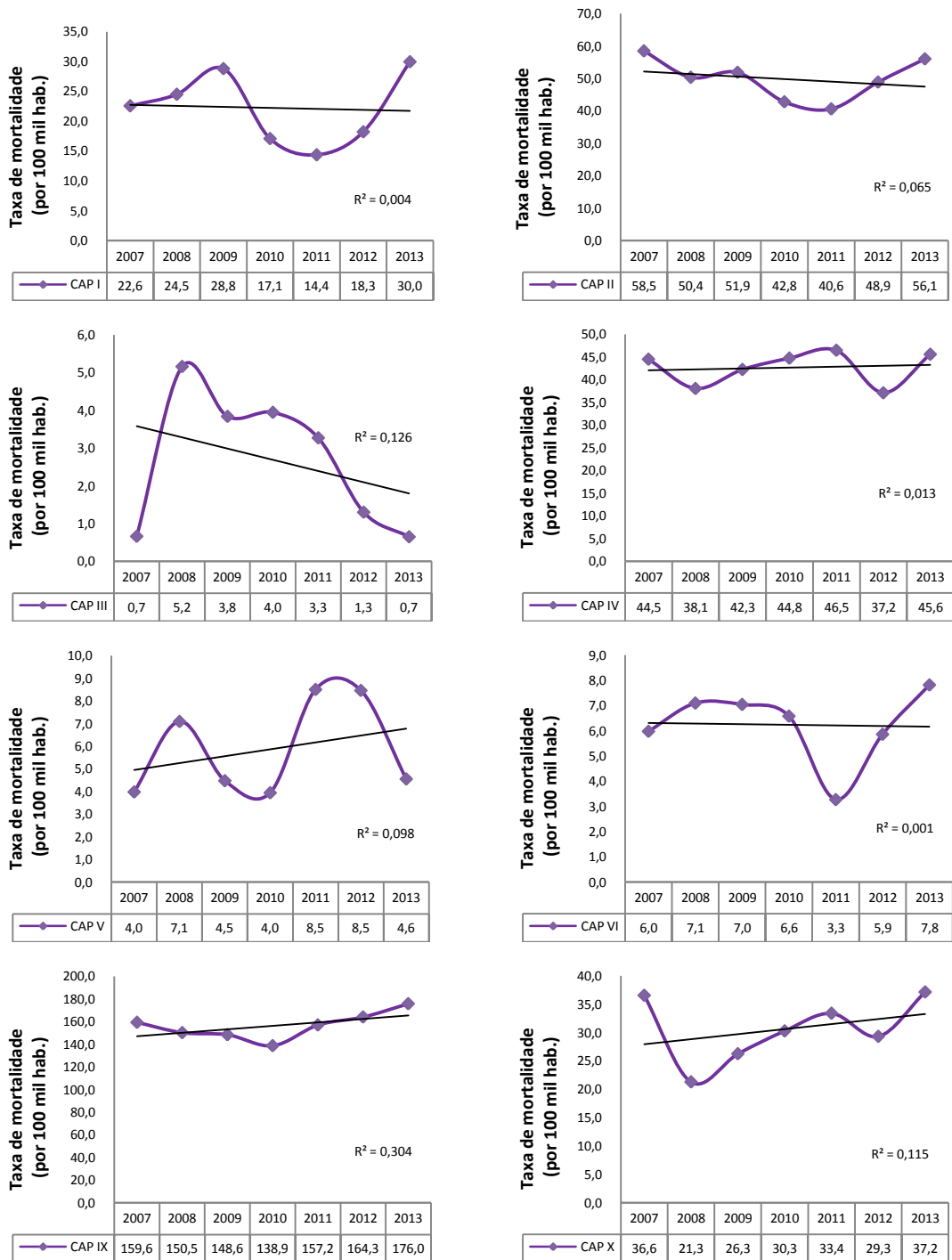
últimos anos (2007 a 2013). Em relação aos demais capítulos, destacam-se o capítulo XIV (Doenças do aparelho geniturinário) por apresentar uma tendência significativa de crescimento, mesmo que esta reflita uma fraca tendência ($R^2=0,5004$) (Figura 03). Apenas os óbitos devido às causas codificadas no capítulo XVI (Algumas afecções originadas no período perinatal) apresentaram tendência de declínio em suas taxas de mortalidade (Figura 03).

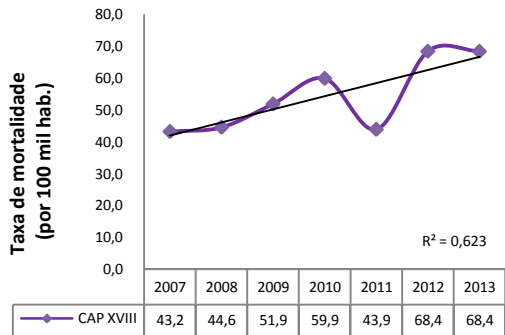
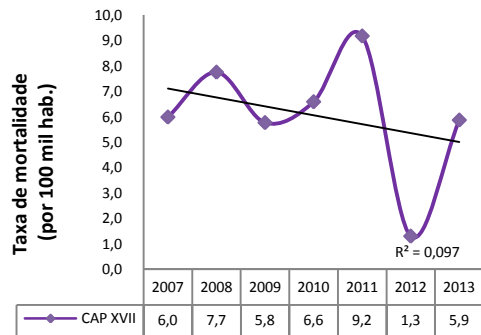
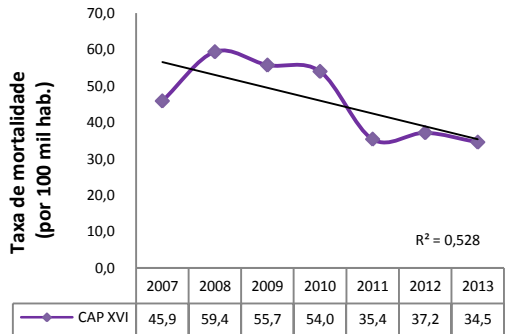
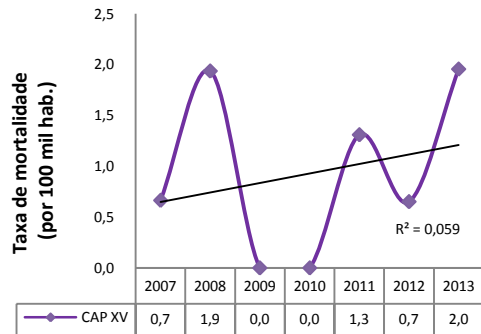
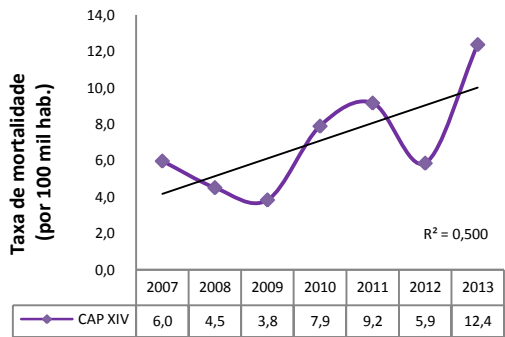
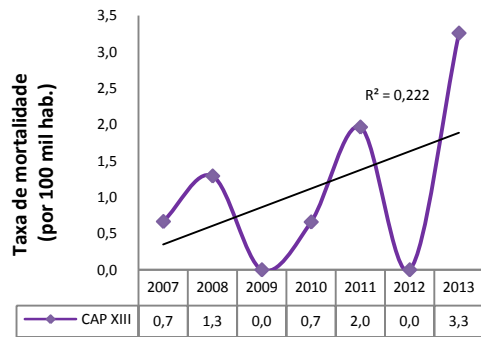
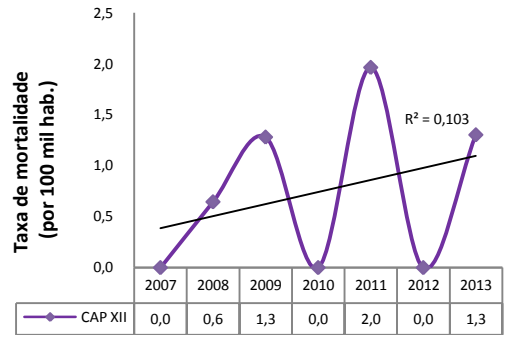
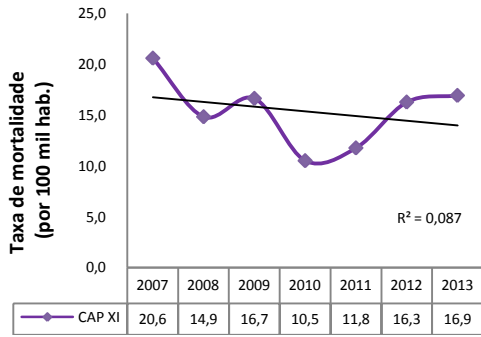
Figura 02 – Frequência de óbitos por grupo de causas (CAP. CID-10) na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, segundo sexo, 2013.

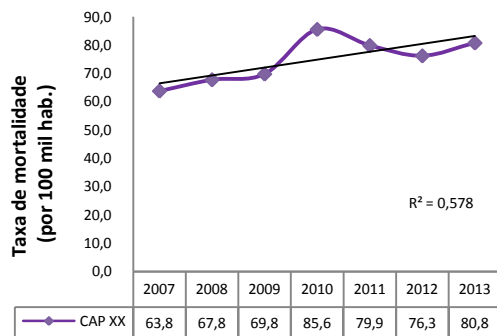


*Excluídos os capítulos VIII, XIX e XXI por não apresentarem casos no período avaliado. Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Figura 03 – Tendência temporal da taxa de mortalidade segundo os grupos de causas (CAP. CID-10*) na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.





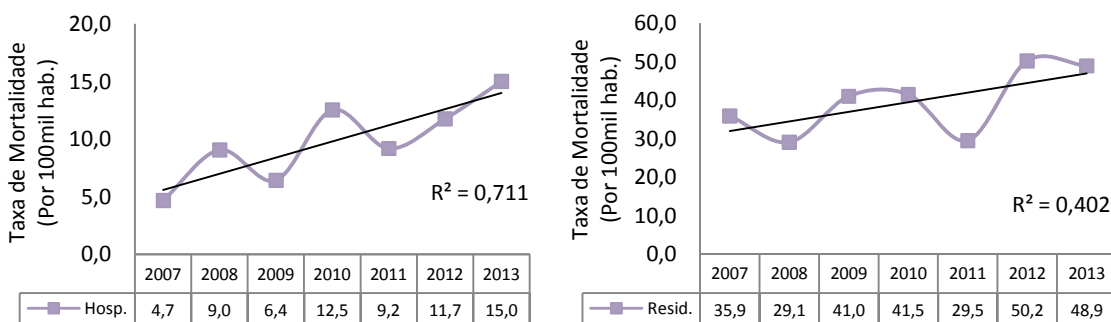


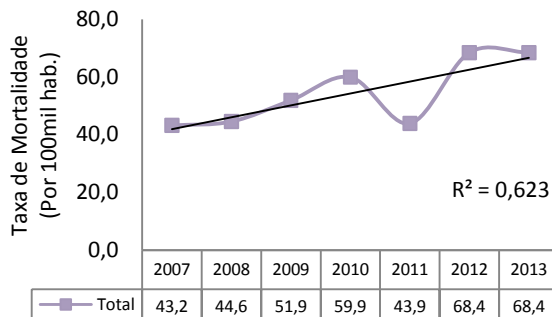
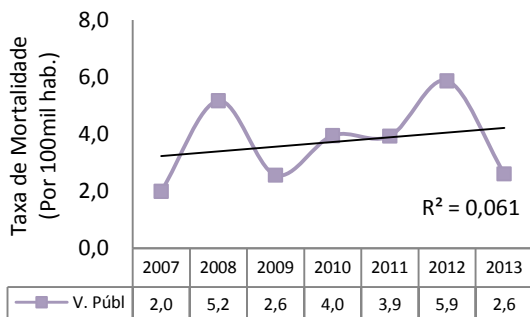
*Excluídos os capítulos VII, VIII, XIX e XXI por não apresentarem casos no período ou não possuírem taxas significativas. Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Os óbitos decorrentes das causas codificadas no capítulo XVIII, refletem, mesmo que indiretamente, o acesso e a disponibilidade da atenção à saúde para com a população, e ainda, a qualidade dos serviços responsáveis por diagnóstico e esclarecimento das causas de morte. É importante ressaltar que regiões que apresentam grande frequência de óbitos com causas não esclarecidas, pode interferir na análise do perfil epidemiológico do território analisado.

É recomendado que o número de óbitos classificados como mal definidos apresente uma diminuição progressiva. Na 10ª RS, observa-se nos últimos sete anos, que a taxa de mortalidade por este grupo de causas apresentou uma moderada tendência de crescimento (Figura 04). Também não se observa tendência de melhoria neste tipo de diagnóstico dos óbitos na 10ª RS quando avaliados especificamente os locais de ocorrência dos mesmos, inclusive, avaliando os casos ocorridos nos hospitais e nos domicílios, verifica-se uma tendência de crescimento significativa na taxa de mortalidade por causas mal definidas (Figura 04 - Hosp. e Resid.). Apesar de não apresentar tendência significativa de crescimento, os óbitos com causas mal definidas ocorridos em via pública apresenta um considerável crescimento quando observado entre 2009 e 2012 (Figura 04 - Via pública), no entanto sofre uma queda no ano de 2013.

Figura 04 – Tendência temporal da taxa de mortalidade devido às consequências codificadas no Capítulo XVIII (CAP CID-10), segundo local do óbito, observado na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.





Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Entre as causas definidas de óbitos observadas na 10ª RS do estado de Alagoas, as doenças cerebrovasculares representam a primeira delas, seguida do infarto agudo do miocárdio e dos homicídios, contudo, as causas mal definidas figuram como a primeira causa de óbito na RS (Figura 02).

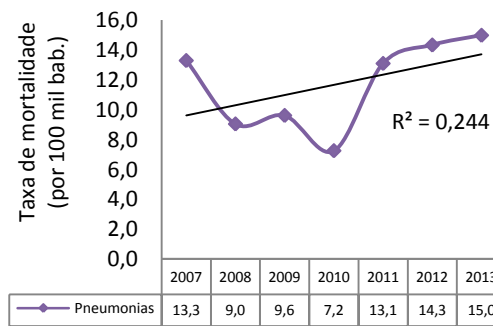
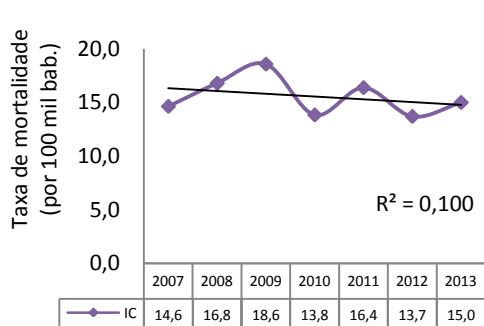
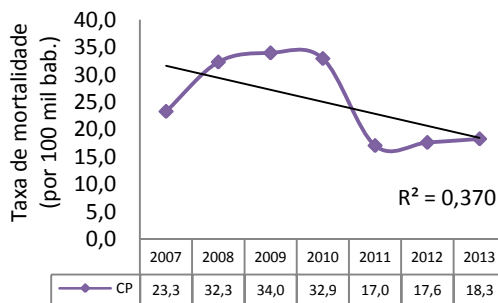
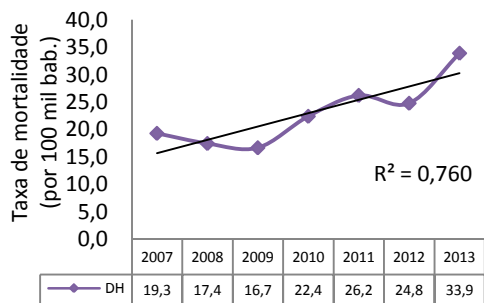
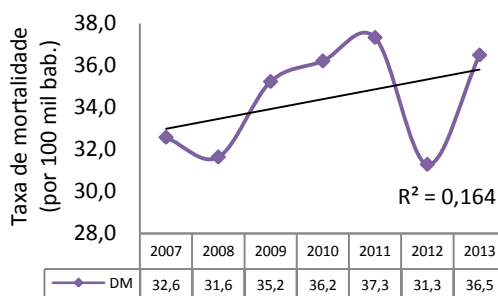
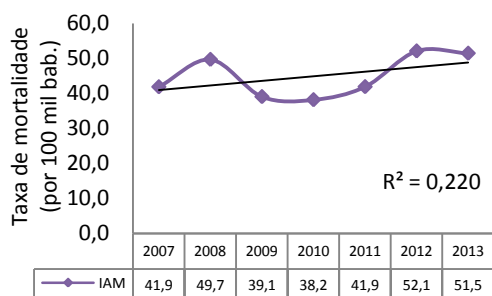
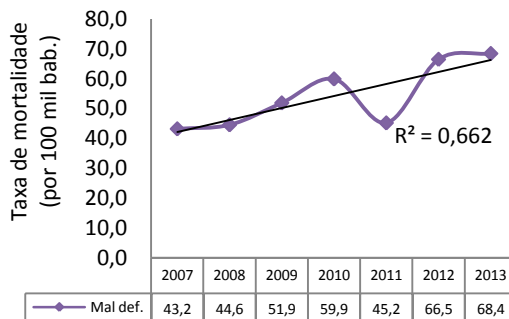
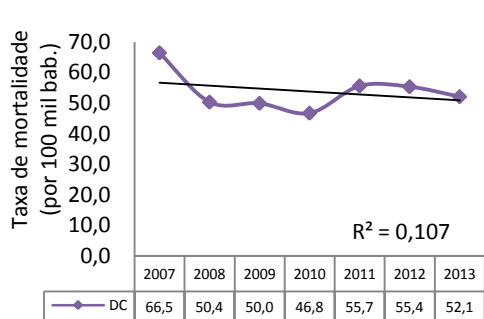
Tabela 02 – Frequência das principais causas de óbitos definidas na 10ª Região de Saúde do Estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.

CAUSAS DEFINIDAS	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	TOTAL
Mal definidas	65	69	81	91	69	102	105	582
Doenças cerebrovasculares	100	78	78	71	85	85	80	577
Infarto agudo do miocárdio	63	77	61	58	64	80	79	482
<i>Diabetes mellitus</i>	49	49	55	55	57	48	56	369
Homicídios	42	45	47	75	52	60	47	368
Demais causas perinatais	35	50	53	50	26	27	28	269
Acidentes de transito transporte	24	36	36	31	40	49	41	257
Doenças hipertensivas	29	27	26	34	40	38	52	246
Insuficiência cardíaca	22	26	29	21	25	21	23	167
Pneumonias	20	14	15	11	20	22	23	125

Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Das causas definidas de óbitos mais frequentes na 10ª RS, destacam-se no período avaliado as taxas de óbitos por causas mal definidas (Mal def.) e doenças hipertensivas (DH) por apresentarem tendências significativas de crescimento, tendo como base o período avaliado (Figura 05 - Mal def.; e DH). Nenhuma das causas de óbitos definidos demonstrados anteriormente como os mais frequentes na 10ª RS apresentaram tendência de declínio significativa (Figura 05).

Figura 05 – Tendência temporal da taxa de mortalidade devido às principais causas determinadas de óbitos observadas na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013 (DC-Doenças Cerebrovasculares; Mal. Def.-Mal Definidas; IAM-Infarto Agudo do Miocárdio; DM-Diabetes Mellitus; DH-Doenças Hipertensivas; CP-Causas Perinatais; IC-Insuficiência Cardíaca).



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.
Homicídios e acidentes de transporte estão descritos a seguir.

Observa-se na tabela 03 a Taxa Bruta de Mortalidade da 10ª RS do Estado e de seus respectivos municípios. Considera-se que esta taxa pode estar elevada devido às baixas condições socioeconômicas ou ainda ser reflexo de uma elevada proporção de pessoas idosas na população geral. No entanto, apesar do evidente crescimento observado da população idosa do Estado, acredita-se que a taxa bruta de mortalidade também esteja sofrendo influência em seu crescimento devido ao grande número de óbitos prematuros ocorridos por acidentes e homicídios (Figuras 07 e 08).

Tabela 03 – Taxa Bruta de mortalidade (por mil habitantes) observada na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.

LOCALIDADE	ANO						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
10ª RS	5,19	5,06	5,18	5,14	5,03	5,21	5,84
Água Branca	5,80	6,09	6,45	5,88	7,36	6,02	7,19
Delmiro Gouveia	6,31	5,69	5,72	6,01	5,40	6,12	6,49
Inhapi	4,37	4,35	5,39	5,47	5,03	5,77	6,56
Mata Grande	4,76	5,41	4,94	2,83	3,28	2,86	3,80
O. d'Água do Casado	4,42	5,25	2,94	4,48	4,07	3,56	5,86
Pariconha	5,09	4,47	5,50	5,37	6,33	7,20	6,42
Piranhas	3,89	3,37	3,82	5,03	3,95	4,42	4,68

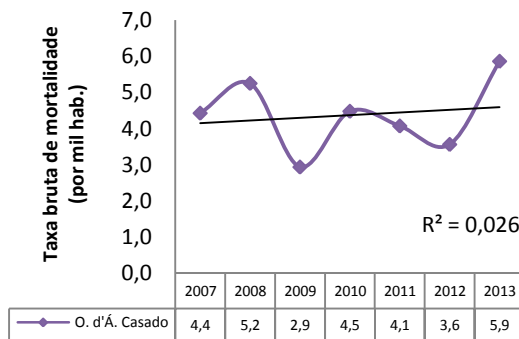
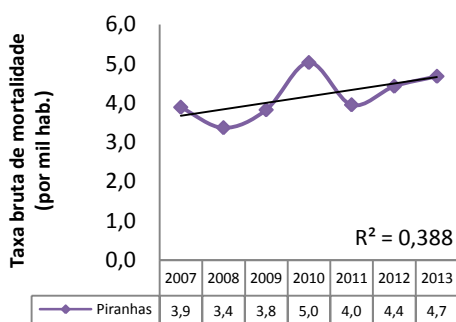
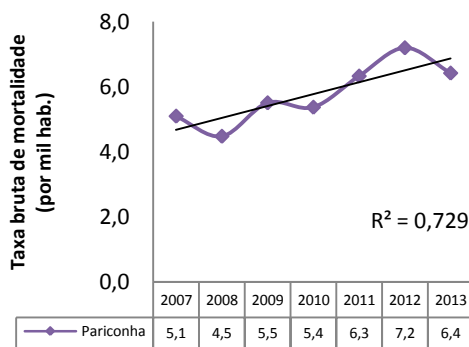
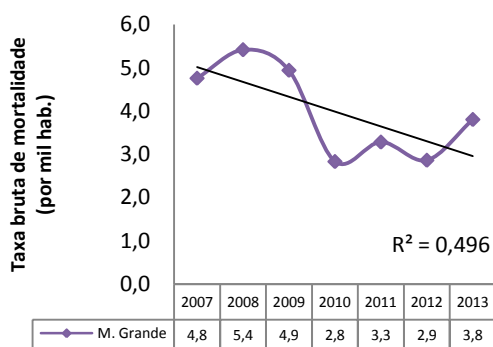
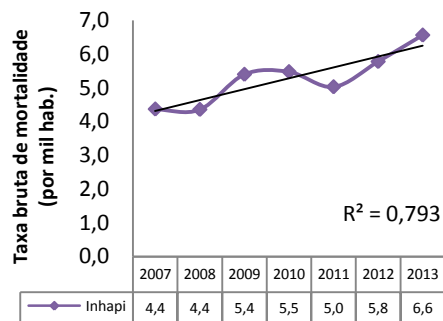
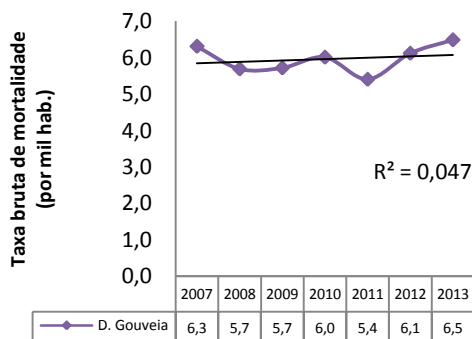
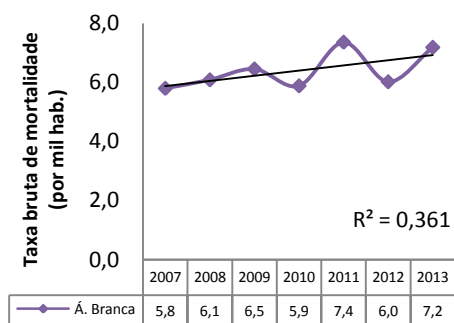
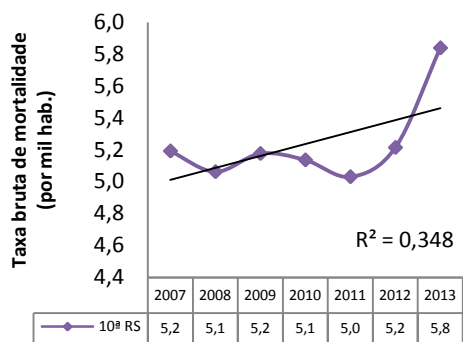
Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Os municípios de Pariconha e Inhapi destacam-se nesta RS por apresentarem em suas análises dos últimos sete anos tendências significativas de crescimento em suas taxas brutas de mortalidade, sendo as mesmas consideradas uma tendência forte (Figura 06). Mata Grande foi o único município que apresentou uma tendência significativa de declínio da taxa bruta de mortalidade (Figura 06), mesmo sendo uma tendência fraca ($R^2=0,496$). É importante chamar atenção que o aumento desta taxa pode estar associado a uma baixa condição socioeconômica apresentada pela população.

Entre os óbitos ocorridos devido às causas externas, os homicídios e acidentes de trânsito figuram como os mais importantes no estado. Na 10ª RS sua taxa média de mortalidade por 100 mil habitantes nos últimos sete anos foi de $34,3 \pm 7,6$ (homicídios) e $21,0 \pm 4,8$ (acidentes de trânsito). A análise temporal das taxas de mortalidade ocorridas por acidentes de trânsito demonstrou uma fraca tendência de crescimento nesta RS ($R^2= 0,5913$). Vale destacar que a partir de 2009 esta taxa subiu drasticamente nesta região, conforme pode ser constatado na Figura 07.

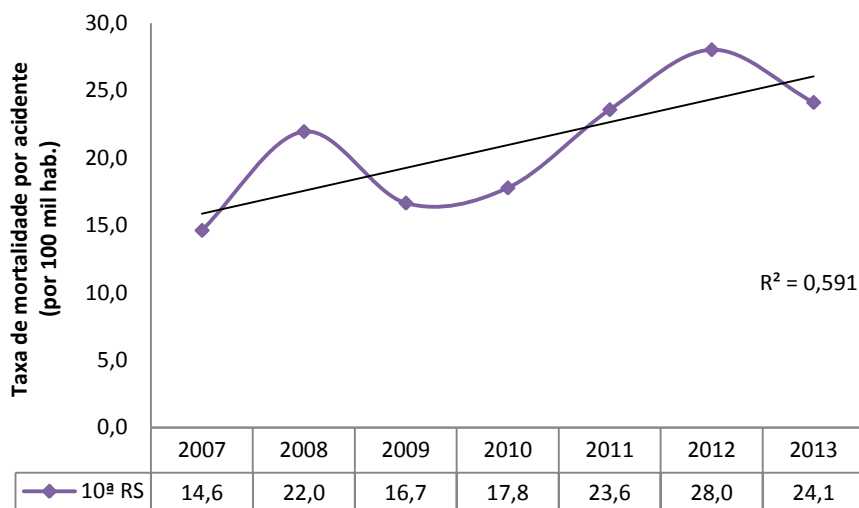
A taxa de mortalidade por homicídio observada na 10ª RS do estado de Alagoas não apresentou uma tendência significativa de crescimento quando avaliados os últimos sete anos (2007 a 2013) (Figura 08).

Figura 06 – Tendência temporal da Taxa bruta de mortalidade (por mil habitantes) observada na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, segundo seus respectivos municípios, período de 2007 a 2013.



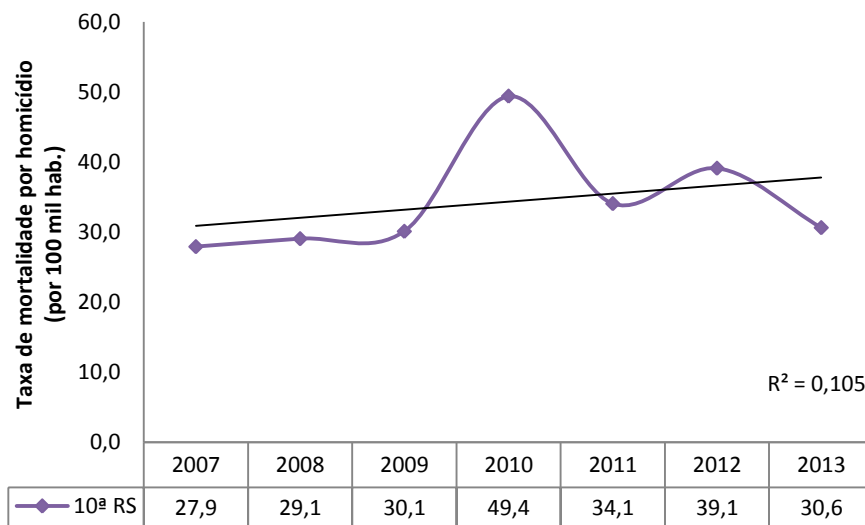
Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Figura 07 – Tendência temporal da taxa de mortalidade por acidentes de trânsito observados na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Figura 08 – Tendência temporal da taxa de mortalidade por homicídios observados na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Os óbitos por causas externas representam para a 10ª RS do estado de Alagoas um prejuízo de mais de 27 mil anos de vida perdidos precocemente quando avaliados todos os óbitos ocorridos no período de 2007 a 2012. Avaliando especificamente as causas externas, conclui-se que os homicídios

geraram um impacto pouco maior em relação aos anos de vida perdidos prematuramente do que os acidentes de transporte. Esta relação apresenta-se como a mais baixa que foi observada no Estado, quando comparadas às demais RS e inclusive a todo o estado, demonstrando que os acidentes e homicídios possuem impactos aproximados nesta RS. Verificam-se na tabela 04 os anos potenciais perdidos de vida, a média de anos de vida perdidos por indivíduo e a média de idade que ocorreram os óbitos.

Tabela 04 – Anos potenciais de vida perdido segundo algumas causas de óbito observado na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, referente aos óbitos acumulados do período de 2007 a 2013.

LOCALIDADE	ANOS POTENCIAIS DE VIDA PERDIDOS (APVP) - ANOS		
	APVP GERAL	APVP MÉDIO	MÉDIA DE IDADE AO MORRER
Causas Externas	27.473,0	36,2	33,8
Homicídios	13.372,0	37,2	32,8
Doença do Aparelho Circulatório	11.250,5	16,6	53,4
Acidentes de Transporte	7.459,5	34,4	35,6
Câncer Primário	5.708,0	20,3	49,7
Afogamento	2.873,0	41,6	28,4
Diabetes Mellitus	2.095,0	13,1	57,0
Queda	472,5	24,9	45,1

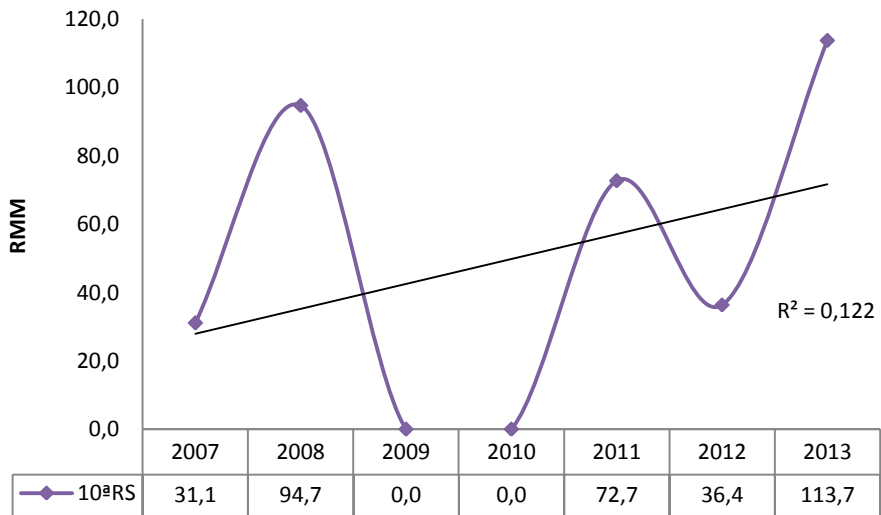
Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Na 10ª RS a Razão de Mortalidade Materna (RMM) não apresentou uma tendência definida quando avaliado o período de 2007 a 2013. Fato que chama atenção no período é a observação de que não houve notificações de óbitos maternos nos anos de 2009 e 2010. No ano de 2003, verifica-se que este indicador apresentou seu maior índice observado em todo o período avaliado (Figura 09).

Demonstra-se através de análise da série histórica dos últimos sete anos (2007 a 2013) que a Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) na 10ª RS apresenta uma fraca tendência de declínio. Deve-se considerar que o cálculo da tendência sofreu influência do aumento que ocorreu em 2008, e que ao observar a série histórica demonstrada na Figura 10 (10ª RS), verifica-se que no ano subsequente foi prontamente compensada (Figura 10). A redução da TMI observada entre os extremos do período foi de 10,9%. Observou-se no ultimo ano avaliado um crescimento de 13,2% nesta taxa.

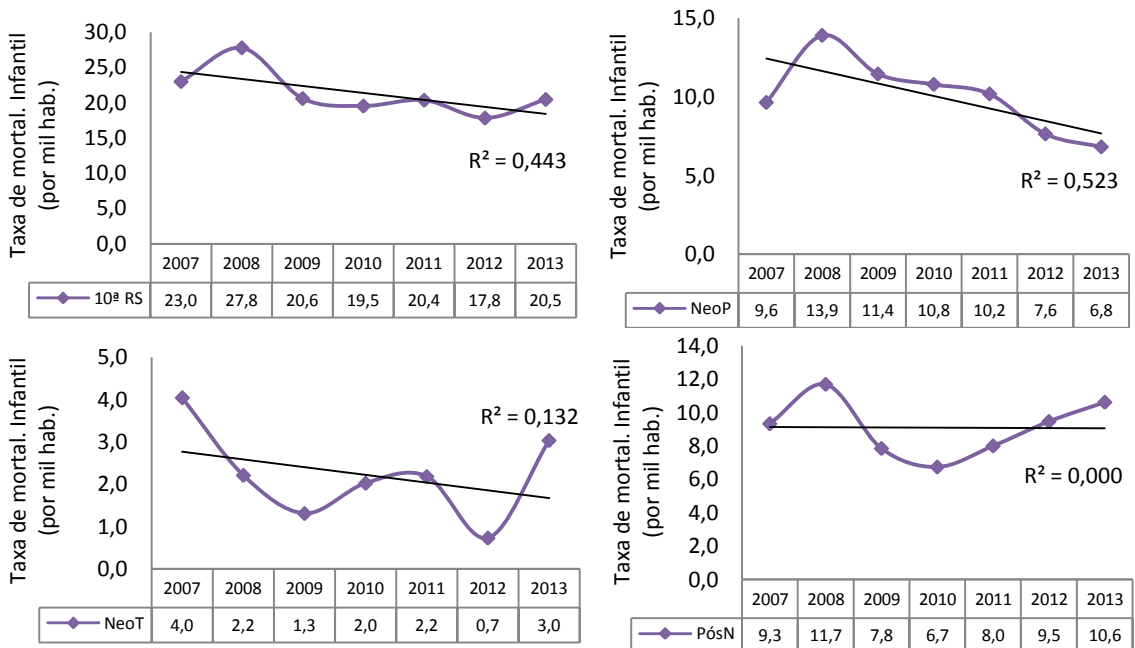
Dos componentes da TMI, apenas o Neo precoce apresentou uma fraca tendência de declínio, no entanto, observa-se que o componente apresenta uma redução de 29,2% quando considerado todo o período avaliado (Figura 10).

Figura 09 – Tendência temporal da Razão de Mortalidade Materna (RMM) observada na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Figura 10 – Tendência temporal da Taxa de Mortalidade Infantil (TMI), segundo seus componentes: Neo Precoce (NeoP); Neo Tardia (NeoT); Pós Neonatal (PósN). 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

